

C E E J A



MUNDO DO
TRABALHO

LÍNGUA PORTUGUESA

CADERNO DO ESTUDANTE

ENSINO FUNDAMENTAL
ANOS FINAIS
VOLUME 3

Nos Cadernos do Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho/CEEJA são indicados sites para o aprofundamento de conhecimentos, como fonte de consulta dos conteúdos apresentados e como referências bibliográficas. Todos esses endereços eletrônicos foram verificados. No entanto, como a internet é um meio dinâmico e sujeito a mudanças, a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação não garante que os sites indicados permaneçam acessíveis ou inalterados, após a data de consulta impressa neste material.

A Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação autoriza a reprodução do conteúdo do material de sua titularidade pelas demais secretarias do país, desde que mantida a integridade da obra e dos créditos, ressaltando que direitos autorais protegidos* deverão ser diretamente negociados com seus próprios titulares, sob pena de infração aos artigos da Lei nº 9.610/98.

* Constituem “direitos autorais protegidos” todas e quaisquer obras de terceiros reproduzidas neste material que não estejam em domínio público nos termos do artigo 41 da Lei de Direitos Autorais.

Língua Portuguesa : caderno do estudante. São Paulo: Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação (SDECTI) : Secretaria da Educação (SEE), 2014.
il. - - (Educação de Jovens e Adultos (EJA) : Mundo do Trabalho modalidade semipresencial, v. 3)

Conteúdo: v. 3. 8º ano do Ensino Fundamental Anos Finais.
ISBN: 978-85-8312-045-2 (Impresso)
978-85-8312-080-3 (Digital)

1. Língua Portuguesa – Estudo e ensino. 2. Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Ensino Fundamental Anos Finais. 3. Modalidade Semipresencial. I. Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação. II. Secretaria da Educação. III. Título.

CDD: 372.5

FICHA CATALOGRÁFICA

Tatiane Silva Massucato Arias – CRB-8 / 7262



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Geraldo Alckmin
Governador

**Secretaria de Desenvolvimento Econômico,
Ciência, Tecnologia e Inovação**

Nelson Luiz Baeta Neves Filho
Secretário em exercício

Maria Cristina Lopes Victorino
Chefe de Gabinete

Ernesto Mascellani Neto
*Coordenador de Ensino Técnico,
Tecnológico e Profissionalizante*

Secretaria da Educação

Herman Voorwald
Secretário

Cleide Bauab Eid Bochixio
Secretária-Adjunta

Fernando Padula Novaes
Chefe de Gabinete

Maria Elizabete da Costa
Coordenadora de Gestão da Educação Básica

Mertila Larcher de Moraes
Diretora do Centro de Educação de Jovens e Adultos

Adriana Aparecida de Oliveira
Adriana dos Santos Cunha
Luiz Carlos Tozetto
Virgínia Nunes de Oliveira Mendes
Técnicos do Centro de Educação de Jovens e Adultos

Concepção do Programa e elaboração de conteúdos

Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação

Coordenação Geral do Projeto

Ernesto Mascellani Neto

Equipe Técnica

Cibele Rodrigues Silva, João Mota Jr. e Raphael Lebsa do Prado

Fundação do Desenvolvimento Administrativo – Fundap

Wanderley Messias da Costa

Diretor Executivo

Márgara Raquel Cunha

Diretora de Políticas Sociais

Coordenação Executiva do Projeto

José Lucas Cordeiro

Coordenação Técnica

Impressos: Dilma Fabri Marão Pichoneri

Vídeos: Cristiane Ballerini

Equipe Técnica e Pedagógica

Ana Paula Alves de Lavos, Cláudia Beatriz de Castro N. Ometto, Clélia La Laina, Elen Cristina S. K. Vaz Döppenschmitt, Emily Hozokawa Dias, Fernando Manzieri Heder, Herbert Rodrigues, Laís Schalch, Liliane Bordignon de Souza, Marcos Luis Gomes,

Maria Etelvina R. Balan, Maria Helena de Castro Lima, Paula Marcia Ciacco da Silva Dias, Rodnei Pereira, Selma Venco e Walkiria Rigolon

Autores

Arte: Carolina Martins, Eloise Guazzelli, Emily Hozokawa Dias, Gisa Picosque e Lais Schalch; *Ciências:* Gustavo Isaac Killner, Maria Helena de Castro Lima e Rodnei Pereira; *Geografia:* Cláudia Beatriz de Castro N. Ometto, Clodoaldo Gomes Alencar Jr., Edilson Quintiliano dos Santos, Liliane Bordignon de Souza e Mait Bertollo; *História:* Ana Paula Alves de Lavos, Fábio Luis Barbosa dos Santos e Fernando Manzieri Heder; *Inglês:* Clélia La Laina e Eduardo Portela; *Língua Portuguesa:* Claudio Bazzoni, Giulia Mendonça e Walkiria Rigolon; *Matemática:* Antonio José Lopes, Marcos Luis Gomes, Maria Etelvina R. Balan e Paula Marcia Ciacco da Silva Dias; *Trabalho:* Maria Helena de Castro Lima e Selma Venco (material adaptado e inserido nas demais disciplinas)

Gestão do processo de produção editorial

Fundação Carlos Alberto Vanzolini

Mauro de Mesquita Spínola

Presidente da Diretoria Executiva

José Joaquim do Amaral Ferreira

Vice-Presidente da Diretoria Executiva

Gestão de Tecnologias em Educação

Direção da Área

Guilherme Ary Plonski

Coordenação Executiva do Projeto

Angela Sprenger e Beatriz Scavazza

Gestão do Portal

Luis Marcio Barbosa, Luiz Carlos Gonçalves, Sonia Akimoto e Wilder Rogério de Oliveira

Gestão de Comunicação

Ane do Valle

Gestão Editorial

Denise Blanes

CTP, Impressão e Acabamento

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Equipe de Produção

Assessoria pedagógica: Ghisleine Trigo Silveira

Editorial: Carolina Grego Donadio e Paulo Mendes

Equipe Editorial: Adriana Ayami Takimoto, Airton Dantas de Araújo, Amanda Bonuccelli Voivodic, Ana Paula Santana Bezerra, Bárbara Odria Vieira, Bruno Pontes Barrio, Camila De Pieri Fernandes, Cláudia Letícia Vendrame Santos, David dos Santos Silva, Jean Kleber Silva, Lucas Puntel Carrasco, Mainã Greeb Vicente, Mariana Padoan de Sá Godinho, Patrícia Pinheiro de Sant'Ana, Tatiana Pavanelli Valsi e Thaís Nori Cornetta

Direitos autorais e iconografia: Aparecido Francisco, Camila Terra Hama, Fernanda Catalão Ramos, Mayara Ribeiro de Souza, Priscila Garofalo, Rita De Luca, Sandro Dominiquini Carrasco
Apoio à produção: Bia Ferraz, Maria Regina Xavier de Brito e Valéria Aranha

Projeto gráfico-editorial e diagramação: R2 Editorial, Michelangelo Russo e Casa de Ideias

Caro(a) estudante

É com grande satisfação que a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, em parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação, apresenta os Cadernos do Estudante do Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho para os Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos (CEEJAs). A proposta é oferecer um material pedagógico de fácil compreensão, que favoreça seu retorno aos estudos.

Sabemos quanto é difícil para quem trabalha ou procura um emprego se dedicar aos estudos, principalmente quando se parou de estudar há algum tempo.

O Programa nasceu da constatação de que os estudantes jovens e adultos têm experiências pessoais que devem ser consideradas no processo de aprendizagem. Trata-se de um conjunto de experiências, conhecimentos e convicções que se formou ao longo da vida. Dessa forma, procuramos respeitar a trajetória daqueles que apostaram na educação como o caminho para a conquista de um futuro melhor.

Nos Cadernos e vídeos que fazem parte do seu material de estudo, você perceberá a nossa preocupação em estabelecer um diálogo com o mundo do trabalho e respeitar as especificidades da modalidade de ensino semipresencial praticada nos CEEJAs.

Esperamos que você conclua o Ensino Fundamental e, posteriormente, continue estudando e buscando conhecimentos importantes para seu desenvolvimento e sua participação na sociedade. Afinal, o conhecimento é o bem mais valioso que adquirimos na vida e o único que se acumula por toda a nossa existência.

Bons estudos!

Secretaria da Educação
Secretaria de Desenvolvimento
Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação

APRESENTAÇÃO

Estudar na idade adulta sempre demanda maior esforço, dado o acúmulo de responsabilidades (trabalho, família, atividades domésticas etc.), e a necessidade de estar diariamente em uma escola é, muitas vezes, um obstáculo para a retomada dos estudos, sobretudo devido à dificuldade de se conciliar estudo e trabalho. Nesse contexto, os Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos (CEEJAs) têm se constituído em uma alternativa para garantir o direito à educação aos que não conseguem frequentar regularmente a escola, tendo, assim, a opção de realizar um curso com presença flexível.

Para apoiar estudantes como você ao longo de seu percurso escolar, o Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Mundo do Trabalho produziu materiais especificamente para os CEEJAs. Eles foram elaborados para atender a uma justa e antiga reivindicação de estudantes, professores e sociedade em geral: poder contar com materiais de apoio específicos para os estudos desse segmento.

Esses materiais são seus e, assim, você poderá estudar nos momentos mais adequados – conforme os horários que dispõe –, compartilhá-los com sua família, amigos etc. e guardá-los, para sempre estarem à mão no caso de futuras consultas.

Os Cadernos do Estudante apresentam textos que abordam e discutem os conteúdos propostos para cada disciplina e também atividades cujas respostas você poderá registrar no próprio material. Nesses Cadernos, você ainda terá espaço para registrar suas dúvidas, para que possa discuti-las com o professor sempre que for ao CEEJA.

Os vídeos que acompanham os Cadernos do Estudante, por sua vez, explicam, exemplificam e ampliam alguns dos assuntos tratados nos Cadernos, oferecendo informações que vão ajudá-lo a compreender melhor os conteúdos. São, portanto, um importante recurso com o qual você poderá contar em seus estudos.

Além desses materiais, o Programa EJA – Mundo do Trabalho tem um site exclusivo, que você poderá visitar sempre que desejar: <<http://www.ejamundodotrabalho.sp.gov.br>>. Nele, além de informações sobre o Programa, você acessa os Cadernos do Estudante e os vídeos de todas as disciplinas, ao clicar na aba **Conteúdo CEEJA**. Lá também estão disponíveis os vídeos de Trabalho, que abordam temas bastante significativos para jovens e adultos como você. Para encontrá-los, basta clicar na aba **Conteúdo EJA**.

Os materiais foram produzidos com a intenção de estabelecer um diálogo com você, visando facilitar seus momentos de estudo e de aprendizagem. Espera-se que, com esse estudo, você esteja pronto para realizar as provas no CEEJA e se sinta cada vez mais motivado a prosseguir sua trajetória escolar.

TENHO DÚVIDAS JÁ ESTUDEI **Unidade 1 - Sentidos dentro e fora dos textos.....9**Tema 1 – Interação com o autor e o texto (o conceito de coerência).....9 Tema 2 – Interação entre as partes do texto (o conceito de coesão).....22 **Unidade 2 - Fio de histórias...39**Tema 1 – Contos orais, contos escritos.....39 Tema 2 – Contos inovadores.....55 **Unidade 3 - Cartas: seus autores e seus leitores.....65**Tema 1 – Todas as cartas.....65 Tema 2 – Cartas que circulam em espaços públicos.....78 **Unidade 4 - O mundo em dicionários e enciclopédias.....93**Tema 1 – Pesquisas dentro e fora da escola.....93 Tema 2 – Dicionário: o pai dos sabidos!.....102 Tema 3 – Enciclopédias.....113 **Unidade 5 - O que fazem os poetas com as palavras.....125**Tema 1 – Onde está a poesia?.....125 Tema 2 – Os segredos dos poetas.....141

Caro(a) estudante,

Este Caderno de Língua Portuguesa tem o objetivo de levar você a aprofundar seus conhecimentos nas práticas de linguagem como leitura, fala, escuta e escrita. Espera-se que, desse modo, possa ampliar seu envolvimento com as palavras e fazer você se sentir cada vez mais confiante para se expressar e interpretar diversos textos, nos mais variados contextos, tendo uma melhor participação social e cidadã.

A construção de sentidos dos textos e a compreensão de como os autores entrelaçam ideias (coerência) e articulam as palavras e frases (coesão) para ligar um trecho de um texto ao trecho seguinte em composições escritas é o que será trabalhado na Unidade 1. Nela, você vai estudar esses conceitos, e descobrir por que um texto é muito mais que a soma de um conjunto de palavras e frases.

Na Unidade 2, vai aprofundar seus estudos sobre o conto, um gênero bastante versátil. Lembrará o que acontece com os contos da tradição oral que ganham versão escrita e poderá entrar em contato com os que já “nasceram” escritos. Vai ler e interpretar um conto e diversos minicontos – criações que têm, no máximo, 50 letras, mas que produzem enorme impacto no leitor.

Logo depois, na Unidade 3, você vai escrever, ler e analisar alguns gêneros de cartas, bem como conhecer características, estilos, valor histórico e outras informações sobre elas, que fazem com que a correspondência, ainda hoje, exerça uma importante função na vida das pessoas. Revisando as cartas que você vai redigir, além de aprimorar a produção escrita, aprenderá também a aplicar boas estratégias para reclamar e solicitar seus direitos.

Na Unidade 4, você vai ler e comparar diferentes verbetes, gêneros que são lidos principalmente quando se quer aprender algo de maneira mais formal e sistematizada, tendo em vista o que foi produzido pela humanidade e está disponível para pesquisa em obras de referência, como dicionários, dicionários temáticos e enciclopédias, sejam impressos ou virtuais.

Por fim, na Unidade 5, você vai ler, se emocionar e aprender com os poemas – um dos modos humanos de interpretar a vida e seus sentidos –, para ampliar seu repertório de textos poéticos. Vai ainda lidar com alguns recursos textuais que os poetas utilizam para expressar em versos as mais diversas emoções, de forma bem diferente do que fariam na linguagem cotidiana. Para aprender a construir sentidos dos textos desse gênero, cuidadosamente escritos para provocar reflexão, encantamento e emoção, você será convidado a reconstruir e explorar, na leitura de poemas, as estratégias textuais dos poetas.

Bons estudos!

TEMAS

1. Interação com o autor e o texto (o conceito de coerência)
2. Interação entre as partes do texto (o conceito de coesão)

Introdução

Nesta Unidade, você vai estudar, em atividades de leitura e análise de textos de diferentes gêneros, os conceitos de coerência e coesão textuais. Verá como os sentidos de um texto se constroem dentro e fora dele – na relação entre autor e leitor –, e como isso é importante tanto para escrever como para ler. Além disso, conhecerá diferentes estratégias que os autores utilizam para “costurar” as ideias em seu texto, “amarrando” um termo a outro e estabelecendo relações entre um trecho e os seguintes.

Interação com o autor e o texto
(o conceito de coerência)

TEMA 1

Você vai estudar o que é coerência, para perceber a estreita relação que há entre esse conceito e a interpretação dos textos.

Quando se fala em coerência, é possível que a primeira ideia que venha à mente seja a de ligação, nexos, lógica ou harmonia entre fatos, situações ou ideias.

Pensando no que foi dito no parágrafo anterior, não é possível considerar coerente a frase “Os salários são baixos porque a compra de revistas não é frequente”. Você saberia dizer por quê?

Do modo como está escrita, a frase leva a pensar que, se fossem compradas mais revistas, os salários aumentariam. Já pensou que maravilha? Mas as pessoas precisam de dinheiro para comprar revistas, e, se o salário delas é baixo, não adiantaria comprá-las para resolver esse problema.

A frase, portanto, é incoerente, isto é, não tem lógica, não tem nexos, não tem coerência. Para um texto ser coerente, é preciso que o leitor identifique uma interligação de ideias que se complementam.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Considerando o conceito de coerência apresentado – ligação, nexos, lógica ou harmonia entre fatos ou ideias –, responda às questões a seguir:

1 Faça uma lista de situações cotidianas que para você podem ser consideradas incoerentes.

2 Em sua opinião, é possível que algumas pessoas considerem uma situação coerente, enquanto outras considerem a mesma situação incoerente? Por quê?

3 Quando alguém diz *aja com coerência*, o que essa pessoa espera que se faça?

4 Por que, em sua opinião, os conhecimentos adquiridos ao longo da vida podem ajudar na compreensão de um texto?



Coerência

A palavra *texto*, em seu sentido original, tem relação com tecido, pano, estofado. Significa obra feita de muitas partes reunidas, partes entrançadas, entrelaçadas.

Como o tecido, que é formado por vários fios entrelaçados, um texto é construído de um conjunto de circunstâncias que o definem: contexto social e cultural, momento histórico. Os leitores também são afetados pelas mesmas circunstâncias, por isso não interpretam textos apenas com o conhecimento que têm da língua. Em uma leitura, para construir os sentidos, é preciso mobilizar todos os saberes.

Assim, a construção dos sentidos de um texto sempre dependerá da interpretação do leitor (ou ouvinte), que a realiza com base em seus conhecimentos sobre a língua portuguesa e em outros conhecimentos pessoais, adquiridos por meio de experiências e convívio social.





VOCÊ SABIA?

A piada – texto comumente curto, com diálogo e, por vezes, palavras de duplo sentido – é um gênero textual que pode ajudá-lo a entender o que é coerência.

Sua principal característica é a quebra daquilo que é esperado pelo leitor e a reação provocada por esse fato. Por isso, ela exige conhecimento do tema de que trata, bem como agudeza, ou seja, esperteza, por parte do ouvinte ou do leitor, para tudo acabar em boas risadas. O mesmo acontece com as tirinhas.

Toda piada, para que não precise ser explicada, exige que se realize uma construção de sentido e, quando isso acontece, é inevitável entrar no domínio da coerência.

Um texto será coerente sempre que for possível ao leitor atribuir um sentido para ele. É por isso que se diz que a coerência não está apenas no texto, mas é construída pelo leitor, com base no que vem proposto pelo texto.

As atividades ajudarão a tornar esse conceito mais claro.

Tirinhas são histórias curtas que reúnem, muitas vezes, imagens e textos escritos em balões. Algumas tirinhas só têm imagens. Elas são, geralmente, publicadas em jornais impressos e virtuais ou em blogs.

As tirinhas são divididas em quadros, e cada um deles apresenta uma cena da história. Os balões de cada quadro trazem, por escrito, falas e pensamentos das personagens. Alguns dos escritos são onomatopeias, isto é, palavras que reproduzem sons. Exemplos: *toc-toc-toc* (bater na porta); *atchim* (espirro); *miau* (miado); *au-au* (latido de cachorro) etc.

Se esse gênero de história for mais longo, passa a chamar-se **história em quadrinhos** ou **HQ**. Atualmente, há inúmeros modos de escrever HQs: elas podem ser de aventuras, de entretenimento, de terror etc. As HQs, em geral, são publicadas em revistas ou gibis, outro modo pelo qual são conhecidas. Seus autores são chamados quadrinistas. O primeiro quadrinista brasileiro foi Ângelo Agostini, que publicava quadrinhos no jornal *Vida Fluminense*.

ATIVIDADE

1 É coerente ou não?

1 Antes de ler e analisar algumas tirinhas, responda às questões abaixo:

a) Em sua opinião, o que há de particular nas tirinhas quanto à maneira de abordar os mais variados temas relacionados à vida humana?

b) Pense nas piadas que conhece e, em seguida, marque um X nas alternativas que, para você, são próprias desse gênero textual:

- Piadas em geral abordam temas proibidos ou politicamente incorretos.
- Piadas podem ser contadas em qualquer lugar.
- Piadas costumam ser evitadas em certos círculos sociais comportados e polidos.
- O que torna uma piada engraçada é o modo como ela quebra as expectativas de quem a ouve ou lê.
- O sentido de uma piada já está pronto. O ouvinte só precisa rir, sem que seja necessário construir o sentido do texto.

2 Leia a tirinha de Fernando Gonsales e responda:



GONSALES, Fernando. *Niquel Náusea*. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/niquel/>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

a) Você achou a tirinha engraçada? Por quê?

b) Você acha que a centopeia tem razão de ficar chateada por não ter ganhado o papel principal da peça? Por quê?

c) Em sua opinião, alguém que não conhecesse a figura do saci-pererê acharia a tirinha divertida? O que essa pessoa não compreenderia?

d) Em sua opinião, essa tirinha foi produzida com que finalidade?

FICA A DICA!

Para dar boas gargalhadas, acesse sites ou consulte livros que trazem outras tirinhas. Aí vão algumas sugestões:

- GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea: com mil demônios!!* São Paulo: Devir, 2002.
- GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea: vá pentear macacos!* São Paulo: Devir, 2004.
- GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea: em boca fechada não entra mosca.* São Paulo: Devir, 2008.
- GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea – site oficial.* Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/niquel/>>. Acesso em: 25 fev. 2014.
- QUINO. *Toda Mafalda.* São Paulo: Martins Fontes, 1991.

3 No livro *Diga-me com que carro andas e te direi quem és!*, Caco Galhardo (2001) publicou a série *36 jeitos de ver um mosquito esmagado na parede*, que apresenta 36 leituras diferentes para um mesmo acontecimento: um mosquito esmagado na parede. Veja algumas dessas leituras.



GALHARDO, Caco. *Diga-me com que carro andas e te direi quem és!* São Paulo: Via Lettera, 2001, p. 27-29.



Considerando que você, como qualquer leitor, constrói sentidos para o que lê, responda:

a) Das leituras apresentadas, há alguma que você achou incoerente? Por quê?

b) Qual leitura você faria do acontecimento “um mosquito esmagado na parede”?

c) Como um professor leria esse acontecimento?

d) Como você explica que um mesmo fato possa ter tantas leituras?

ATIVIDADE 2 Mais coerência...

1 Encontre no bloco 2 o trecho que dê continuidade coerente a cada texto do bloco 1.

Bloco 1

a) “Olha a quantidade de propaganda de vitamina que você vê na televisão.” (Drauzio Varella, médico).

As grandes entrevistas de Caros Amigos, n. 2, São Paulo: Editora Caros Amigos, 2001, p. 22.



b) “Eu sei que agora pode parecer sonho defender as etnias. Que estamos em um mundo universalizado, não existem nem os países, não há fronteiras, elas são informatizadas. [...] Na Europa, na Ásia, na África... Eu **auguro** uma mundialização no bom sentido da palavra.” (Dom Pedro Casaldáliga, bispo da Igreja Católica).

As grandes entrevistas de Caros Amigos, n. 2, São Paulo: Editora Caros Amigos, 2001, p. 45.

c) “Isso é uma crítica que eu faço. Acho que a imprensa contribui para esse quadro de violência fortemente.” (Caco Barcellos, jornalista).

As grandes entrevistas de Caros Amigos, n. 2, São Paulo: Editora Caros Amigos, 2001, p. 18.

d) “Aquele foi talvez o momento de maior aprendizado que tive na vida.” (Sócrates, ex-jogador de futebol).

CAROS Amigos, ano IV, n. 45, p. 35, dez. 2000.

e) “Eu estou aqui dentro de uma revista, atípica, mas a gente sabe que jornalismo é uma forma de ficção que tem suas regras próprias, não é?” (Augusto Boal, ex-diretor de teatro).

CAROS Amigos, ano IV, n. 48, p. 32, mar. 2001.

Bloco 2

“[...] Porque nunca, até agora, a humanidade se sentiu de fato uma, com todas as desgraças, tensões e diferenças. Acredito que a gente possa se sentir parte da mesma humanidade, sabendo também aceitar as diferenças de cultura. Se passarmos por cima das diferenças de cultura, vamos ter uma humanidade sem alma.”

“[...] Claro que você tem de hierarquizar responsabilidades, não sei quem é o maior responsável, chutaria primeiro o empresariado, os concentradores de renda. Mas acho que a imprensa vem logo ali atrás. Justiça, eu acho que é devedora: a renda de 97 por cento da população carcerária brasileira é de dois salários-mínimos. Que justiça é essa, não é? Eu quero culpar só a Justiça? Claro que não. Ela é a ponta.”

“[...] Uma mesma notícia, se você põe na primeira página em letras garrafais, ganha uma importância extraordinária: mas, se você põe em letras minúsculas na sétima página, ela vira uma banalidade. Então, o jornalismo fabrica e a gente sabe que o jornalismo no Brasil é possuído por algumas poucas famílias, e essas poucas famílias dizem o que é bom e o que é ruim.”



“[...] Porque essa é a vantagem do esporte, te coloca junto com outras realidades sociais. Além disso, não, porque no colégio particular todo mundo está no mesmo nível, mas, quando fui para o Botafogo com 15 anos, comecei a conviver com aquilo de que só tinha ouvido falar: fome, desemprego, desnutrição. E muito proximamente, porque sempre estava muito junto das pessoas.”

“[...] Tudo isso é só marketing, mais nada, não há nenhuma evidência científica – respeitados os limites da desnutrição, lógico –, nenhum estudo mostrando que você consegue melhorar seu nível de saúde com vitaminas, ou prevenir qualquer doença.”

ATIVIDADE 3 Conexões perigosas

1 Leia, a seguir, um dos sentidos da palavra *coerência*:

Coerência

Relação lógica e harmônica entre ideias, atos, situações etc. [...]

© IDicionário Aulete. <www.aulete.com.br>

Verifique em quais das frases a seguir está faltando coerência. Assinale-as.

- a) Meu time jogou muito mal ontem, mas perdeu o jogo.
- b) Estabelecer o que é beleza tem proporcionado, no decorrer da história, mais controvérsias do que consenso.
- c) A leitura exige um esforço de concentração que os programas de TV não exigem, por isso é mais fácil ler do que assistir à TV.
- d) No mundo do consumo, os comerciais de TV por si sós não garantem o sucesso de venda de produtos, pois cada vez mais são utilizados pelos anunciantes.

As conjunções ligam as orações em um período, por isso são consideradas conectivos. Observe alguns exemplos de conectivos e a ideia que podem exprimir:

Introduzem ideia de **adição**: e, nem, mas também, mas ainda.

Introduzem ideia de **quebra de expectativa**: mas, porém, contudo, entretanto, no entanto, todavia.

Introduzem ideia de **alternativa**: ou, ora, quer... quer.

Introduzem **conclusão**: logo, portanto, então, pois (depois do verbo).

Introduzem **explicação**: pois (antes do verbo), porque, que.



- 2 Leia em voz alta a *Carta à Ana Elvira* e responda às questões propostas.

Querida Ana **Ervilha**

Hoje cedo vi lágrimas nos seus **alhos**. Que **couve**? Algum **pepino**?

Me conte, andaram falando **abobrinhas** na tua **segurelha**? Ou foi aquela velha **escarola** da Betty Rabs que disse que você engordou? Que **quiabos**! Você não **melancia** uma coisa dessas! E, além disso, veja quem fala: você não vê que ela é meio **acelga**? Olhe, tenho um remédio que é **batata** nesses casos. Diga àquela distinta **cenoura** que você é feliz como é e mande-a às **favas**! Não a deixe ganhar essa **bertalha** tão fácil, ela merece uma surra de **chicória**!

Tomate que você melhore logo! Quero ver o sorriso voltar às suas **alfaces**! Se precisar de alguém para ajudá-la a descascar mais algum **abacaxi**, conte **cominho**.

Sua amiga do coração (de **alcachofra**),

Horta Alice

PAMPLONA, Rosane. *Histórias de dar água na boca: lembranças gastronômicas, histórias e receitas*. São Paulo: Moderna, 2008, p. 34. (ênfases adicionadas)

- a) Em sua opinião, o que pode parecer incoerente na carta?

- b) Quais das palavras destacadas você usa cotidianamente com o mesmo sentido da carta de Ana Elvira?

- c) Em sua opinião, como o leitor da *Carta à Ana Elvira* consegue perceber o que se pretende dizer nos trechos em que há termos destacados?

- d) Que relações poderiam ser estabelecidas entre a *Carta à Ana Elvira* e a obra *Verão*, de Giuseppe Arcimboldo?



© Erich Lessing/Album/Contrasto

Giuseppe Arcimboldo. *Verão*, 1573. Óleo sobre tela, 76 cm × 64 cm. Museu do Louvre, Paris, França.



HORA DA CHECAGEM

É hora de você conferir suas respostas às atividades propostas. Lembre-se de que há muitas maneiras de elaborar uma resposta. Se for necessário, complete o que escreveu, mas lembre-se de que uma resposta pode estar correta mesmo que tenha sido escrita com palavras diferentes das que vai ler a seguir.

Atividade 1 - É coerente ou não?

1

a) O objetivo das questões propostas é relembrar seus conhecimentos. As tirinhas são compostas geralmente de poucos quadros e apresentam um texto que alia o verbal e o visual. Aborda com humor os mais variados temas.

b) Veja se você assinalou as alternativas: “Piadas em geral abordam temas proibidos ou politicamente incorretos”, “Piadas costumam ser evitadas em certos círculos sociais comportados e polidos”, “O que torna uma piada engraçada é o modo como ela quebra as expectativas de quem a ouve ou lê”.

2

a) A resposta é pessoal. Não há *certo* ou *errado*, mas não basta responder apenas sim ou não. É preciso justificar sua resposta.

b) Você pode ter respondido *não*. Como uma centopeia com tantas pernas representaria a figura do saci-pererê, personagem da cultura popular brasileira, menino negro, que fuma cachimbo, usa um gorro e tem uma perna só?

c) É muito provável que alguém que não conheça a figura do saci-pererê não ache a tirinha divertida. Só entende a cara e o “silêncio” da baratinha no último quadro quem conhece a figura do saci-pererê, pois só o conhecendo é possível entender que é absurda a indignação da centopeia.

d) Uma resposta possível seria que a tirinha foi produzida para divertir o leitor. Também para fazê-lo refletir sobre comportamentos humanos.

3

a) Não há leituras incoerentes, há leituras diferentes para o mesmo acontecimento. Cada leitor dá sentido ao que lê de acordo com suas vivências, seus referenciais, suas intenções e seus objetivos.

b) A resposta é pessoal. Você poderia divertir-se com ela, imaginando como as pessoas (inclusive você) que exercem sua profissão perceberiam o inseto esmagado na parede.

c) Há muitas respostas possíveis. Mas um professor veria na cena uma oportunidade de ensinar algo a seus alunos. Você poderia pensar que o professor diria algo assim: *Vamos analisar esse acontecimento, considerando três aspectos importantes...*

d) As leituras diferentes para o mesmo acontecimento – um mosquito esmagado na parede – são explicáveis quando se supõe que em um texto existem sempre espaços em “branco” a serem completados pelo leitor que, partindo de seus conhecimentos e de suas vivências, os preenche para dar sentido ao que lê. Assim, cada um dos leitores, apesar de estar diante do mesmo texto, pode atribuir-lhe diferentes sentidos. Ler não é encontrar o sentido desejado pelo autor, mas



constituir/construir sentidos. A atividade demonstra que a coerência não está apenas no texto, mas é construída a partir dele pelo leitor ou ouvinte.

Atividade 2 - Mais coerência...

1 Você deve ter procurado pistas para relacionar o trecho de cada bloco. Na letra *a*, o médico Drauzio Varella fala de vitaminas. A única possibilidade para estabelecer nexos com essa alternativa é a última frase do bloco 2, em que se lê que não se consegue melhorar o nível de saúde com vitaminas, ou prevenir qualquer doença. Veja se a sequência de letras no bloco 2 ficou a seguinte: *b, c, e, d, a*.

Atividade 3 - Conexões perigosas

1 Está faltando coerência nas frases *a, c, d*. Na letra *a*, a frase ganharia coerência se estivesse escrito: “Meu time jogou muito mal ontem, por isso perdeu o jogo”. Na letra *c*, a frase ganharia coerência se estivesse escrito: “A leitura exige um esforço de concentração que os programas de TV não exigem, por isso é mais fácil assistir à TV do que ler”. Na letra *d*, a frase ganharia coerência se você fizesse duas alterações: suprimisse o *não* e trocasse o conectivo *pois* por *por isso*. Assim, ficaria: “No mundo do consumo, os comerciais de TV por si sós garantem o sucesso de venda de produtos, por isso cada vez mais são utilizados pelos anunciantes.”

2 Não deixe de ler em voz alta o texto *Carta à Ana Elvira*. Você deve ter rido com a troca de palavras (Ervilha/Elvira, alhos/olhos, couve/houve etc.).

a) Você pode ter respondido que o que torna incoerente a carta é a troca de palavras: Ervilha/Elvira, alhos/olhos, couve/houve, quiabos/diabos, acelga/cega etc.

b) Palavras como “pepino” e “abobrinhas” estão sendo usadas no sentido atribuído em uma linguagem informal.

c) Verifique se você escreveu que, para compreender as palavras em destaque, o leitor se vale da proximidade sonora entre palavras (alhos/olhos), da relação entre palavras, como “lágrimas” e “olhos/alhos”, e considera a situação de uso e outros recursos da língua, percebendo a troca de termos.

A carta foi escrita com a intenção clara de divertir o leitor. Assim, já que a coerência não está somente no texto, é fundamental que o leitor use todo o seu conhecimento da língua, de mundo e de suas vivências cotidianas para dar sentido ao texto.

d) É possível estabelecer um paralelo entre a obra *Verão*, de Giuseppe Arcimboldo, e a *Carta à Ana Elvira*, de Rosane Pamplona, pois, da mesma forma que o texto escrito troca palavras por nomes de vegetais que têm som semelhante, a pintura substitui partes do rosto por raízes e vegetais.



Registro de dúvidas e comentários





A series of horizontal lines for writing, spanning the width of the page.





Você já viu que a palavra *texto* tem relação com *tecido*, com *entrelaçamento*. Viu também que sempre que se tenta construir sentidos para o que se lê, se ouve e se vê é preciso recorrer ao que já se sabe. Agora é o momento de ver como se dá o encadeamento (a amarração, a costura) e a estruturação dos termos que compõem o texto: a coesão textual.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Antes de saber um pouco mais sobre o conceito de coesão, responda:

1 O que significa afirmar que um time de futebol, de basquete ou de outro esporte coletivo é um time coeso? Times coesos são fáceis de ser derrotados? Por quê?

2 Um roteiro de uma novela ou de um filme é um texto escrito para orientar, passo a passo, a filmagem. Em um filme ou uma novela existem várias cenas, por isso o roteiro é construído com cortes e vínculos entre cenas e personagens da história. Para ligar uma cena a outra, há muitos recursos. Por exemplo, se a cena acaba com a câmera focalizando uma flor e a cena seguinte se inicia com a câmera focalizando uma moça recebendo uma flor, essa flor é o elemento de ligação. Com base nessas informações, responda: Quando os cortes são bem-feitos, é mais fácil compreender a história? Por quê?

3 Ao costurar um tecido, entrelaçam-se os fios até que as partes do pano fiquem bem “ligadas”. Que cuidados, em sua opinião, deve-se ter para entrelaçar/unir as palavras em um texto?





A amarração no texto – o conceito de coesão

Coesão relaciona-se com união, com ideias amarradas ou ligadas. Para que esse processo ocorra, é preciso observar duas coisas: a) a maneira como, em um texto, um termo liga-se a outro, substituindo-o por sinônimos ou pronomes, ou como um termo retoma algo que já foi dito, ou antecipa o que se vai dizer; b) o modo como as ideias progredem, avançam, se desdobram no texto.

Observe o exemplo:

Ele a acompanhou até que ela chegou ao trabalho para mais um dia de labuta.

Da maneira como está escrita, a frase dá poucas pistas ao leitor. Quem acompanhou? Quem chegou ao trabalho para mais um dia de labuta? Sem que apareçam os termos a que *ele*, *a* e *ela* se referem, não há como saber quem são os envolvidos na situação. Repare agora:

Quando **Maria** percebeu, o **jovem João** se aproximava, e foram caminhando juntos. **Ele a** acompanhou até que **ela** chegou ao trabalho para mais um dia de labuta.

Agora, com o parágrafo completo, ficou fácil saber a que nomes as palavras destacadas estavam ligadas, ou seja, que palavras elas substituíam. *Ele* refere-se ao *jovem João*; *a* e *ela* evitam a repetição de *Maria*. A noção de coesão demonstra que algumas vezes, para interpretar um termo no texto, você precisa pressupor outro.

ATIVIDADE 1 Identificando estratégias de coesão em um conto

No exemplo acima, é possível observar a cadeia coesiva, ou seja, as palavras que, ao longo do texto, retomam palavras anteriores ou as substituem por outras. Observe que as palavras *jovem João* são substituídas pelo pronome *ele*, e que a palavra *Maria* é trocada pelo pronome *ela*. O uso dos pronomes evita repetições, estabelecendo uma “costura” no texto, para que o leitor não perca o fio, a sequência da história. Agora leia o conto a seguir e identifique a cadeia coesiva que “costura” a ação dos três personagens da história: o velho e os dois viajantes. Use uma cor para cada personagem.



Dize-me com quem andas...

Ia um viajante por uma estrada, quando chegou a uma pequena cidade desconhecida.

À entrada da cidade estava sentado um velho, meditando. O viajante o abordou, dizendo:

– Estou vindo de muito longe, procurando um novo lugar para morar. O senhor, que parece ter tanta experiência, diga-me: como são os habitantes desta cidade?

– Responda-me primeiro uma coisa, meu filho: como eram os habitantes da sua cidade?

– Bem, não eram pessoas agradáveis – queixou-se o forasteiro. – Eram invejosas, mesquinhas e estúpidas.

– Sinto muito – tornou o velho –, mas infelizmente aqui você só encontrará pessoas exatamente iguais às que descreveu: invejosas, mesquinhas e estúpidas.

O viajante, decepcionado, ajeitou a mochila às costas e foi embora.

Dali a pouco chegou um outro viajante, que fez ao velho a mesma pergunta. Este tornou a indagar:

– E como eram as pessoas de sua cidade?

– Ah, eram pessoas muito amáveis – explicou o homem –, em geral bondosas, generosas e educadas.

– Então, seja bem-vindo! – respondeu o velho filósofo, abrindo um sorriso. – Pois saiba que as pessoas aqui são exatamente assim: bondosas, generosas e educadas.

(Índia)

PAMPLONA, Rosane; MAGALHÃES, Sônia. *O homem que contava histórias*. São Paulo: Brinque-Book, 2005, p. 8-11.



Estratégias de coesão

Há algumas estratégias de coesão que podem ser utilizadas no momento de escrever um texto, e que também são importantes para a interpretação. Tente observar no texto *Ainda há tempo?* algumas dessas estratégias de coesão e procure descobrir a lógica por trás de seu uso. Leia o fragmento a seguir, para depois verificar o que o autor fez para tornar esse texto coeso, com as ideias bem amarradas.



Ainda há tempo?

Exótica e esplendorosa, mas tratada com ambiguidade e distanciamento, a Amazônia pode ser salva, mas antes é preciso conhecê-la.

Ainda é possível salvar a Amazônia? Há tempos, essa pergunta desafia as consciências brasileiras sem que para ela, ao longo dos anos e dos governos, o Estado tenha formulado uma resposta confiável e definitiva. A Amazônia tem sido mais conhecida pelas ameaças que pairam sobre ela. As notícias sobre essa exótica e esplendorosa região estão quase sempre associadas à devastação da floresta, à contaminação das águas, à extinção da biodiversidade, à degradação dos seus habitantes nativos. Repete-se sempre a especulação de que o Brasil não teria competência para geri-la. Essa sequência de notícias ruins tem fundamentos reais. O Brasil tem tratado com ambiguidade e distanciamento o maior tesouro biológico do planeta, que lhe pertence.

[...]

O distanciamento que nos separa da Amazônia faz com que a região seja, ao mesmo tempo, ambígua fonte de orgulho e de aborrecimento, deslumbramento e estranhamento, atração e repulsa. Mas não há como negar a presença dela em nossa vida. Quando um paulista bebe um copo d'água, garante a ciência, está bebendo água amazônica. O regime de chuvas do Sul-Sudeste depende da umidade produzida pela floresta e exportada pelos "rios voadores".

Para salvar a Amazônia é preciso conhecê-la. Com seu mistério e sua importância vital, ela é um irresistível objeto de interesse e curiosidade. [...]

O Estado de S. Paulo. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/amazonia/radiografia_ainda_ha_tempo.htm>. Acesso em: 16 abr. 2014.

Estratégia 1 - Retomada ou antecipação de termos

Releia o seguinte trecho:

Ainda é possível salvar a Amazônia? Há tempos, **essa pergunta** desafia as consciências brasileiras sem que para **ela**, ao longo dos anos e dos governos, o Estado tenha formulado uma resposta confiável e definitiva.

Repare nas palavras que estão destacadas. Elas funcionam como elemento de coesão. “Essa pergunta” e “ela” referem-se à pergunta que dá início ao texto.

É muito comum que os pronomes *esse(s)*, *essa(s)*, *este(s)*, *esta(s)*, *aquele(s)*, *aquela(s)*, *aquilo*, *que*, *o(s) qual(ais)*, *a(s) qual(ais)*, *onde*, *cujo(s)*, *cuja(s)*, *o(s)*, *a(s)*, *lo(s)*, *la(s)*, *no(s)*, *na(s)*, *lhe(s)*, *meu(s)*, *minha(s)*, *seu(s)*, *sua(s)*, *nosso(s)*, *nossa(s)* etc. e as expressões adverbiais *a seguir*, *assim*, *desse modo*, *acima*, *abaixo* etc. **retomem** termos já expressos no texto.

Também é possível que o item coesivo apareça antes do termo que ele substitui. Por exemplo: *O sonho mais lindo que tenho é este: que ninguém passe fome no mundo.* Esse tipo de coesão é chamada **coesão por antecipação**.

Estratégia 2 - Uso de expressões substitutas

Releia o trecho a seguir:

A **Amazônia** tem sido mais conhecida pelas ameaças que pairam sobre ela. As notícias sobre **essa exótica e esplendorosa região** estão quase sempre associadas à devastação da floresta, à contaminação das águas, à extinção da biodiversidade, à degradação dos seus habitantes nativos.

Repare que o autor do texto, em vez de repetir “Amazônia”, escolheu uma expressão substituta: “essa exótica e esplendorosa região”.

Veja outro exemplo:

Repete-se sempre a especulação de que o Brasil não teria competência para geri-la [a Amazônia]. **Essa sequência de notícias ruins** tem fundamentos reais. O Brasil tem tratado com ambiguidade e distanciamento **o maior tesouro biológico do planeta, que lhe pertence**.

“Essa sequência de notícias ruins” refere-se a que notícias? Para responder a essa questão você tem de voltar ao texto e recuperar as notícias ruins: “devastação da floresta, à contaminação das águas, à extinção da biodiversidade, à degradação dos seus habitantes nativos”.

Para se referir à Amazônia, o autor do texto a retoma chamando-a de “o maior tesouro biológico do planeta” e “exótica e esplendorosa região”. Repare



como ele vai fazendo a costura do texto. Em vez de repetir palavras, o autor usa expressões substitutas.

E a que termos se refere a palavra “que” da expressão “que lhe pertence”? Se você pensou em “o maior tesouro biológico do planeta”, acertou! E que palavra retoma o “lhe”, em “lhe pertence”? Retoma a palavra “Brasil”. Nesses exemplos, volta-se à Estratégia 1, pois “que” e “lhe” retomam termos mencionados anteriormente.

OBSERVAÇÃO

É muito comum que autores utilizem palavras ou expressões com sentido mais abrangente ao substituírem termos mencionados anteriormente. Veja algumas possibilidades de substituição:

Mata Atlântica pode ser substituído por *floresta*.

Índios pode ser substituído por *povos nativos*.

Algumas vezes, o caminho contrário também é possível. Uma palavra genérica pode ser substituída por um termo com sentido específico:

Fauna amazônica pode ser substituída por *um conjunto de animais como onça-pintada, jaguatirica, anta, capivara* etc.

Estratégia 3 - Termo oculto que pode ser subentendido

Releia o seguinte trecho:

O distanciamento que nos separa da Amazônia faz com que a região seja, ao mesmo tempo, ambígua fonte de orgulho e de aborrecimento, deslumbramento e estranhamento, atração e repulsa. **Mas** não há como negar a presença dela em nossa vida. **Quando** um paulista bebe um copo d’água, garante a ciência, **está bebendo água amazônica**. O regime de chuvas do Sul-Sudeste depende da umidade produzida pela floresta e exportada pelos “rios voadores”.

Repare na frase: “está bebendo água amazônica”. Quem está bebendo? Nesse caso, a coesão ocorre por conta da relação entre *quem faz a ação* e o *verbo*. No texto, é possível saber quem realiza a ação. Quem está bebendo água amazônica? Pelo contexto da frase, sabe-se que é “um paulista”.



Estratégia 4 - Uso dos conectivos

Ainda no exemplo apresentado para discutir a Estratégia 3, observe as palavras “mas” e “quando”. Elas também estabelecem coesão, pois fazem progredir o texto, permitindo que o fluxo de ideias se mantenha e que as frases permaneçam articuladas. O “mas” cria um sentido de quebra de expectativa: a região é fonte de sentimentos ambíguos, **mas** é inegável a presença dela na vida das pessoas. O “quando” é um marcador temporal, que se articula perfeitamente com a ideia anterior, para mostrar ao leitor que em muitos momentos (em um simples copo d’água) a Amazônia está presente na vida dele.

Leia a frase a seguir:

“O regime de chuvas do Sul-Sudeste depende da umidade produzida pela floresta e exportada pelos ‘rios voadores’”, pois “quando um paulista bebe um copo d’água, garante a ciência, está bebendo água amazônica”. Neste caso, o conectivo *pois* faz a conexão entre a afirmação e a explicação.

Agora leia a frase seguinte:

O regime de chuvas do Sul-Sudeste depende da umidade produzida pela floresta e exportada pelos “rios voadores”. Quando um paulista bebe um copo d’água, garante a ciência, está bebendo água amazônica.

Neste segundo caso, o autor preferiu usar o ponto-final, que não interrompe o fluxo de ideias e mantém a conexão. A diferença é que a forma como a coesão se estabelece não fica explícita.

Os sinais de pontuação e os marcadores temporais, entre outros, são também formas de garantir a coesão textual.



O mesmo termo usado em diferentes estratégias

A função que alguns termos apresentam na frase muda dependendo do contexto em que ela está inserida.

Compare as diferentes estratégias de uso do conetivo *assim*:

*Eles se encontraram e só **assim** puderam conversar.*

*A menina sentiu que não havia aventura em sua vida. **Assim**, decidiu viajar mundo afora.*

Você reparou que, na primeira frase, o termo *assim* retoma o encontro entre os personagens, funcionando como estratégia de retomada?

Na segunda frase, esse termo serve para ligar as duas sentenças, estabelecendo uma conclusão entre elas.

ATIVIDADE 2 Identificando estratégias de coesão

1 Leia o texto a seguir, procurando identificar as estratégias de coesão usadas pelo autor. Em seguida, responda às perguntas propostas.

CARTA FUNDAMENTAL

dezembro de 2008/janeiro de 2009

Alerta geral

Entenda por que mais de 600 animais da fauna brasileira correm o risco de desaparecer do nosso mapa

Nina Nazário

A biodiversidade brasileira é de uma grandeza impressionante. Estimativas de pesquisadores revelam que o País possui entre 15% e 20% de toda a biodiversidade mundial e abriga o maior número de espécies endêmicas (aquelas que não são encontradas em nenhum outro lugar). A variedade da fauna e flora é tão grande que inviabiliza o levantamento preciso do número de espécies existentes. Calcula-se que sejam em número de 2 milhões, dos quais apenas 10% do total já foram identificadas. O ecólogo Thomas Lewinsohn, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), coordenador do maior levantamento sobre biodiversidade feito no Brasil, reconhece que há uma “cratera gigantesca de informação”, atribuída justamente à enorme variedade de espécies.

Essa riqueza confere ao Brasil uma posição entre os dezessete países considerados megadiversos – ou seja, que abrigam 70% das espécies de animais e vegetais catalogadas no mundo. Porém, apesar de tamanha abundância e da certeza de que muitas espé-

cies existentes nem sequer foram inventariadas, as atividades humanas vêm ameaçando a manutenção da biodiversidade. A União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN) estima que, em todo o mundo, de uma a duas espécies de plantas são extintas por dia, enquanto a taxa de extinção dos animais varia de 50 a 250 espécies por dia.

A extinção da fauna

Segundo dados de inventários, a fauna brasileira catalogada abrange 524 espécies de mamíferos, 517 anfíbios, 1.677 aves e 468 répteis, sendo muitos desses animais endêmicos.

Eles estão distribuídos pelos diversos ecossistemas dos biomas brasileiros – Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal e Pampa – e parte está em perigo de extinção. Fatores como o desmatamento, a caça e o tráfico de animais silvestres, a poluição ambiental e a invasão por espécies exóticas (espécies que não ocorrem originalmente em um local) alteram drasticamente a paisagem



dezembro de 2008/janeiro de 2009

CARTA FUNDAMENTAL

e as relações ecológicas estabelecidas originalmente nos ecossistemas. Nestas condições, a população animal enfrenta dificuldade para obter alimento, reproduzir-se, deslocar-se e conseguir abrigo, e sua sobrevivência fica comprometida.

Quem sai perdendo

Em princípio, todo ser vivo tem direito à existência, e a extinção de espécies contraria esse direito. Pensando sob

o ponto de vista dos benefícios que a natureza proporciona aos seres humanos, a manutenção dos ecossistemas e de seus processos ecológicos preserva fontes de alimento, de espécies medicinais, combustível e matéria-prima para fabricação de produtos; permite manter a qualidade da água e do ar, regula o clima, previne a erosão do solo e oferece áreas para lazer, entre outras coisas. A perda de biodiversidade, portanto, diminui a qualidade de vida dos seres humanos. [...]

Carta Fundamental, dez. 2008/jan. 2009, p. 28-9. (ênfases adicionadas)

a) Quantas vezes a palavra “biodiversidade” aparece no texto? Por que, em sua opinião, essa palavra aparece tantas vezes?

b) Localize e grife no texto as palavras sinônimas ou que têm aproximadamente o mesmo significado de biodiversidade.

c) No primeiro parágrafo aparece o pronome “aquelas”. Que termo esse pronome está substituindo?

d) No primeiro parágrafo, aparece o pronome “dos quais”. Que termo esse pronome está substituindo?





e) Identifique no texto as expressões que mostram que a grande quantidade de espécies é a causa da lacuna de informações sobre a biodiversidade brasileira.

f) O 2º parágrafo começa com “Essa riqueza confere ao Brasil...”. De que riqueza se trata?

g) O 4º parágrafo se inicia com o pronome “eles”. Que termo esse pronome está substituindo?

h) Que fatores alteram drasticamente a paisagem e as relações ecológicas estabelecidas nos ecossistemas?

i) Como o termo “espécies endêmicas” é definido no texto? E “espécies exóticas”?



j) A autora usou parênteses duas vezes para apresentar as definições de “espécies endêmicas” e “espécies exóticas”. Estabeleça a coesão entre cada termo e sua definição, escrevendo-a de outra maneira. Escolha, para cada caso, uma expressão explicativa: *ou seja*, *isto é*, *quer dizer* e *em outras palavras*.

2 O texto a seguir apresenta, de maneira bem resumida, algumas etapas da evolução das formas de comunicação utilizadas pelo ser humano. Leia os fragmentos e grife os termos e as expressões que retomam, substituem ou antecipam o que está sublinhado.

dezembro de 2008/janeiro de 2009

GUIA DO ESTUDANTE | AVENTURAS NA HISTÓRIA

Da pedra à internet

O desenvolvimento da comunicação começou devagar

Fred Linardi

[...]

3800 a.C. – Desenhos livres

Enquanto o homem não sabia falar, do jeito como fazemos hoje, valia fazer desenhos em cavernas a partir de pigmentos de argila, hematita e carvão vegetal. A motivação das pinturas não era clara, mas certamente elas transmitiam conhecimento.

3200 a.C. – Primeiras letras

Os sumérios criaram alfabetos formados por figuras que representavam objetos do cotidiano. Com a sistematização desse tipo de desenhos, os fenícios também desenvolveram

um modelo de escrita. Acabava a Pré-História, e a comunicação começava a evoluir bem mais rápido.

3000 a.C. – Telégrafo de fogo

Surgia o sinal de fumaça, uma maneira de informar a distância. Índigenas americanos foram os primeiros a usar os sinais, que seguiam um princípio depois adotado nos telégrafos: um cobertor abafava o fogo e soltava a fumaça em intervalos regulares.

2900 a.C. – Voe depressa!

Começava a ser usada uma das formas de se enviar dados mais resistentes ao tempo: o transporte de

mensagens com pombos-correios. Os registros mais antigos datavam do Egito de Ramsés II, mas até 2002 as aves ainda eram usadas pela polícia indiana.

550 a.C. – Cartas a galope

O tataravô do correio atual nasceu com Ciro II, rei da Pérsia, que desenvolveu um sistema de postos de parada para os homens que levavam cartas a cavalo. Essa estrutura permitia que uma correspondência viajasse 2.500 quilômetros com segurança.

1455 – Livros em série

Para a mídia surgir e facilitar o acesso à informação, foi necessário que Johannes Gutenberg melhorasse a impressão, que existia havia 14 séculos na China. Sua sacada foi criar uma forma com letras independentes.

1837 – Contatos imediatos

O americano Samuel Morse (1791-1872) criava o telégrafo. Ele queria um jeito de trocar mensagens que o governo americano não entendesse. Em 1835, ele tinha inventado o Código Morse, que seria fundamental para a navegação e a aviação.

1876 – Fala que eu escuto

O escocês Alexander Graham Bell (1847-1922) patenteava nos Estados Unidos seu aparelho de telefone. Há quem diga que o italiano Antonio Meucci (1808-1889) teria desenvolvido

seu protótipo antes, mas foi Bell que o popularizou.

1893 – Ondas sonoras

Aparecia o rádio, atribuído ao italiano Guglielmo Marconi (1874-1937). No futuro, o croata Nikola Tesla (1856-1943) ganharia o crédito, porque a invenção de Marconi usava 19 patentes suas. Os primeiros aparelhos transmitiam Código Morse. A emissão de voz só começaria em 1918.

1929 – Imagens na sala

O cientista russo Vladimir Zworykin (1889-1982) apresentava o kinoscópio, o precursor da televisão. Vários desenvolvimentos posteriores do aparelho de Zworykin levariam à industrialização e disseminação da TV, acelerada a partir de 1945.

1960 – Balão espacial

Lançado pelos Estados Unidos, o primeiro satélite refletia sinais enviados a partir da Terra. Batizado de Echo 1, o aparelho consistia em um balão de náilon de 30 metros de diâmetro, visível a olho nu em vários pontos do globo.

1994 – Todo mundo online

O governo americano liberava a circulação da World Wide Web, uma versão civil do sistema de troca de informações entre as redes de computadores militares. Em 1995, a internet já tinha 16 milhões de usuários. Atualmente, são 1,5 bilhão.



DESAFIO

A figura abaixo é parte de uma campanha publicitária.



Com *Ciência Ambiental*, nº 10, abr./2007.

Essa campanha publicitária relaciona-se diretamente com a seguinte afirmativa:

- a) O comércio ilícito da fauna silvestre, atividade de grande impacto, é uma ameaça para a biodiversidade nacional.
- b) A manutenção do mico-leão-dourado em jaula é a medida que garante a preservação dessa espécie animal.
- c) O Brasil, primeiro país a eliminar o tráfico do mico-leão-dourado, garantiu a preservação dessa espécie.
- d) O aumento da biodiversidade em outros países depende do comércio ilegal da fauna silvestre brasileira.
- e) O tráfico de animais silvestres é benéfico para a preservação das espécies, pois garante-lhes a sobrevivência.

Enem 2007. Prova Amarela. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2007/2007_amarela.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2014.



Depois de ter estudado o conceito de coesão, escreva um pequeno texto que responda à seguinte questão: Observar os recursos coesivos é útil apenas para a leitura de textos ou é importante considerá-los também na hora de escrever?

HORA DA CHECAGEM

Você vai conferir agora suas respostas para as atividades e o desafio propostos.

Atividade 1 - Identificando estratégias de coesão em um conto

A cadeia coesiva dos personagens do conto *Dize-me com quem andas...* (ou seja, a cadeia formada por palavras que se referem ao mesmo personagem do conto e estabelecem uma “costura” no texto) ficou assim:

Primeiro viajante / Um velho / Outro viajante

Ía um **viajante** por uma estrada, quando chegou a uma pequena cidade desconhecida.

À entrada da cidade estava sentado **um velho**, meditando. O **viajante** **o** abordou dizendo:

– Estou vindo de muito longe, procurando um novo lugar para morar. O **senhor**, que parece ter tanta experiência, diga **me**: como são os habitantes dessa cidade?

– Responda **me** primeiro uma coisa, **meu filho**: Como eram os habitantes da **sua** cidade?

– Bem, não eram pessoas agradáveis – queixou-se **o forasteiro**. – Eram invejosas, mesquinhas e estúpidas.

– Sinto muito – tornou o **velho** –, mas infelizmente aqui **você** só encontrará pessoas exatamente iguais às que **você** descreveu: invejosas, mesquinhas e estúpidas.

O **viajante**, decepcionado, ajeitou a mochila às costas e foi embora.

Dali a pouco chegou um outro **viajante**, que fez ao **velho** a mesma pergunta. **Este** tornou a indagar:

– E como eram as pessoas de **sua** cidade?

– Ah, eram pessoas muito amáveis – explicou **o homem** –, em geral bondosas, generosas e educadas.

– Então, seja bem-vindo! – respondeu o **velho filósofo**, abrindo um sorriso. – Pois saiba que as pessoas aqui são exatamente assim: bondosas, generosas e educadas.

Atividade 2 - Identificando estratégias de coesão

1

a) A palavra “biodiversidade” aparece cinco vezes no texto. Isso acontece porque biodiversidade é o tema do texto.

b) Repare se você grifou: “A variedade da fauna e flora”; “essa riqueza”; “diversos ecossistemas dos biomas brasileiros”; “paisagem e as relações ecológicas estabelecidas nos ecossistemas”; “ecossistemas e de seus processos ecológicos”.

c) O pronome “aquelas” substitui o termo “espécies endêmicas”.



- d) O pronome “dos quais” refere-se ao número “dois milhões”.
- e) As expressões que mostram que a grande quantidade de espécies é a causa da lacuna de informações sobre a biodiversidade brasileira são: “é tão grande que inviabiliza o levantamento preciso do número de espécies existentes” e “cratera gigantesca de informações”.
- f) “Essa riqueza” refere-se à variedade da fauna e da flora brasileiras.
- g) O pronome “eles” está substituindo “animais da fauna brasileira”.
- h) Os fatores apontados pelo texto são “o desmatamento, a caça e o tráfico de animais silvestres, a poluição ambiental e a invasão por espécies exóticas (espécies que não ocorrem originalmente em um local)”.
- i) Segundo o texto, espécies endêmicas são “aquelas que não são encontradas em nenhum outro lugar”. E espécies exóticas são aquelas “que não ocorrem originalmente em um local”.
- j) As respostas poderiam ser:

Espécies endêmicas, isto é, aquelas que não são encontradas em nenhum outro lugar.

Espécies exóticas são, em outras palavras, espécies que não ocorrem originalmente em um local.

2 Veja se você grifou os trechos a seguir:

“Enquanto o homem não sabia falar do jeito como fazemos hoje, valia fazer desenhos em cavernas a partir de pigmentos de argila, hematita e carvão vegetal. A motivação das pinturas não era clara, mas certamente elas transmitiam conhecimento.”

“Os sumérios criaram alfabetos formados por figuras que representam objetos do cotidiano. Com a sistematização desse tipo de desenhos, os fenícios”

“Surgia o sinal de fumaça, uma maneira de informar a distância.”

“Começava a ser usada uma das formas de se enviar dados mais resistentes ao tempo: o transporte de mensagens com pombos-correios.”

“O tataravô do correio atual nasceu com Ciro II, rei da Pérsia, que desenvolveu um sistema de postos de parada para os homens que levavam cartas a cavalo. Essa estrutura permitia que uma correspondência viajasse 2.500 quilômetros com segurança.”

“Para a mídia surgir e facilitar o acesso à informação, foi necessário que Johannes Gutenberg melhorasse a impressão, que existia havia 14 séculos na China. Sua sacada foi criar uma forma com letras independentes.”

“O americano Samuel Morse (1791-1872) criava o telégrafo. Ele queria um jeito de trocar mensagens que o governo americano não entendesse.”

“O escocês Alexander Graham Bell (1847-1922) patenteava nos Estados Unidos seu aparelho de telefone.”

“Aparecia o rádio, atribuído ao italiano Guglielmo Marconi (1874-1937). [...] Os primeiros aparelhos transmitiam Código Morse. A emissão de voz só começaria em 1918.”





Handwriting practice lines consisting of horizontal lines spaced evenly down the page.



TEMAS

1. Contos orais, contos escritos
2. Contos inovadores

Introdução

Nesta Unidade, você vai retomar seus estudos sobre contos por meio da leitura e da interpretação de contos contemporâneos, escritos por dois autores consagrados da literatura brasileira. Vai conhecer também o miniconto, um tipo de narrativa que passou a ser produzida a partir dos anos 1960 e que tenta, com poucas palavras, atingir o máximo de expressividade e provocar grande impacto em quem o lê.

Contos orais, contos escritos TEMA 1

Você vai refletir sobre a diferença entre contar uma história oralmente e contá-la por escrito. Um contador que tem contato direto com o público pode fazer uso da entonação da voz para imprimir mais ou menos dramaticidade, contando a história em um ritmo que considere adequado, fazendo gestos e expressões faciais que cativem o público. Mas como manter vivas, em um registro escrito, essas marcas de oralidade dos contadores de histórias?

É fato que muitas histórias transmitidas oralmente foram registradas por escrito, preservando assim as tradições. O contador-escritor, ao escrever um **conto**, sabe que raramente terá contato direto com o público que vai lê-lo, por isso tem de explorar ao máximo os recursos da linguagem escrita, para dar expressividade ao texto. Ele pode, por exemplo, reproduzir, no texto escrito, as falas das personagens (recorrer ao discurso direto), usando com cuidado e precisão os **verbos de dizer** (que introduzem os diálogos, como *dizer, responder, afirmar, contestar* etc.), os sinais de pontuação (por exemplo, ponto-final, ponto de interrogação, ponto de



Conto

Narrativa ficcional que apresenta uma sucessão de acontecimentos vivenciados por poucos personagens e contados por um narrador.

exclamação) etc. Quando um **conto da tradição oral** ou qualquer uma das manifestações transmitidas oralmente ganha registro escrito, é inevitável que sofra uma transformação.

Além dos contos da literatura oral que são registrados por escrito por alguém que os ouviu, há contos que já nascem com uma formatação escrita e com autoria, de modo geral, bem definida. Segundo muitos teóricos, esse tipo de conto atingiu seu esplendor no século XIX, quando autores como Honoré de Balzac, Gustave Flaubert, Edgar Allan Poe, Eça de Queirós, Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Artur Azevedo, Lima Barreto, entre outros, passaram a escrever esse gênero de texto. No século XX, outros autores se destacaram escrevendo contos, entre eles Mário de Andrade, João Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Dalton Trevisan.



Contos orais

Histórias transmitidas por meio da linguagem oral. Muitos dos contos populares contados e recontados no Brasil são adaptações de narrativas que vieram da Europa e da África, que, por sua vez, de acordo com estudiosos, eram narrativas provenientes da literatura hindu e de outras tradições antigas.

Além do conto, “causo” ou conto folclórico, a literatura oral – que existe em todos os países e culturas – reúne uma série de manifestações preservadas e transmitidas por meio da palavra falada ou cantada: lendas, mitos, adivinhações, provérbios, parlendas, cantos, orações, frases feitas.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Antes de mergulhar nos contos que você vai ler e analisar, responda às questões, considerando seus conhecimentos e suas experiências de vida.

1 O conto popular é a narrativa produzida pelo povo e transmitida geralmente por meio da linguagem oral. O conto literário escrito, por sua vez, nasce com uma formatação escrita e autoria, em geral, definidas. Contados oralmente ou por escrito, o que, em sua opinião, não pode faltar em um conto?



2 Há uma enorme variedade de contos, para todos os gostos: contos de amor; de terror; de ensinamento, de trabalho, de aventura, de fadas etc. Que tipos de conto o atraem mais? Por quê?

3 Quando se fala em literatura, pensa-se logo em uma arte, em obras literárias produzidas para gerar emoção. É comum alguém dizer que as obras literárias ajudam as pessoas “a escaparem das quatro paredes que as circundam”. Você concorda com essa afirmação? Por quê?

4 Levando em conta sua experiência pessoal, assinale as alternativas que revelem a forma como você reage à leitura de uma história:

- Ao ler uma história, sinto que posso conhecer mais profundamente o homem e a sociedade em que vivo.
- Ao ler uma história, sinto que aprendo com os personagens e encontro soluções possíveis para os problemas que vivo.
- Ao ler histórias, sinto prazer observando a maneira especial que o texto e as palavras estão organizados.
- Ao ler histórias, não sinto prazer nem aprendo nada.
- Ao ler histórias, viajo para outros mundos, solto a imaginação.

5 Escreva uma frase para justificar as alternativas que você escolheu na questão anterior.





Contos literários escritos

Como você viu, contar oralmente e contar por escrito são dois modos distintos de narrar. Quando um conto popular é escrito, ele perde muito do improvisado e das expressões próprias que poderiam ser adequadas à época, à cultura, ao povo de cada lugar em que foram criadas e circularam inicialmente. A agilidade do discurso oral perde-se, porque assumiu uma forma escrita. Por um lado, isso significa realmente uma perda. Por outro, se os contos populares não fossem registrados por escrito, possivelmente hoje muitos deles não seriam conhecidos.

Já o conto nasce com uma formatação escrita e com autoria, de modo geral, bem definidas. Muitos contos literários escritos, como os de Machado de Assis, por terem uma estrutura tradicional e modelar, são considerados clássicos da literatura brasileira. Neles, é possível observar enredos engenhosamente construídos, personagens cuidadosamente descritos, tempo e espaço bem definidos. Sem contar o narrador, que, nos contos machadianos, muitas vezes é o elemento que funciona como espinha dorsal da história.

Mas o conto literário é um gênero bastante versátil, que assume formas variadas, e, como você verá, abertas a experiências e inovações. As possibilidades de inovar são tantas que, já em 1938, o escritor Mário de Andrade afirmava que os autores chamavam “contos” o que decidiam, por conta própria, ser um conto. Carlos Drummond de Andrade, em exemplo semelhante, escreveu:

[...] tudo pode mesmo acontecer em matéria de contos, ou melhor, no interior deles.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Estes Contos. In: _____. *Contos plausíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 15.
© Grafiã Drummond. <<http://www.carlosdrummond.com.br>>

Que tal conferir?

AUTOR

É quem cria e escreve o conto.

NARRADOR

É a voz que narra o conto. A narração pode ser em 1ª pessoa, quando um dos personagens conta a história, ou em 3ª pessoa, quando o narrador parece estar de fora, observando o que se passa.



ASSISTA!

Língua Portuguesa – Volume 3

Conto: uma questão de interpretação

Nesse vídeo você vai conhecer uma antiga história italiana, que no Brasil foi resgatada pela escritora Rosane Pamplona. Conduzidos pela atriz Rosi Campos, os espectadores são levados a um reino distante, quando um novo rei chega ao poder. Interessado em expulsar os religiosos de um belo mosteiro para instalar sua residência, ele decide promover um debate entre o sacerdote da Corte e um representante dos monges. Aquele que provar maior sabedoria será o vencedor e, caso percam, os monges devem sair do mosteiro. Um conto surpreendente sobre o poder transformador do olhar.

ATIVIDADE 1 Um conto contemporâneo

Você vai ler e analisar um conto contemporâneo, isto é, escrito nos tempos atuais. É um conto da autora Clarice Lispector. Ela nasceu na Ucrânia, mas seus pais imigraram para o Brasil pouco depois. Chegou a Maceió com dois meses de idade, com seus pais e duas irmãs. Seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, foi publicado em 1944. Em 1956, começou a escrever contos para a revista *Senhor*. Em 1960, publicou *Laços de família*, seu primeiro livro de contos. O conto que você lerá agora foi lançado em 1971, na obra *Felicidade clandestina*, que reúne outros contos célebres dessa escritora.

É importante que você faça primeiro uma leitura silenciosa para conhecer o **enredo** da história. Depois releia o conto em voz alta, prestando atenção nos personagens, na descrição do espaço e nas diversas maneiras que o narrador encontra para prender a atenção do leitor.

**Enredo ou trama**

Intriga, história que os personagens vivem no desenrolar do conto. Trata-se do conjunto de fatos ou situações que se organizam para compor o conto. Um enredo geralmente tem situação inicial, conflito, resolução e desfecho, mas os acontecimentos não precisam ser apresentados necessariamente nessa ordem.

1 Antes de ler o conto, responda às questões:

a) Você já ouviu o provérbio *ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão*? Em que situação esse provérbio costuma ser falado? De que forma pode ser interpretado?

b) O título do conto é *Cem anos de perdão*. Se você tivesse de criar um conto com esse título, como seria o enredo da história que criaria?

2 Leia o conto e responda:

Cem anos de perdão

Clarice Lispector

Quem nunca roubou não vai me entender. E quem nunca roubou rosas, então é que jamais poderá me entender. Eu, em pequena, roubava rosas.

Havia em Recife inúmeras ruas, as ruas dos ricos, ladeadas por palacetes que ficavam no centro de grandes jardins. Eu e uma amiguinha brincávamos muito de decidir a quem pertenciam os palacetes. “Aquele branco é meu.” “Não, eu já disse que os brancos são meus.” “Mas esse não é totalmente branco, tem janelas verdes.” Parávamos às vezes longo tempo, a cara impressada nas grades, olhando.

Começou assim. Numa das brincadeiras de “essa casa é minha”, paramos diante de uma que parecia um pequeno castelo. No fundo via-se o imenso pomar. E, à frente, em canteiros bem ajardinados, estavam plantadas as flores.

Bem, mas isolada no seu canteiro estava uma rosa apenas entreaberta cor-de-rosa-vivo. Fiquei feito boba, olhando com admiração aquela rosa altaneira que nem mulher feita ainda não era. E então aconteceu: do fundo de meu coração, eu queria aquela rosa para mim. Eu queria, ah como eu queria. E não havia jeito de obtê-la. Se o jardineiro estivesse por ali, pediria a rosa, mesmo sabendo que ele nos expulsaria como se expulsam moleques. Não havia jardineiro à vista, ninguém. E as janelas, por causa do sol, estavam de venezianas fechadas. Era uma rua onde não passavam bondes e raro era o carro que aparecia. No meio do meu silêncio e do silêncio da rosa, havia o meu desejo de possuí-la como coisa só minha. Eu queria poder pegar nela. Queria cheirá-la até sentir a vista escura de tanta tonteira de perfume.

Então não pude mais. O plano se formou em mim instantaneamente, cheio de paixão. Mas, como boa realizadora que eu era, raciocinei friamente com minha amiguinha, explicando-lhe qual seria o seu papel: vigiar as janelas da casa ou a aproximação ainda possível do jardineiro, vigiar os transeuntes raros na rua. Enquanto isso, entreabri lentamente o portão de grades um pouco enferrujadas, contando já com o leve rangido. Entreabri somente o bastante para que meu esguio corpo de menina pudesse passar. E, pé ante pé, mas veloz, andava pelos pedregulhos que rodeavam os canteiros. Até chegar à rosa foi um século de coração batendo.

Eis-me afinal diante dela. Paro um instante, perigosamente, porque de perto ela ainda é mais linda. Finalmente começo a lhe quebrar o talo, arranhando-me com os espinhos, e chupando o sangue dos dedos.

E, de repente – ei-la toda na minha mão. A corrida de volta ao portão tinha também de ser sem barulho. Pelo portão que deixara entreaberto, passei segurando a rosa. E então nós duas pálidas, eu e a rosa, corremos literalmente para longe da casa.

O que é que fazia eu com a rosa? Fazia isso: ela era minha.

Levei-a para casa, coloquei-a num copo d'água, onde ficou soberana, de pétalas grossas e aveludadas, com vários entretons de rosa-chá. No centro dela a cor se concentrava mais e seu coração quase parecia vermelho.

Foi tão bom.

Foi tão bom que simplesmente passei a roubar rosas. O processo era sempre o mesmo: a menina vigiando, eu entrando, eu quebrando o talo e fugindo com a rosa na mão. Sempre com o coração batendo e sempre com aquela glória que ninguém me tirava.

Também roubava pitangas. Havia uma igreja presbiteriana perto de casa, rodeada por uma **sebe verde**, alta e tão densa que impossibilitava a visão da igreja. Nunca cheguei a vê-la, além de uma ponta de telhado. A sebe era de pitangueira. Mas pitangas são frutas que se escondem: eu não via nenhuma. Então, olhando antes para os lados para ver se ninguém vinha, eu metia a mão por entre as grades, mergulhava-a dentro da sebe e começava a apalpar até meus dedos sentirem o úmido da frutinha. Muitas vezes na minha pressa, eu esmagava uma pitanga madura demais com os dedos que ficavam como ensangüentados. Colhia várias que ia comendo ali mesmo, umas até verdes demais, que eu jogava fora.

Nunca ninguém soube. Não me arrependo: ladrão de rosas e de pitangas tem 100 anos de perdão. As pitangas, por exemplo, são elas mesmas que pedem para ser colhidas, em vez de amadurecer e morrer no galho, virgens.

LISPECTOR, Clarice. Cem anos de perdão. In: _____. *Felicidade clandestina*: contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 60-62.



Sebe verde

Designa uma cerca de arbustos ou de ramos entrelaçados, também chamada de cerca viva.

É por meio da visão do narrador que a história é transmitida. Responda:

a) Quem narra o texto?

b) Retire do texto uma frase em que seja possível perceber a emoção do narrador que conta a história.



c) Em um conto, os personagens atuam na história e suas ações constituem o enredo. Em *Cem anos de perdão*, os fatos são narrados em ordem cronológica, isto é, as ações da personagem têm uma sequência no tempo? Justifique a resposta.

d) O clímax é o ponto do texto em que o interesse do leitor se mostra mais intenso, ou seja, é a parte do enredo em que os acontecimentos centrais ganham o máximo de tensão para os personagens envolvidos. As ações dos personagens evoluem porque há causas que as determinam ou porque elas vão se sucedendo no decorrer do texto. Portanto, no conto, qual é o momento de maior tensão, que prende a atenção do leitor?

e) No conto, há um momento em que o tempo não coincide com o “tempo do relógio”, utilizado para medir a duração dos eventos. Que momento é esse? Por que esse tempo é diferente do tempo do relógio?

f) Às vezes, nos contos, o espaço em que acontecem as ações tem um caráter decorativo, sendo apenas um pano de fundo para o desenrolar das ações. No caso do conto da Clarice Lispector, o espaço desempenha um papel importante? Por quê?



g) Tema é o assunto que é tratado no texto. Qual das alternativas abaixo pode, em sua opinião, expressar o tema do conto *Cem anos de perdão*?

- O texto trata de duas personagens que gostam de roubar rosas e pitangas.
- O texto coloca a satisfação de um desejo acima das consequências que ele pode causar.
- O texto incentiva o leitor a cometer pequenos atos ilícitos, já que o título sugere a ideia de perdão.
- O texto trata da paixão da personagem principal por atos ilegais, como roubar rosas e pitangas.

h) No penúltimo parágrafo do conto, as palavras escolhidas para descrever o roubo das pitangas sugerem ao leitor outros sentidos para o trecho. Que outra coisa, além do roubo, é possível compreender nas entrelinhas do texto?

ATIVIDADE

2

Um conto de Dalton Trevisan

Dalton Trevisan é o autor do próximo conto que você vai ler. Esse autor, pelo conjunto de sua obra, já ganhou vários prêmios literários. Ele detesta dar entrevistas e falar sobre os textos que escreve, pois acredita que o conto deve ser sempre melhor do que o contista. Gosta de escrever sobre temas relacionados ao cotidiano urbano contemporâneo, à violência das cidades, ao erotismo, aos mais diferentes tipos humanos, principalmente urbanos, e afirma que se inspira em notícias policiais, frases que escuta, obras clássicas e até bulas de remédio. Gosta de escrever contos curtos.

1 Você vai ler o conto *O ciclista*, do livro *Os desastres do amor*, de Dalton Trevisan, publicado originalmente em 1968. Antes, porém, responda às seguintes questões:



a) Quais são, hoje em dia, os tipos de veículo que circulam pelas ruas das grandes cidades?

b) Você acha que todas as cidades poderiam ser chamadas de “labirinto urbano”? Por quê?

c) Na época em que esse conto foi publicado, a bicicleta era o meio de transporte de diversas pessoas nas cidades. A entrega de correspondências e objetos postais, por exemplo, era feita de bicicleta. Atualmente, a situação é a mesma ou mudou? Justifique sua resposta.

2 Como você já sabe, para construir sentido, o leitor deve levar ao texto seus conhecimentos e suas vivências. No texto a seguir, o leitor, para interpretá-lo, deve ter algumas informações:

- *Labirinto*: construção com muitas salas e corredores entrelaçados, na qual é quase impossível encontrar a saída.
- *Minotauro*: personagem da mitologia grega que apresenta corpo de homem e cabeça de touro e que vivia aprisionado em um labirinto.
- *Lâmpada de Aladino*: uma menção à história de Aladim e a lâmpada maravilhosa, de *As mil e uma noites*. Quando Aladino (também chamado de Aladim) esfregava a lâmpada, um gênio aparecia para realizar qualquer desejo.

Agora leia o conto *O ciclista* e depois responda às questões.



O ciclista

Dalton Trevisan

Curvado no guidão lá vai ele numa **chispa** – e a morte na garupa. Na esquina dá com o sinal vermelho, não se perturba, levanta voo na cara do guarda crucificado. Um trim-trim da campainha, investe os minotauros do labirinto urbano. Livra a mão direita, abre o guarda-chuva. Na esquerda, lambe deliciado o sorvete de casquinha, antes que derreta.

É sua lâmpada de Aladino a bicicleta: ao montar no **selim**, solta o gênio acorrentado ao pedal. Indefeso homem, frágil máquina, arremete **impávido** colosso. Desvia de fininho o poste. Eis o caminhão sem freio, bafo quente na sua nuca. Muito favor perde o boné? A sombra lá no chão? O tênis manchado de sangue?

Atropela gentilmente e, vespa raivosa que morde, fina-se ao partir o ferrão. Monstro inimigo tritura com **chio** de pneus o seu **diáfano** esqueleto. Se não estre-bucha ali mesmo, bate o pó da roupa e – uma perna mais curta – foge por entre as nuvens, a bicicleta no ombro.

Em cada curva a morte pede carona. Finge não vê-la, essa foi de raspão, pedala com fúria. Opõe o peito magro ao para-choque do ônibus. Salta no asfalto a poça d'água. Num só corpo, touro e toureiro, malferido golpeia o ar nos cornos do guidão.

Fim do dia, ele guarda num canto o pássaro de viagem. Enfrenta o sono trim-trim. Primeira esquina avança pelo céu trim-trim na contramão.

TREVISAN, Dalton. O ciclista. In: _____. *Mistérios de Curitiba*: contos. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 47-48.



Glossário

Chio

Chiado.

Chispa

Faísca; ir numa chispa: conduzir em velocidade, correndo muito.

Diáfano

Transparente, cristalino; magro, delicado.

Impávido

Destemido, corajoso.

Selim

Assento da bicicleta.

Dalton Trevisan

BIOGRAFIA

Nasceu em Curitiba (PR), em 14 de junho de 1925, e, na mesma cidade, entre 1946 e 1948, editou a revista *Joaquim*. Quando começou a escrever, publicava seus contos em folhetos. Passou a ser reconhecido com a publicação de *Novelas nada exemplares* (1959). É um apaixonado por contos e tem dezenas de livros publicados.

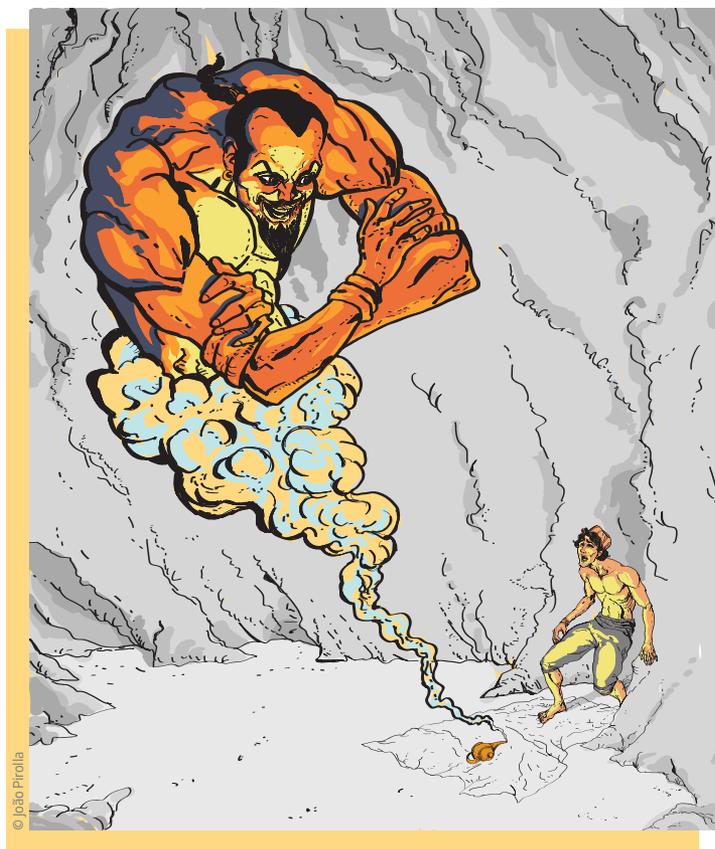


a) Retire duas expressões do texto, uma no 1º parágrafo e outra no 2º, que possam confirmar que tudo no conto acontece em alta velocidade.

b) Retire do último parágrafo a expressão que indica ao leitor o tempo de duração da história.

c) Que informações sobre o protagonista você pode deduzir, considerando o 1º parágrafo do conto?

d) “Lâmpada de Aladino” é uma menção à história de Aladim e a lâmpada maravilhosa, de *As mil e uma noites*. Quando Aladino (também chamado de Aladim) esfregava a lâmpada, um gênio aparecia para realizar qualquer desejo. Em sua opinião, por que a bicicleta foi comparada, no conto, à lâmpada maravilhosa de Aladim?



e) Em vez da frase *desvia de fininho do poste*, aparece no conto a frase “Desvia de fininho o poste”. Qual é a diferença de sentido entre as duas frases?

f) Na frase “Monstro inimigo tritura com chio de pneus o seu diáfano esqueleto”, o que pode ser entendido por “monstro inimigo” e por “esqueleto”?

HORA DA CHECAGEM

Confira agora o que você escreveu nas atividades propostas. Lembre-se de que há muitas maneiras de elaborar uma resposta correta. Se for necessário, complete o que escreveu, mas lembre-se de que uma resposta pode estar correta mesmo que tenha sido escrita com palavras diferentes das que você vai ler a seguir.

Atividade 1 - Um conto contemporâneo

1

a) Você pode ter respondido que o provérbio *ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão* costuma ser dito em situações em que alguém pode ser perdoado por cometer algum ato considerado ilegal, como roubar rosas e pitangas, contra quem também fez algo ruim. Fala-se esse provérbio quando alguém acha que merece ser perdoado por não ser a única pessoa a fazer o que não é adequado – quem foi roubado já roubou antes.

b) Há inúmeras possibilidades de resposta. Vai depender de sua imaginação. Você deve ter pensado em um roteiro em que um personagem faça algo ilegal, ilícito, proibido, mas que possa ser facilmente perdoado.

2

a) Confira se você respondeu que quem narra o texto é a própria personagem que rouba as rosas e as pitangas.

b) Em várias passagens do conto é possível sentir a emoção da personagem contando a história. Por exemplo, nas frases: “Fiquei feito boba, olhando com admiração aquela rosa altaneira...”; “do fundo de meu coração, eu queria aquela rosa para mim”; “então, nós duas pálidas, eu e a rosa, corremos literalmente para longe da casa”.

c) Veja se você respondeu que os fatos são contados em ordem cronológica. Apesar de tudo se passar na infância, a narradora conta o que aconteceu apresentando os fatos na ordem de sua ocorrência, isto é, na ordem cronológica.



- d) O clímax é o momento em que a narradora rouba a primeira rosa. Observe os trechos “Paro um instante, perigosamente, porque de perto ela é ainda mais linda” e “E, de repente ei-la toda na minha mão. A corrida de volta ao portão tinha também de ser sem barulho”.
- e) O tempo que não coincide com o do relógio é o tempo “interno” que a narradora sente no momento em que entra na casa para roubar a rosa: “Até chegar à rosa foi um século de coração batendo”. Esse tempo é diferente do tempo do relógio, pois revela a maneira que o tempo é sentido. Dependendo da situação, o tempo passa rápido ou lento. Ele é sempre o mesmo (uma hora dura sempre 60 minutos), mas é possível ter a sensação de que o tempo passa mais rápido ou mais devagar.
- f) No caso do conto de Clarice Lispector, o espaço desempenha um papel importante: no início do conto, a descrição das ruas dos ricos e a brincadeira de decidir, com “a cara impressada nas grades”, a quem pertenciam os palacetes, a descrição dos canteiros e jardins faz o espaço assumir um caráter importante, por revelar um mundo de beleza que é distante do mundo da narradora, um mundo em que a entrada dela é proibida. O jardim e o pomar podem ser vistos como símbolos do Paraíso bíblico.
- g) A frase que pode sintetizar o tema é: “O texto coloca a satisfação de um desejo acima das consequências que ele pode causar”. A narradora quer realizar o desejo de que a rosa seja dela. Quer realizar os desejos sem se importar com as consequências.
- h) Além do roubo das pitangas, o leitor pode perceber toda a sensualidade das palavras: “eu metia a mão por entre as grades, mergulhava-a dentro da sebe e começava a apalpar até meus dedos sentirem o úmido da frutinha”. Parece uma confissão íntima, que pode ser lida como uma representação de uma descoberta sexual.

Atividade 2 - Um conto de Dalton Trevisan

1

- a) Várias respostas são possíveis. Hoje circulam nas ruas de cidades grandes uma porção de veículos: carros, ônibus, caminhões, motocicletas, bicicletas...
- b) A resposta é pessoal. O processo de urbanização de muitas cidades trouxe como consequência um crescimento caótico, daí a comparação com um labirinto, por ser um crescimento *embaraçado*, *tortuoso*, *complicado*.
- c) Você pode ter escrito que a situação de hoje em relação às bicicletas é diferente da época em que o conto foi publicado. Em geral, para percorrer grandes distâncias em uma cidade, usa-se motocicleta. A bicicleta, hoje em dia, é mais usada nas horas de lazer.

2

- a) As expressões do texto que podem confirmar que tudo no conto acontece em alta velocidade são:
- no 1º parágrafo, “lá vai ele numa chispa” indica que a bicicleta vai rápido, é uma faísca, uma chispa;
 - no 2º parágrafo, há “Eis o caminhão sem freio, bafo quente na sua nuca”, que mostra que o ciclista vai na velocidade de um caminhão sem freio.



- b) A expressão do último parágrafo que indica ao leitor o tempo de duração da história é “fim do dia”.
- c) Pode-se deduzir que o protagonista é um tipo destemido, que pedala sem medo pelas ruas da cidade; que não se intimida diante de autoridades; que tem habilidades incomuns para conduzir sua bicicleta.
- d) Várias são as respostas possíveis. Em *As mil e uma noites*, o gênio da lâmpada realiza todos os desejos de Aladim. Da mesma forma, o ciclista faz tudo com sua bicicleta, “solta o gênio acorrentado ao pedal”.
- e) A diferença entre as frases é que, da maneira como o autor escreveu, “Desvia de fininho o poste” tanto pode indicar que o ciclista é que se desvia do poste, quanto o poste é que desvia do ciclista.
- f) “Monstro inimigo” se refere ao caminhão sem freio citado no parágrafo anterior. Na linha seguinte, “esqueleto” se refere ao próprio ciclista e à sua bicicleta, ambos caracterizados como corpo frágil, transparente em meio a ônibus e caminhões, os “minotauros do labirinto urbano”.

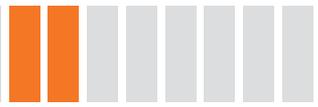


Registro de dúvidas e comentários



A series of horizontal lines for writing, spanning the width of the page.





Embora o conto seja considerado um texto curto se comparado a outros gêneros narrativos, como as novelas e os romances, a partir dos anos 1960 surgiu um gênero narrativo com textos ainda mais curtos; na verdade, curtíssimos.

São os minicontos, que, por sua condensação, podem produzir enorme impacto no leitor. Dalton Trevisan, autor do texto que você leu anteriormente, é considerado um dos precursores dos minicontos no Brasil.

? O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Antes de mergulhar no universo dos minicontos, responda às questões, considerando seus conhecimentos e suas experiências de vida.

1 Repare nas palavras *miniatura*, *minibiblioteca*, *minifúndio*, *miniquadro*, *miniconto* etc. *Mini* significa mínimo, muito pequeno. Considerando que o conto já apresenta narrativas curtas, qual poderia ser, em sua opinião, o tamanho de um miniconto?

2 Você acha que é possível escrever uma história com menos de dez palavras? Justifique sua resposta.

3 Você acha que textos curtos combinam com a velocidade do mundo moderno? Por quê?





Minicontos

Os minicontos são narrativas ficcionais concisas que, às vezes, “dispensam” o narrador, não fornecem características dos poucos personagens, nem indicações precisas de tempo e espaço ou de sucessão de acontecimentos vivenciados. Essa característica de deixar implícitos muitos elementos da história faz com que os textos desse gênero produzam imenso impacto no leitor, uma vez que os autores contam com ele para reconstruir os sentidos pretendidos.



VOCÊ SABIA?

Em 2004, o escritor Marcelino Freire organizou uma antologia com os cem menores contos brasileiros do século. Ele se inspirou no mais famoso miniconto do mundo (que tem apenas 37 letras), e convidou cem escritores brasileiros para escrever histórias inéditas de até 50 letras (atenção: não são 50 palavras, são 50 letras!).

Conforme o crítico, professor universitário e poeta carioca Italo Moriconi, os minicontos são “pílulas ficcionais, e das melhores”.

MORICONI, Italo. Um prefácio em cinquenta palavras. In: FREIRE, Marcelino (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. 3. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.



ATIVIDADE 1 Minicontos

1 Leia o miniconto a seguir e responda às questões propostas.



BONASSI, Fernando. Só. In: FREIRE, Marcelino (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. 3. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2004, p. 30.

a) O título do miniconto de Fernando Bonassi pode ser lido de duas maneiras. “Só” pode significar *sozinho, isolado, desacompanhado*. Também pode significar *somente, unicamente*. Em sua opinião, qual dos sentidos é mais adequado ao conto? Por quê?

b) O narrador-personagem vive um conflito? Em caso afirmativo, que conflito você acha que poderia ser esse?

c) Em que época a narrativa acontece? Como você chegou a essa resposta?



d) O conto é formado por 11 palavras (incluindo o título). Você acha que o autor, com apenas essas poucas palavras, conseguiu construir uma história? Por quê?

2 Leia esse outro miniconto e responda às questões a seguir.



FURTADO, Jorge. Sem título. In: FREIRE, Marcelino (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. 3. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2004, p. 43.

a) O conto é construído sem que haja um narrador que conte a história. Essa afirmação é correta? Por quê?

b) Em sua opinião, de quem podem ser as vozes do texto? Justifique sua resposta.





c) É possível interpretar esse miniconto de diferentes maneiras. Escreva duas possibilidades de interpretação.

3 Leia o miniconto a seguir e responda às questões propostas.



RUFFATO, Luiz. Assim. In: FREIRE, Marcelino (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. 3. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2004, p. 52.

a) Que impacto as três frases do conto de Luiz Ruffato provocaram em você?

b) O título do conto fornece pistas para construir os sentidos da história. O que você nota de diferente no título desse conto?





c) Há duas frases no conto que podem ser consideradas contrastantes. Quais são elas?

d) O conectivo “E” que aparece na última frase tem o mesmo sentido do conectivo “E” que aparece na 2ª frase? Justifique sua resposta.

4 Leia o texto a seguir e responda às questões propostas.



TELLES, Lygia Fagundes. Confissão. In: FREIRE, Marcelino (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. 3. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. Microbônus I. p. 1.

a) Em sua opinião, alguém que se confessa para o mar deseja se livrar de alguma culpa ou receber punição? Por quê?



b) Que palavra, no conto, pode assumir mais de um sentido? Essa palavra é importante para a interpretação do texto? Por quê?



ASSISTA!

Língua Portuguesa – Volume 3

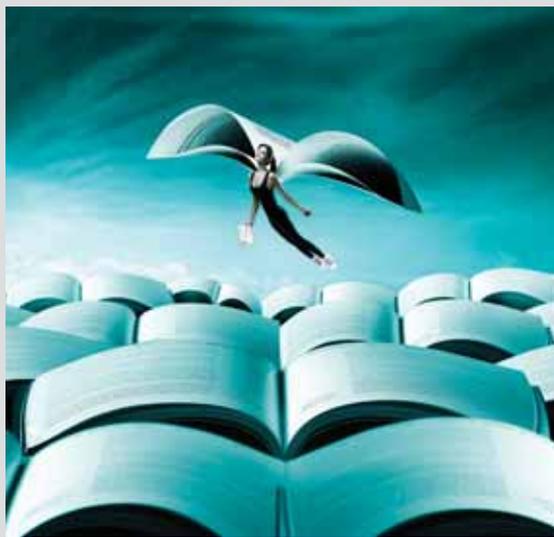
Miniconto: o máximo no mínimo

Programe seu tempo para assistir a esse vídeo. Você vai ver alguns dos mais conhecidos minicontos e descobrir, com uma oficina literária conduzida pelo escritor Marcerlino Freire, quais são os recursos utilizados por quem quer causar impacto com tão pouco texto.



DESAFIO

Observe a propaganda da Imprensa Oficial do Governo de São Paulo.



Um título adequado para a imagem é:

- a) As limitações da imaginação.
- b) Quem lê, viaja pelo mundo.
- c) Lendo na terceira idade.
- d) A leitura e a realidade do mundo.

Centro de Exames Supletivos (Cesu), SP. Exame Supletivo 2009. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/jeronimojaf/enceja-prova-2010>>. Acesso em: 25 fev. 2014.



Ler textos literários é uma maneira de ampliar a experiência e a visão de mundo. Por meio da leitura de poemas, contos, romances e textos dramáticos, o leitor pode se conhecer melhor, além de vivenciar fatos históricos e acontecimentos culturais de todos os lugares e épocas; é possível também sentir o que se chama prazer literário.

Considerando essa afirmação, reflita: Embora seja importante ler textos literários, essa leitura é sempre prazerosa? Por quê?

HORA DA CHECAGEM

Confira agora suas respostas. É sempre bom lembrar que há muitas maneiras de elaborar uma resposta correta. Altere ou complete o que você escreveu apenas se for realmente necessário.

Atividade 1 - Minicontos

1

- a) Os dois sentidos da palavra “só” podem ser considerados para interpretar o miniconto. O sentido pode ser o de *solidão*, de uma pessoa sozinha que tenta se distrair usando o controle remoto, passando pelos canais da televisão. O sentido também pode ser de *unicamente*, no sentido de *ao menos*, *pelo menos*. Nesse caso é possível considerar o seguinte aspecto: se pelo menos o narrador-personagem pudesse entender o que está procurando com o controle remoto.
- b) O narrador-personagem vive um conflito. Há um problema que ele tenta enfrentar usando o controle remoto da televisão.
- c) Pode-se dizer que a narrativa acontece nos tempos modernos. A pista para chegar a essa conclusão é o controle remoto, pois esse tipo de aparelho é típico dos tempos modernos.
- d) É bem possível que você tenha respondido que sim. Embora a narrativa seja muito concisa, é possível depreender uma história: um narrador-personagem que vive um conflito existencial, um conflito que é cada vez mais comum em nossa vida cotidiana.

2

- a) A afirmação é correta. Aparece apenas a fala dos dois personagens, sem que haja uma intermediação do narrador. Repare o sinal de travessão, que indica o discurso direto.
- b) É possível deduzir que as falas que há no texto são de duas pessoas próximas que mantêm um relacionamento amoroso. Pode-se pensar isso em função da primeira frase proferida: “– Eu não te amo mais”.
- c) Várias respostas são possíveis, pois o texto permite várias leituras. Uma possibilidade é que quem fala a frase “– Eu não te amo mais” não a diz com força suficiente para que ela seja ouvida



claramente do outro lado da ligação. Por outro lado, quem a ouve pode estar criando um empecilho (o da ligação ruim) para fingir não ouvir o que a outra pessoa diz.

3

- a) A resposta é pessoal. O miniconto pode ter provocado um sentimento de revolta, de desconcerto, de incompreensão, de espanto, de indignação etc.
- b) O que chama atenção no título são os dois-pontos, sinal utilizado em exemplificações, esclarecimentos, sínteses ou consequências do que foi enunciado. O “Assim:” do título corresponde a *desta maneira, deste jeito* etc.
- c) As frases contrastantes são: “jurou amor eterno” e “sumiu por aí”. O que se espera de quem jura amor eterno? Que fique ao lado da pessoa a quem jurou o amor. Daí o contraste.
- d) O conectivo “E” na última frase tem sentido de quebra de expectativa, ou seja, assume um sentido que revela uma contradição. Diferentemente do sentido do “E” que aparece na 2ª frase, que tem sentido de adição: jura amor eterno e, somado a isso, “encheu” a mulher de filhos.

4

- a) A resposta é pessoal, mas é possível dizer que a pessoa que se confessa para o mar não deseja livrar-se de culpa ou receber punição, apesar de todo o simbolismo do mar – lugar dos nascimentos, das transformações, das possibilidades, das paixões etc. A pessoa sabe que o mar não tem o poder de livrar alguém de alguma culpa. Ele não julga os atos de ninguém, por isso não liberta nem pune.
- b) A palavra “nada” pode ser lida com o sentido de coisa nenhuma (o mar disse coisa nenhuma) ou no sentido do verbo *nadar*, de mover-se na água.

Desafio

Alternativa correta: **b**. Na imagem, as páginas do livro representam asas, sugerindo que é possível viajar pelo mundo por meio da leitura.



Registro de dúvidas e comentários

TEMAS

1. Todas as cartas
2. Cartas que circulam em espaços públicos

Introdução

Nesta Unidade, você vai ler e analisar cartas pessoais, de reclamação e de solicitação, além de observar características, modelos e estilos dessas correspondências, bem como seu valor histórico, literário e utilitário. Assim, você poderá perceber que, mesmo com tantos avanços tecnológicos, esses gêneros ainda podem exercer uma função muito importante em sua vida.

Todas as cartas **TEMA 1**

São muitas as formas de correspondência que existem. Entre elas estão as cartas, que podem também ser chamadas de *missivas* ou *epístolas*. Há muito tempo elas são utilizadas pelas pessoas. Segundo alguns historiadores, desde aproximadamente o século III a.C., as cartas circulam nas sociedades letradas, ou seja, naquelas em que se usa a escrita, e constituem parte importante de documentos que revelam diferentes aspectos da vida humana.

As cartas estão presentes em sua vida? De que maneira?

 O QUE VOCÊ JÁ SABE?

1 Você costuma receber correspondência pelo correio? Assinale as alternativas que equivalem às correspondências que você recebe com frequência.

- a) Cartas de cobrança como contas, boletos de diversas procedências e avisos de datas de pagamentos.
- b) Comunicados de órgãos públicos, prefeitura, Detran, SUS etc.
- c) Cartas de amigos e parentes.
- d) Cartas comerciais, com propagandas, ofertas, promoções.
- e) Outras. Quais? _____



2 Se você costuma escrever cartas, para quem geralmente as escreve?

3 Se você não tem o hábito de escrever cartas, consegue imaginar de que maneira elas poderiam fazer parte de sua vida?

4 Você usa correio eletrônico, ou seja, escreve e recebe *e-mails*? Em caso de resposta afirmativa, com quem costuma trocar *e-mails*, ou seja, correspondência eletrônica?

5 Você acha que é possível tratar de todos os tipos de assuntos em uma carta e por *e-mail*?

6 Leia o verbete *carta* do *Dicionário Houaiss*. Grife em quais sentidos você acha que se usa o termo *carta* nesta Unidade.

Carta

datação: 1254

substantivo feminino

1 mensagem, manuscrita ou impressa, a uma pessoa ou a uma organização, para comunicar-lhe algo

2 *Derivação*: por extensão de sentido.

tal mensagem, fechada num envelope, ger. endereçado e freq. selado



- 3 m.q. *diploma* ('documento oficial')
- 4 *Rubrica: termo jurídico.*
documento, título probatório ou aquisitivo de direitos
Ex.: c. *de crédito*
- 5 documento (título, atestado, autorização) passado por autoridades civis, militares etc.
Ex.: c. *de recomendação*
- 6 *Regionalismo: São Paulo.*
carteira de motorista
- 7 mapa
Ex.: c. *do Brasil*
- 8 cardápio
Ex.: c. *de vinhos*
- 9 cartão no qual se prendem pequenos objetos
Ex.: c. *de alfinetes*
- 10 *Rubrica: ludologia.*
cada uma das peças do baralho
[...]

Dicionário Eletrônico Houaiss 3.0 em CD-ROM Nova Ortografia.



Diferentes cartas na caixinha do correio...

Existem inúmeros gêneros de cartas e suas funções e estilos variam bastante. O “tom” de uma carta vai depender de seu conteúdo: pode ser alegre, triste, amoroso, tenebroso, formal, indignado, solícito... A formalidade da linguagem usada na carta – mais livre ou mais protocolar – também dependerá do grau de intimidade que o escritor (remetente) tem com a pessoa a quem a carta se destina (destinatário).

Para cada situação, pode existir uma carta; para cada carta, um *estilo* que revela as intenções do autor. Mas é possível identificar alguns elementos presentes na maioria das correspondências:

- Data e local onde a carta foi escrita.
- Nome do destinatário (vocativo e/ou uma saudação logo no início).
- Corpo da carta.
- Frase de despedida ao final da carta.
- Assinatura do remetente.

As chamadas **cartas pessoais** são aquelas escritas a pessoas mais próximas para dar notícias, “matar saudade”, declarar amor ou qualquer outro sentimento. Às vezes, têm o tom tão espontâneo e familiar que parecem mais uma conversa por escrito.

Já as chamadas **cartas comerciais**, como as **cartas de reclamação** e de **solicitação**, são escritas com objetivos definidos, em linguagem formal, marcada por convenções. As de reclamação apresentam queixas e denúncias feitas em situações de quebras de contrato ou compromissos legalmente assumidos. Essas cartas, em geral, são dirigidas a empresas, profissionais liberais, poder público etc. As de solicitação – como o nome já diz – trazem um pedido da pessoa ou do grupo que escreve para determinada instituição. São exemplos de carta de solicitação os pedidos de dispensa do serviço militar, a solicitação de recebimento de salário-desemprego, o pedido de dispensa para trabalhar nas eleições etc. Essas cartas de solicitação tentam convencer alguém ou alguma instituição a fazer algo.

Apesar de o correio ainda ser um meio bastante comum para a troca de cartas, cada vez mais as novas tecnologias, como fax e *e-mail*, têm servido a esse propósito, principalmente pela agilidade que permitem na comunicação. E, dependendo do meio em que a carta circula, isto é, correio tradicional ou correio eletrônico, seu formato e estilo também podem mudar, pois cada um desses meios tem características próprias.

Ao longo desta Unidade, você verá um pouco mais de cada um desses gêneros de carta.

**ASSISTA!****Língua Portuguesa – Volume 3***Cartas: relações de correspondência*

Esse vídeo trata da escrita na comunicação interpessoal, com destaque para a carta, origem de vários gêneros escritos. Mostra também como a tecnologia transformou a comunicação entre as pessoas e está influenciando a própria língua escrita.

Cartas pessoais

A carta pessoal, como o próprio nome diz, trata de assuntos pessoais. Ela é trocada entre pessoas que têm proximidade ou que querem estreitar laços. Se for escrita para um amigo íntimo, o texto provavelmente será leve, descontraído e afetivo, e as questões gramaticais e prescritivas podem até se tornar secundárias; é possível usar gírias, apelidos e até mesmo palavras “censuráveis” – tudo para tentar colocar no papel o calor da conversa, o jeito íntimo como as pessoas se comunicam. Se, no entanto, o destinatário for alguém com quem não se tem tanta intimidade, provavelmente será preciso usar uma linguagem mais comedida e formal.

ATIVIDADE

1

Leitura de cartas pessoais

A carta que você vai ler foi escrita pelo pai do grande pianista brasileiro Nelson Freire, quando o músico tinha apenas cinco anos. Ela foi retirada do documentário

Nelson Freire, em que são mostradas partes dessa carta datilografada, com fotos de infância e outras do arquivo pessoal da família. O espectador ouve a carta, lida em uma narração comovente, enquanto vê as imagens.

1 Antes de ler a carta, responda:

a) Que motivos poderiam levar um pai a escrever uma carta ao filho de cinco anos?

b) O tom de um texto revela seu “espírito”, sua característica afetiva. Que tom você espera encontrar em uma carta que comece com “Meu filhinho...”?

2 Agora leia a carta e, depois, responda às questões propostas.

Meu filhinho!

Ao tomar a decisão de transferir-me com toda a nossa família para a capital da República, julguei oportuno registrar no teu álbum de reminiscências alguns fatos que intimamente dizem respeito à tua existência, para que sirvam de orientação para a tua biografia. Isso porque a nossa mudança se faz unicamente por tua causa.

Sem nenhum esforço de memória, ainda me recordo perfeitamente de tudo aquilo que se refere a esses primeiros anos da tua existência, quando vieste a este mundo no dia 18 de outubro de 1944, em Boa Esperança, sul de Minas. Eras um menino lindo, robusto e corado, porém eras doente. Quanto sofremos, tua mãe e eu, por ver-te definhar dia a dia e a choramingar, vitimado amiúde por alergia rebelde que a tudo resistia! Teu alimento, durante o primeiro mês de tua vida, resumiu-se a um pedaço de marmelada diluído em água filtrada. Como não melhoravas, levamos-te a Lavras para consultas médicas. Ao fim de um mês de tratamento intensivo, tua mãe regressou trazendo-te para casa. Quando te vi, filhinho, meu coração doeu como nunca e meus olhos ficaram marejados de lágrimas, porque não vi meu filho, senão uma criança minúscula e raquítica, reduzida praticamente a pele e ossos. Vivias todo remendado de esparadrapos, com o corpinho sempre untado de pomadas, com uma carinha magrinha que metia dó.

A tua tendência artística, apesar de tudo, se manifestou desde cedo, despontando com os primeiros fulgores da tua inteligência. Com poucos meses de idade já te

FICA A DICA!

Assista ao documentário *Nelson Freire* (direção de João Moreira Salles, 2003) e conheça um pouco mais da vida e da carreira artística dele, considerado um dos maiores pianistas do mundo.



sentias maravilhado e ficavas quietinho, embora cheio de mazelas, ao ouvir música, quando tua irmã Nelma tocava.

Em 8 de dezembro de 48, empreendemos uma viagem interessantíssima. Era a primeira vez que saías de casa para uma viagem distante sem ser por motivo de doença. Tuas irmãs Nelma e Norma estavam estudando no Colégio Sion de Campanha. Nos amplos salões do colégio, naturalmente, não faltava aquilo que te fascinaria: o piano. Em dado momento, a irmã superiora reuniu certo grupo de alunas para ouvir-te. Entusiasmada, porque recebeste uma ovação efusiva, ela, em tom verdadeiramente profético, te saldou meigamente, lembrando às alunas ali presentes que procurassem fixar bem na memória aquele instante precioso, porque mais tarde, quando esse pequenino inocente viesse a empolgar o mundo, seria com prazer e com saudade que se recordariam de que o haviam apreciado e aplaudido, aos quatro anos de idade.

Vimos logo que não se tratava de fato vulgar, pelo menos em nossa família, porque teus irmãos mais velhos nunca demonstraram tais aptidões. Tua mãe e eu começamos então a notar qualquer coisa de diferente nas tuas execuções. Resolvemos dar-te um professor mais adiantado e tua mãe religiosamente, como quem cumpre uma promessa, assumiu consigo mesma o compromisso de levar avante a tua instrução, levando-te semanalmente a Varginha, aonde ias a fim de estudar com o maestro Fernandez. Ao fim de doze lições, teu professor aconselhou-nos a rumarmos para o Rio. Ele não havia mais nada a te ensinar.

Em junho de 1950, portanto, uma indecisão embaraçosa se apoderou de mim e de tua mãe, colocando-nos diante de um dilema de difícil solução: devemos dar razão ao nosso coração, permanecer em nossa querida terra, criando-te como fizemos com os nossos outros filhos, num ambiente de paz e de concórdia, onde se acham localizados os nossos interesses materiais e onde nos prendem os laços mais caros do sentimento familiar, ou, por outro lado, rumaríamos para o Rio, onde o custo da vida é muitíssimo mais dispendioso e o ambiente, meio padrasto em infusões afetivas, mas onde as tuas aptidões poderão desenvolver-se ilimitadamente?

Depois de muito meditar, resolvemos seguir esta última vereda, entregando nosso futuro a Deus. Cumprindo a nossa obrigação, deslocamo-nos do interior de Minas para a capital da República com a finalidade primordial de acompanhar teus passos, porque ainda não prescindes de nossa companhia e de nossa assistência. Mas o teu destino, esse, nós o colocamos na mão de Deus!

Afetuosamente,

Papai

Boa Esperança, 21 de julho de 1950.





a) Veja em que ano a carta foi escrita. Considerando o ano e a pessoa a quem a carta se dirige, ela pode ser considerada um documento valioso para uma biografia? Por quê?

b) Com que finalidade o pai escreveu ao filho de cinco anos? Essa finalidade tem alguma semelhança com aquilo que você escreveu no item a da questão 1 ou é diferente?

c) Observe a organização da carta e veja que ela apresenta os elementos típicos do gênero. Pinte cada um dos quadrinhos a seguir com uma cor diferente. Depois, use as mesmas cores para circular, na carta, as partes que correspondem à legenda que você criou:

- Local e data onde a carta foi escrita.
- Nome do destinatário (vocativo e/ou uma saudação logo no início).
- Corpo da carta.
- Frase de despedida ao final da carta.
- Assinatura do remetente.

d) O corpo da carta foi dividido em quantos parágrafos?

e) Para pensar a respeito de como os parágrafos do corpo da carta foram organizados, relacione os temas ao número do parágrafo em que eles são abordados.

- | | |
|--|---------------------------------------|
| <p>i) Primeiros contatos com a música</p> | <input type="checkbox"/> 1º parágrafo |
| <p>ii) Motivos e intenções do autor</p> | <input type="checkbox"/> 2º parágrafo |
| <p>iii) Nascimento e saúde do filho</p> | <input type="checkbox"/> 3º parágrafo |
| <p>iv) Decisão da mudança</p> | <input type="checkbox"/> 4º parágrafo |
| <p>v) Indecisão quanto à mudança para o Rio de Janeiro</p> | <input type="checkbox"/> 5º parágrafo |
| <p>vi) Viagem e apresentação no Colégio Sion de Campanha</p> | <input type="checkbox"/> 6º parágrafo |
| <p>vii) Aulas com o maestro Fernandez, em Varginha</p> | <input type="checkbox"/> 7º parágrafo |





f) Na carta, você leu: “Sem nenhum esforço de memória, ainda me recordo perfeitamente de tudo aquilo que se refere a esses primeiros anos da tua existência”. Escreva, resumidamente e em ordem cronológica, os fatos relatados pelo pai.

g) A carta escrita pelo pai de Nelson Freire tem um tom afetivo. Comprove isso transcrevendo palavras ou trechos da carta.

ATIVIDADE

2 Cartas antigas e modernas

1 Leia a seguir duas cartas e, depois, responda às questões propostas.

Carta 1

São Joaquim do Onde, 22 de outubro.

Querido amigo Orlando,

Estás bem?

Não fiques chateado comigo antes que te explique o que aconteceu.

Depois tu me dirás se fiz bem.

Foi exatamente do jeito que vou te contar. Desde que cheguei à praia de Matinhos disse aos nossos amigos: “alguns dias quero descansar. Quero estar livre para ler, desfrutar e observar a paisagem, mas na quarta-feira, passarei o dia com Orlando, em Curitiba”.

Mas estava tão bom, que passou a quarta, veio a quinta, sem que conseguisse cumprir minha promessa e te visitasse aí em tua terra. Tu sabes o quanto te gosto, mas tu conheces bem a praia de Matinhos e a preguiça deliciosa que sinto nesse lugar que não me deixa mover... [...]

Até breve. E perdoa-me!

Adalberto

PS: Também o café da manhã servido por dona Helena faz deste lugar prisão perfeita!



Carta 2

Mirinópolis, 13/5.

Querido Cau!

O que houve? Você não recebeu minha carta? Perdeu meu endereço?

Soube, por outras pessoas – é óbvio – que você estará em Guaíra. Quero te encontrar. A gente podia dar um jeito, não? Tô triste pra caramba com você. Tô achando que mudou de ideia a meu respeito. Espero que você fale de você, porque eu já não mais interesse.

Um beijão,

M. M.

a) As cartas que você acabou de ler são pessoais ou não? Como você chegou a essa conclusão?

b) Circule, nas duas cartas, passagens que comprovem que o remetente tem intimidade com o destinatário, lembrando que *tu*, em geral, é um pronome usado em situações informais.

c) Algum dos dois trechos parece ser de uma carta mais atual? Justifique sua resposta.



2 Releia a carta 1 e reescreva-a, substituindo o pronome tu pelo pronome você e alterando o verbo da 2ª para a 3ª pessoa. Faça outras modificações que sejam necessárias.

Lined writing area consisting of 20 horizontal lines for the student's response.

Você já viu as letras PS no final de uma carta?

PS é a abreviação para a expressão *post scriptum*, em latim – antiga língua que deu origem à língua portuguesa –, e significa *escrito depois*. Indica algo que o remetente quer acrescentar à carta após já ter encerrado o texto com a assinatura.

Além de servir para corrigir falhas de memória ou simplesmente informar mudanças que aconteceram depois que a carta foi concluída, o PS serve como mais um recurso de escrita: depois de ler toda a carta, o leitor encontra uma ideia colocada em evidência.

Por isso, mesmo em *e-mails*, que podem ter texto incluído ou alterado antes de ser enviado, o PS continua sendo utilizado como um modo de fazer com que uma ideia se sobressaia em uma carta, que ganhe destaque.



HORA DA CHECAGEM

Agora, retome o que você escreveu nas atividades propostas e confira suas respostas. Antes de apagar algo, porém, reflita sobre o que foi escrito, já que sua resposta pode estar correta mesmo que contenha palavras diferentes das que você vai ler a seguir.

Atividade 1 - Leitura de cartas pessoais

Nas questões dessa atividade, você deve ter considerado suas vivências para criar hipóteses sobre o texto antes da leitura.

1

a) Você pode ter respondido que o pai teria escrito a carta registrando uma passagem marcante da vida do filho, para que ele a lesse quando fosse mais velho. Ou para que outra pessoa lesse para o menino as notícias sobre o pai, enviadas de longe.

b) O modo de o pai iniciar a carta já anuncia o tom amoroso e terno com que ele escreveu ao filho.

2

a) A informação precisa de que a carta foi escrita em “Boa Esperança, 21 de julho de 1950” são indícios de que se trata de um documento valioso para a história do artista e que possivelmente documentará aspectos de sua vida familiar e de sua infância.

b) Você deve ter comparado o que escreveu no item a da questão 1 com aquilo que descobriu ao ler a carta. A finalidade da carta do pai de Nelson Freire era permitir que o filho conhecesse, no futuro, os motivos que o fizeram decidir pela mudança para o Rio de Janeiro e como essa decisão tem a ver com o talento que o menino já mostrava para a música.

c) Você deve ter destacado com cores diferentes as seguintes partes do texto:

“Boa Esperança, 21 de julho de 1950”: local e data onde a carta foi escrita.

“Meu filhinho”: a identificação do nome do destinatário (vocativo e/ou uma saudação logo no início).

Os sete parágrafos do texto: o corpo da carta.

“Afetuosamente”: frase de despedida ao final da carta.

“Papai”: assinatura do remetente.

d) O corpo da carta foi dividido em sete parágrafos.

e) A organização dos parágrafos permite identificar como temas principais:

- 1º parágrafo – Motivos e intenções do autor.
- 2º parágrafo – Nascimento e saúde do filho.
- 3º parágrafo – Primeiros contatos com a música.
- 4º parágrafo – Viagem e apresentação no Colégio Sion de Campanha.



- 5º parágrafo – Aulas com o maestro Fernandez, em Varginha.
- 6º parágrafo – Indecisão quanto à mudança para o Rio de Janeiro.
- 7º parágrafo – Decisão da mudança.

f) Os fatos organizados em ordem cronológica ficam assim:

1944 – Nascimento de Nelson Freire em Boa Esperança.

1948 – Viagem e apresentação no Colégio Sion de Campanha.

1950 – Decisão de mudar para o Rio de Janeiro (escrita da carta).

g) O tom afetivo se revela em muitos trechos. É interessante observar como o uso do diminutivo geralmente aumenta o poder afetivo das palavras. Veja se você selecionou alguns desses trechos.

Do 2º parágrafo: “Quando te vi, filhinho, meu coração doeu como nunca e meus olhos ficaram marejados de lágrimas [...] com o corpinho sempre untado de pomadas, com uma carinha magrinha que metia dó”.

Do 3º parágrafo: “ficavas quietinho, embora cheio de mazelas, ao ouvir música, quando tua irmã Nelma tocava”.

Atividade 2 - Cartas antigas e modernas

1

- a) Você deve ter respondido que as cartas são pessoais, pela evidente relação de intimidade entre o remetente e o destinatário.
- b) Você deve ter circulado palavras e frases como “Querido”; “A gente podia dar um jeito, não?”; “Tu sabes o quanto te gosto” como passagens que comprovam essa proximidade.
- c) É possível dizer que a carta 2 é mais atual se forem consideradas expressões como: “caramba”, “tô” e “pra”, comuns nas conversas do dia a dia e usadas também em mensagens escritas informalmente.

2 Na reescrita solicitada nessa questão, as mudanças que você deve ter feito são as seguintes:

[...]

Está bem?

Não **fique** chateado comigo antes que **lhe** explique o que aconteceu.

Depois **você** me **dirá** se fiz bem.

Foi exatamente do jeito que vou contar a **você**. [...]

Mas estava tão bom, que passou a quarta, veio a quinta, sem que conseguisse cumprir minha promessa e o visitasse aí em **sua** terra. **Você sabe** o quanto gosto **de você**, mas **conhece** bem a praia de Matinhos [...] Até breve. **Perdoe-me**. Adalberto





Reclamar, reivindicar, fazer um pedido, um agradecimento, oferecer um serviço etc. são atos relacionados à vida em sociedade, à realidade cotidiana.

Uma maneira de formalizar esses atos é escrever cartas, que podem ser enviadas aos seus destinatários específicos ou publicadas em um jornal, por exemplo, para que atinjam um público maior, de modo a dar mais visibilidade ao que se pretende dizer.

Diferentemente das cartas pessoais, as cartas que circulam em espaços públicos têm formas mais ou menos fixas de organização e exigem o uso de uma linguagem mais formal. Para atingir objetivos definidos, quem as escreve deve elaborar um texto correto, claro e **conciso**, a fim de evitar diferentes interpretações dos leitores.

**Conciso**

Resumido, preciso, sucinto.

Às vezes, dependendo da situação, convém consultar manuais de redação técnica para conhecer modelos de cartas adequados a cada tipo de situação. Localidade e data, nome do destinatário, saudação inicial, corpo da carta e despedida podem variar conforme sua necessidade: escrever uma carta de reclamação, de solicitação, um ofício ou um memorando.

**O QUE VOCÊ JÁ SABE?**

1 Procure se lembrar de alguma situação em que você se sentiu prejudicado. Responda:

a) Escreva o motivo pelo qual se sentiu assim.

b) Como você reagiu?





c) Você acha que sua reação foi acertada? Hoje você reagiria de maneira diferente? Como?

2 Na sua opinião, em uma reclamação por escrito seria válido ofender o destinatário para expressar sua insatisfação? Por quê?

3 Você acha que em uma reclamação por escrito é válido oferecer argumentos, motivos e consequências daquilo que gerou sua insatisfação? Por quê?

4 Quais são as diferenças entre *solicitar* e *reclamar*?



A arte de reclamar

Reclamar vem da palavra latina *reclamare* e significa *gritar, protestar, exclamar* (em sinal de oposição). A reclamação é um direito – está previsto no Código de Defesa do Consumidor –, uma maneira de se proteger das mais variadas situações do dia a dia: compras que não deram certo, serviços que foram pagos e não prestados, direitos que não foram respeitados, como, por exemplo, atendimentos à saúde não realizados, falta de vagas em escolas etc. As pessoas reclamam quando se sentem lesadas, quando instituições não cumprem seu dever.

Existem muitos tipos de carta de reclamação. Elas podem mudar de acordo com a intenção de cada reclamante e do quanto este se sentiu prejudicado em determinada situação. Mas é preciso saber para quem reclamar e, principalmente, saber usar a linguagem adequada para fazê-lo, pois a maneira como você fala ou escreve





pode fazer toda a diferença quando se trata de uma reclamação. Perder a cabeça, xingar, ser ofensivo pode ser considerado um abuso de direito e então, de vítima, você passa a ser o acusado.

Maurício Vargas, diretor e fundador do site ReclameAqui, especializado na orientação sobre direitos do consumidor, diz que o descontrole é o erro mais comum do consumidor na hora de reclamar. Nos momentos de raiva, quem escreve tende a se exceder nos termos que usa. Para ele, é preciso deixar de lado a insatisfação e elaborar um texto claro, objetivo e conciso para chegar a uma solução. Ao escrever uma carta endereçada ao Serviço de Atendimento ao Consumidor (SAC), o reclamante precisa deixar claros os motivos que o levaram a enviá-la e as regras que amparam seu direito de reclamar. Assim, sua mensagem será bem compreendida, o que contribuirá para que os responsáveis possam solucionar seu problema. Daí a importância de ser cauteloso e objetivo ao escrever.

MOMENTO CIDADANIA

A Fundação de Proteção e Defesa do Consumidor (Procon) trabalha em defesa dos consumidores, orientando-os em suas reclamações, informando-os de seus direitos e fiscalizando as relações de consumo.

O site do Procon traz informações importantes sobre o direito do consumidor. Veja a seguir um texto extraído de lá.

A Fundação de Proteção e Defesa do Consumidor – Procon tem por *objetivo elaborar e executar a política de proteção e defesa dos consumidores do Estado de São Paulo*. Para tanto, conta com o apoio de um grupo técnico multidisciplinar que desenvolve atividades nas mais diversas áreas de atuação, tais como:

- i. educação para o consumo;
- ii. recebimento e processamento de reclamações administrativas, individuais e coletivas, contra fornecedores de bens ou serviços;
- iii. orientação aos consumidores e fornecedores acerca de seus direitos e obrigações nas relações de consumo;
- iv. fiscalização do mercado consumidor para fazer cumprir as determinações da legislação de defesa do consumidor;
- v. acompanhamento e propositura de ações judiciais coletivas;



- vi. estudos e acompanhamento de legislação nacional e internacional, bem como de decisões judiciais referentes aos direitos do consumidor;
- vii. pesquisas qualitativas e quantitativas na área de defesa do consumidor;
- viii. suporte técnico para a implantação de Procons Municipais Conveniados;
- ix. intercâmbio técnico com entidades oficiais, organizações privadas, e outros órgãos envolvidos com a defesa do consumidor, inclusive internacionais;
- x. disponibilização de uma Ouvidoria para o recebimento, encaminhamento de críticas, sugestões ou elogios feitos pelos cidadãos quanto aos serviços prestados pela Fundação Procon, com o objetivo de melhoria contínua desses serviços. [...]

FUNDAÇÃO de Proteção e Defesa do Consumidor (Procon). *Institucional: objetivos.* Disponível em: <<http://www.procon.sp.gov.br/categoria.asp?id=206>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

FICA A DICA!

Caso queira se aprofundar no assunto, visite os seguintes sites de instituições civis que orientam os consumidores sobre seus direitos. Em alguns deles, inclusive, você pode também postar sua reclamação gratuitamente (veja os indicados com *). Assim, se um dia algum serviço que foi prestado a você não lhe agradar, além de enviar cartas de reclamação diretamente para a empresa, você pode mandá-la para um jornal ou, também, publicá-la em um desses sites (ou pesquisar outros). Dessa maneira, estará exercendo sua cidadania.

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Defesa do Consumidor e Trabalhador (Abradecont). Disponível em: <<http://abradecont.org.br>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

* ASSOCIAÇÃO Nacional de Assistência ao Consumidor e ao Trabalhador (Anacont). Disponível em: <<http://anacontcomvoce.com.br>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

FÓRUM Nacional de Entidades Civas de Defesa do Consumidor (FNECDC). Disponível em: <<http://www.forumdoconsumidor.org.br/>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

* FUNDAÇÃO de Proteção e Defesa do Consumidor (Procon). Disponível em: <<http://www.procon.sp.gov.br>>; <<http://www.procon.sp.gov.br/atendimento.asp>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

INSTITUTO Brasileiro de Política e Direito do Consumidor (Brasilcon). Disponível em: <<http://www.brasilcon.org.br>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

INSTITUTO Nacional de Defesa do Consumidor (Idecon). Disponível em: <<http://www.ideconbrasil.org.br>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

INSTITUTO Nacional de Defesa do Consumidor do Sistema Financeiro (Andif). Disponível em: <<http://www.andif.com.br>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

* RECLAMAO.COM. Disponível em: <<http://www.reclamao.com>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

* RECLAMEAQUI. Disponível em: <<http://www.reclameaqui.com.br/reclame/>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

ATIVIDADE

1 Lendo uma carta de reclamação

Conforme informações retiradas do site do Procon, em 2011, a área de produtos (móveis, aparelhos eletrônicos e vestuário) foi a que registrou maior número de reclamações, seguida por assuntos financeiros (bancos, seguradoras) e serviços essenciais (telecomunicações, energia elétrica, saneamento básico).

1 Leia a carta a seguir e, depois, responda às questões propostas.

São Paulo, 30 de março de 2012.

Lojas Belezas na Cozinha
a/c Departamento de Atendimento ao Consumidor

Prezados senhores,

No dia 30 de janeiro, comprei um armário de cozinha, modelo Metal, formado por quatro peças e gaveteiro (envio cópia da nota fiscal anexada a esta carta). Na compra efetuada, estava incluída a montagem do armário num prazo máximo de 10 dias.

No dia 5 de fevereiro, o armário foi entregue em minha casa, mas até hoje (dia 30/3) nenhum técnico da loja veio montá-lo. Já conversei por telefone **inúmeras** vezes com o Serviço de Atendimento ao Cliente da loja. A informação que recebi nesses **DOIS MESES DE ESPERA** foi sempre a mesma: um novo agendamento para realização do serviço. Mas nenhum técnico apareceu nas datas previstas.

O armário está desmontado há dois meses no meio de minha cozinha. Não há outro espaço em minha casa onde possa acomodá-lo. O mais grave é que, em todas as datas previstas para a visita do técnico, não pude trabalhar. Trabalho na área de serviços domésticos e não posso me dar ao luxo de perder dias de serviço, já que sou diarista.

Acredito que é do meu direito ser atendida decentemente, já que paguei o armário à vista. Exijo que o armário seja montado na data mais próxima do dia do recebimento desta carta, de preferência em um sábado, assim não perderei mais nenhum dia de serviço. Caso isso não aconteça, buscarei as **MEDIDAS JUDICIAIS** cabíveis e necessárias e lutarei para obter meu dinheiro de volta, com juros e correções.

Sem mais,

Débora Alcântara

Como você viu, esta é uma carta de reclamação. Preencha o quadro a seguir indicando os elementos típicos do gênero:

1	Onde e quando a carta foi escrita?	
2	Quem é o destinatário?	
3	Como o remetente se reportou ao destinatário no início da carta (vocativo)?	
4	Qual é o problema apresentado pelo remetente?	
5	Qual é a situação atual de Débora Alcântara?	
6	Qual solução ela propõe?	
7	Como o remetente se despediu ao encerrar a carta?	
8	Assinatura do remetente	

2 Ao ler a carta de Débora, você pode perceber que ela foi muito prejudicada pelo péssimo atendimento da loja com a qual fez o contrato. Por isso, ela apresenta as razões de sua reclamação.

a) Volte ao texto e grife os trechos da carta em que Débora menciona os prejuízos que ela teve pelo atraso do serviço.

b) Transcreva os trechos da carta em que a remetente faz crer que a loja não agiu corretamente.

3 Localize os verbos e as expressões verbais que aparecem na carta enviada por Débora.

a) Em que parte do texto está a maioria dos verbos e das expressões verbais no passado? Por que esse tempo verbal foi usado?

b) Há verbos e expressões verbais no tempo futuro? Em caso de resposta afirmativa, em que parte do texto foram utilizados? Por quê?

4 Por que, em sua opinião, algumas palavras estão escritas em letras maiúsculas e em negrito?

É bom lembrar que, em Língua Portuguesa, os verbos podem ser conjugados em seis tempos diferentes:

PRESENTE – para eventos situados no momento da enunciação ou que expressam eventos que se inserem em uma rotina. Exemplo: ando, leio, abro.

PASSADO – para eventos ocorridos em momento anterior ao da enunciação.

Pretérito perfeito: Exemplo: andei, li, abri.

Pretérito imperfeito: Exemplo: andava, lia, abria.

Pretérito mais-que-perfeito: Exemplo: andara, lera, abrira.

FUTURO – para eventos que ocorrerão ou poderiam ocorrer em um momento posterior ao da enunciação.

Futuro do presente: Exemplo: andarei, lerei, abrirei.

Futuro do pretérito: Exemplo: andaria, leria, abriria.

MOMENTO CIDADANIA

O exercício da cidadania pressupõe um posicionamento diante dos fatos. Por isso é preciso que você se informe, reflita e manifeste seu ponto de vista, concordando, discordando, contestando, debatendo. É fundamental saber reivindicar seus direitos, inclusive por meio da escrita. A leitura e a escrita são fundamentais para o exercício da cidadania, tanto que se constituem um direito de todo cidadão.

Mas ler é ter uma atitude ativa diante dos fatos?

A leitura não serve de apoio apenas para o enfrentamento de conflitos e tensões. Ela também é importante para o refinamento do senso crítico e estímulo à curiosidade diante do mundo.



A arte de solicitar: carta de solicitação

Conforme o *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, a palavra *solicitar* significa “tentar conseguir, ir atrás de; requestar, procurar, buscar”; significa também “pedir com insistência, agenciar com vivo empenho; rogar, diligenciar”. Assim, as cartas de solicitação são diferentes das cartas de reclamação. Nas cartas de reclamação, os **argumentos** são usados para convencer o destinatário de que a exigência feita está apoiada em provas, principalmente quando se reclama o cumprimento de um direito dado por alguma lei. Já as cartas de solicitação precisam de argumentos para **persuadir** o leitor, isto é, convencê-lo “por bem” a atender quem escreve, pois o destinatário da carta não tem a obrigação legal de atender ao que lhe é solicitado.

ARGUMENTAR PARA QUÊ?

Os argumentos são ideias, fatos, relatos que demonstram, fundamentam, provam com evidências aquilo que propomos ser a verdade em um texto, quer seja ele oral ou escrito. Por meio desses argumentos, o ponto de vista do autor é expresso no texto de modo a convencer o leitor de que é o mais sensato, que merece ser levado em consideração.

Nas cartas de reclamação, além de sustentar com provas o direito que está sendo reclamado, se o remetente não apresentar argumentos que demonstrem como se sentiu prejudicado, quais foram os prejuízos vividos, talvez até não consiga os direitos que lhe foram negados.

Nas cartas de solicitação, a presença dos argumentos também é indispensável para que o remetente tenha sua solicitação atendida, para que faça crer que tal solicitação é favorável ao destinatário em alguma medida, que dê motivos para ser atendido.

ATIVIDADE

2

Lendo uma carta de solicitação

Antes de ler o corpo da carta apresentada a seguir, localize algumas informações essenciais comuns às cartas de todos os gêneros (a saudação inicial, o remetente, o destinatário, o local e a data em que foi escrita) para antecipar algumas ideias a respeito do conteúdo do texto. Durante a leitura, tenha um lápis em mãos para destacar esses e outros elementos típicos das cartas, estudados ao longo da Unidade, como a organização das ideias no corpo da carta e a despedida.

Leia a carta e depois responda às questões propostas.



Carolina Ferrari
Rua Alcântara Munhoz, 435
05598-108 – São Paulo – SP

Supermercado Vitória
Av. João Neto, 45
05598-100 – São Paulo – SP

São Paulo, 30 de março de 2012.

Prezado gerente do Supermercado Vitória:

O motivo desta carta é informá-lo que tenho interesse em exercer a função de operadora de caixa no Supermercado Vitória. Meu currículo encontra-se anexado para a sua apreciação.

Já trabalhei como operadora de caixa em outros supermercados e tenho muita experiência nessa função. Também posso desempenhar outros serviços, **pois** já fiz diversos cursos de capacitação, como o curso de Logística e Relações Humanas. **Além disso**, tenho noções básicas de informática. Gosto de lidar com público – sou muito comunicativa – e adoro aprender coisas novas. Tenho me preparado bastante **para** assumir de imediato uma função, **mas** não poderia trabalhar no período noturno, **já que** estudo.

Na expectativa de poder demonstrar minhas capacidades de trabalho e minha vontade e determinação, subscrevo-me,

Atenciosamente,
Carolina Ferrari
Tel.: 3000-5678
carolina.ferrari@email.com

1 Qual é o principal objetivo da carta de Carolina?

2 Você acha que ela escreveu uma boa carta para o que deseja? Por quê?





3 Retire da carta os argumentos que Carolina apresentou para convencer o gerente do supermercado de que está apta a assumir uma vaga de emprego.

4 No 2º parágrafo da carta, há algumas palavras destacadas. Elas são usadas pela autora para relacionar partes do texto, organizando, assim, a sequência do que está tratando. Substitua-as por palavras ou expressões que estão no quadro a seguir e reescreva o parágrafo, fazendo as alterações necessárias.

a fim de, porém, visto que, também, assim como, no entanto, pois, por isso, portanto, porque, também, do mesmo modo, como também, com o objetivo de

ATIVIDADE **3** Escrevendo uma carta de solicitação

1 Em sites oficiais do governo de muitas cidades há um espaço em que qualquer cidadão pode solicitar serviços públicos ou reclamar dos que já existem. Faça uma lista dos problemas mais graves que você reconhece em seu bairro ou sua rua e pense em qual solicitação poderia fazer às autoridades municipais para futuras melhorias. Os problemas listados podem ser de qualquer área: educação, saúde, transporte, saneamento básico, coleta de lixo etc.

2 Terminada a lista, escolha um dos problemas que listou para elaborar uma carta de solicitação. O quadro a seguir pode orientar sua produção, além de oferecer algumas dicas para ajudá-lo no momento de escrever e revisar sua carta.



[Local e data]

[Saudação inicial]

Caso escreva para o prefeito, você pode usar “Excelentíssimo senhor prefeito”; caso seu destinatário seja algum secretário municipal, pode usar “Excelentíssimo secretário”.

[Corpo da carta]

[Motivo pelo qual escreve a carta]

Descreva a situação que o levou a escrever a carta.

[Pedido/solicitação]

Procure apresentar sua solicitação com bastante clareza, para que o destinatário possa avaliar adequadamente o seu pedido.

[Argumentos]

Escreva os argumentos que darão sustentação, fundamentação ao pedido, usando conectivos para introduzir esses argumentos e explicações (como *pois, já que, em virtude de, em razão de*) e, também, marcadores textuais para organizar a ordem dos argumentos (como *em primeiro lugar, além disso, assim, portanto*).

Procure apresentar fatos, causas, consequências que expliquem e situem bem o problema. São esses argumentos que tornarão sua solicitação relevante, ou seja, importante, com valor, e convencerão o leitor a atendê-la. Quanto mais fundamentada, isto é, quanto mais sua solicitação for apoiada em argumentos convincentes, mais crédito terá o seu ponto de vista para o destinatário!

[Despedida/pedido de **deferimento**]

Você pode escolher uma dessas possibilidades: *Agradecendo sua atenção, subscrevo-me cordialmente; Na expectativa de sua resposta, despeço-me atenciosamente; Atenciosamente; Cordialmente.*

[Assinatura]

Lembre-se de colocar seu nome completo e outras informações relevantes para o problema para o qual você está solicitando uma solução. Se for um problema do bairro em que mora, por exemplo, você pode informar o seu endereço residencial; se for na escola, o endereço de onde você estuda.



Deferir

Conceder, despachar favoravelmente.



Elabore uma carta solicitando a alguma autoridade uma melhoria para algum dos problemas que você listou.

Lined writing area for the letter.



Conforme pesquisa realizada pela consultoria alemã GFK com quase 19 mil pessoas de 18 países da Europa e da América, incluindo o Brasil, os profissionais com maior credibilidade entre a população em 2010 foram bombeiros, carteiros, professores e médicos.
Fonte: LVBA Comunicação. Confiança da população nos políticos continua em queda. Disponível em: <http://www.lvba.com.br/web2/imprensa/?confianca_da_populacao_nos_politicos_continua_em_queda>. Acesso em: 25 fev. 2014.

Por que você acredita que os carteiros estão entre os profissionais com maior credibilidade entre a população brasileira e a dos demais países pesquisados?





HORA DA CHECAGEM

Agora, retome o que você escreveu nas atividades propostas e confira suas respostas.

Não se esqueça de que há muitas maneiras de elaborar uma resposta correta!

Atividade 1 - Lendo uma carta de reclamação

1 Trata de uma carta de reclamação porque o remetente retrata uma situação na qual se sentiu prejudicado, ferido em seus direitos de consumidor. O foco da carta é fazer uma queixa, exigir que o contrato seja cumprido. Os elementos que você deve ter identificado são:

1. São Paulo, 30 de março de 2012.
2. Lojas Belezas na Cozinha, aos cuidados (a/c) do Departamento de Atendimento ao Consumidor.
3. Prezados senhores.
4. O problema apresentado pelo remetente é o não cumprimento de um serviço prometido em contrato para a compra de armários de cozinha. No ato da compra, em 30 de janeiro, a loja prometeu que a montagem seria feita em um prazo de 10 dias.
5. A situação atual de Débora Alcântara é que, dois meses depois da compra, o serviço ainda não tinha sido realizado.
6. Como solução, ela propõe que nova data seja agendada para a montagem, tão logo a carta seja recebida. Se não for atendida, ela informa que vai buscar medidas judiciais para receber seu dinheiro de volta, com juros e correções.
7. Sem mais.
8. Débora Alcântara.

2

a) Nessa questão, você deve ter grifado, em especial, os argumentos do 3º parágrafo, no qual a remetente diz que o armário desmontado se tornou um problema em sua cozinha e conta os prejuízos que teve ao perder dias de trabalho para esperar o técnico que nunca chegou.

b) Os trechos transcritos podem ser retirados do 2º parágrafo, quando Débora relata que a loja havia respondido a seus telefonemas, mas que nenhum técnico teria comparecido para montar os armários nas datas agendadas.

3

a) Você deve ter localizado mais verbos no passado, nos dois primeiros parágrafos (*comprei, estava, foi, veio, conversei, recebi...*), pois é nesse trecho que a remetente inicia a narração dos fatos desde o momento da compra, ou seja, conta eventos do passado.

b) Veja se na sua resposta você localizou os verbos no tempo futuro (*perderei, poderei, buscarei, lutarei*) concentrados no 4º parágrafo, pois é ali que a autora aponta o que fará caso não seja atendida em sua reclamação.



4 As palavras escritas de modo destacado pretendem dar ênfase àquilo que é central na reclamação: o tempo de espera e a promessa de solucionar o problema por meio de medidas judiciais.

Atividade 2 - Lendo uma carta de solicitação

Durante a leitura da carta, verifique se você identificou e grifou os elementos típicos do gênero:

- remetente: Carolina Ferrari;
- destinatário: Supermercado Vitória;
- local e data: São Paulo, 30 de março de 2012;
- saudação inicial: Prezado gerente do Supermercado Vitória;
- corpo: os três parágrafos;
- despedida: Atenciosamente.

1 Você deve ter reparado que o assunto da carta é a solicitação de uma vaga como operadora de caixa. Se for o caso, você pode complementar sua resposta dizendo que a remetente acrescenta suas qualificações e intenções profissionais à solicitação do emprego e anexa o currículo à carta.

2 A solicitação de Carolina se mostra bastante fundamentada, e a carta está bem escrita, pois apresenta bons argumentos para que seu pedido seja atendido pelo gerente.

3 Você pode retirar argumentos relacionados à experiência anterior de Carolina como operadora de caixa, e também aos cursos de capacitação que ela já fez. Outro forte argumento se constrói com base na exposição de suas intenções de assumir a função de imediato, somadas à vontade e à determinação que tem para o trabalho.

4 Para fazer a reescrita do parágrafo com as substituições, você deve ter percebido a afinidade de sentido que apresentam os conectores fornecidos e aqueles usados na carta. A seguir há duas opções de substituição para cada um deles, colocadas entre parênteses.

Já trabalhei como operadora de caixa em outros supermercados e *(por isso, portanto)* tenho muita experiência nessa função. Também posso desempenhar outros serviços, **pois** *(visto que, porque)* já fiz diversos cursos de capacitação, como o curso de Logística e Relações Humanas. **Além disso** *(também, do mesmo modo)*, tenho noções básicas de informática. Gosto de lidar com público – sou muito comunicativa – e *(assim como, como também)* adoro aprender coisas novas. Tenho me preparado bastante **para** *(com o objetivo de, a fim de)* assumir de imediato uma função, **mas** *(porém, no entanto)* não poderia trabalhar no período noturno, **já que** *(visto que, pois)* estudo.

Atividade 3 - Escrevendo uma carta de solicitação

1 É bem possível que sua lista de problemas inclua falhas nas linhas de ônibus e na qualidade do serviço das empresas que prestam esse serviço à prefeitura; acúmulo de lixo e problemas com

TEMAS

1. Pesquisas dentro e fora da escola
2. Dicionário: o pai dos sabidos!
3. Enciclopédias

Introdução

Nesta Unidade, você vai aprender mais sobre o uso de **dicionários** e de **enciclopédias**, que são obras utilizadas para pesquisar palavras, assuntos ou temas que tenham algum interesse. Vai ler e analisar verbetes, que é o gênero textual presente nesses livros, e descobrir quanta informação pode ser retirada deles! Também estudará verbetes que podem ser acessados pela internet, tecnologia que renovou o gênero e enriqueceu o modo de fazer pesquisas.

Pesquisas dentro e fora da escola **TEMA 1**

A palavra latina *perquiro*, traduzida em português por *pesquisa*, significa *buscar com cuidado, procurar por toda a parte, informar-se de, inquirir, perguntar* (cf. *Novissimo diccionario Latino-Portuguez*, de F. R. dos Santos Saraiva. H. Garnier, 1889).

De acordo com essa definição, pode-se dizer que a pesquisa está presente no dia a dia das pessoas, toda vez que pedem informações; procuram saber sobre determinado assunto, tiram dúvidas com professores, com médicos, com gerentes de banco...

Na escola, o trabalho de pesquisa envolve mais do que fazer uma pergunta. Inclui procurar, em diferentes fontes – livros, dicionários, enciclopédias, revistas, jornais etc. – informações sobre o assunto pesquisado, bem como o estudo das fontes selecionadas.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Leve em conta sua própria experiência e as ideias apresentadas acima para responder às questões a seguir:



1 Escreva, no espaço indicado, **PE**, para *pesquisa escolar*, e **PC**, para *pesquisa cotidiana*.

a) Quando alguém telefona para a companhia de transportes e pede informações sobre qual ônibus mais indicado para ir de um lugar a outro.

b) Quando alguém utiliza um guia de ruas para saber a localização de um endereço que não conhece.

c) Quando uma pessoa procura informações, em livros, sobre os rios brasileiros.

d) Quando uma pessoa consulta um dicionário para saber exatamente os significados de uma palavra.

e) Quando uma pessoa procura nos classificados de um jornal uma oferta de emprego.

f) Quando alguém acessa a internet para descobrir sintomas de alguma doença que desconfia ter.

g) Quando alguém procura, em sites, a biografia de um autor para conhecer um pouco mais sobre ele.

2 Que pesquisas você costuma fazer em seu cotidiano?

3 Você se recorda de ter tido dificuldades para fazer algum tipo de pesquisa? Qual foi o tema? Quais dificuldades você encontrou?

4 Você acha que a atividade de pesquisa é algo que precisa ser ensinado na escola? Por quê?





Pesquisa escolar

Problemas da cidade, aquecimento do planeta, migrações, contos e versos populares do Brasil, tratamento da água, trabalho e emprego no Brasil, desmatamento e poluição, festas populares, condições de moradia são alguns dos muitos temas que os estudantes frequentemente pesquisam na escola.

Em geral, nas pesquisas propostas aos estudantes, os professores pedem que se busquem, em fontes diversas, informações, dados e imagens sobre o tema pesquisado. Depois é preciso estudar o material encontrado, fazendo resumos, fichamentos e apresentando os resultados e as conclusões da pesquisa para determinado público.

Tendo em vista temas de seu interesse, consultar **obras de referência** pode ser o passo inicial de uma pesquisa escolar! É sobre essas obras que você vai estudar agora.

As obras de referência são almanaques, atlas, enciclopédias e dicionários de vários tipos. Nas bibliotecas e salas de leitura, essas obras ficam organizadas à parte e não podem ser emprestadas aos usuários, pois são consideradas obras de consulta permanente e devem estar sempre disponíveis.

São excelentes pontos de partida para muitos dos temas a ser pesquisados, já que fornecem definições, informações básicas, uma visão geral do tópico abordado, fatos, estatísticas, imagens e indicações de outras fontes que, posteriormente, podem ser consultadas.

É importante observar que o leitor de uma obra de referência extrai dela apenas as informações de que necessita, de acordo com o que tem interesse de pesquisar.

Cada obra de referência tem uma função específica. Para cada tipo de informação existe um tipo de obra de referência mais recomendada. Caso necessite confirmar uma data, um fato ou ver uma imagem, **almanaques** podem ser a opção ideal. Se precisar localizar um país ou uma cidade, rio ou floresta, analisar um mapa, um **atlas** poderá ser consultado. Para verificar o que significa uma palavra, procurar **sinônimos**, ou descobrir a **etimologia**,



Glossário

Sinônimo

Palavra (ou conjunto de palavras) que tem quase a mesma significação de outra. Dependendo do texto em que se encontram, as palavras podem substituir uma a outra, sem que haja mudança no sentido da frase. Exemplos: cão e cachorro; menino e garoto; adorar e venerar.

Etimologia

Ciência que estuda a origem e a evolução das palavras. Depois de conhecer a história da palavra, é possível compreendê-la de maneira diferente. Em muitos dicionários (como o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*), entre todas as informações que o verbete apresenta, há o sentido etimológico da palavra.

um **dicionário** seria a melhor escolha. Uma **enciclopédia** ou **dicionários temáticos** (dicionário de filosofia, de culinária, de história etc.) serão úteis no caso de desejar encontrar informações básicas ou introdutórias sobre um assunto.

Para pesquisas mais aprofundadas, outras fontes confiáveis precisam ser consultadas: sites, reportagens, revistas, livros, artigos de divulgação científica etc.

**ASSISTA!****Língua Portuguesa – Volume 3**

Com a palavra, o dicionário

Esse vídeo trata das origens do dicionário e apresenta os desafios que envolvem a produção de um dicionário hoje. Também revela o dinamismo da língua e mostra como as pessoas se relacionam com as palavras. Confira.

ATIVIDADE**1****Organizando as informações da pesquisa**

Fazer uma pesquisa exige do leitor habilidades para manipular e localizar informações das obras consultadas. Também exige que ele saiba o que fazer com as informações que encontrar, que se aproprie do material que foi selecionado.

Nesta atividade, você vai ler um texto retirado do *Dicionário Sesc: a linguagem da cultura*, que trata da literatura de cordel. Além de ler um texto extraído de uma obra de referência, você verá como estudá-lo.

1 Antes de ler o texto do *Dicionário Sesc: a linguagem da cultura*, responda às questões, levando em conta seus conhecimentos e suas experiências de vida.

a) Escreva o que você sabe sobre a literatura de cordel.

b) Que informações históricas você gostaria de saber sobre o cordel? Escreva algumas perguntas sobre esse tema.

2 Agora leia o texto extraído do *Dicionário Sesc: a linguagem da cultura* e responda às questões.

LITERATURA DE CORDEL. Literatura popular, de características folclóricas, em prosa ou em verso, impressa em folhetos vendidos em barracas de feira, de mercados, de praças ou em pontos de afluência pública. A denominação foi dada em Portugal pelo hábito de se exporem os folhetos amarrados por cordões ou cordéis. Sua difusão no Brasil ocorreu majoritariamente no Nordeste, em finais do século XIX, sendo produzida por escritores, poetas e cantadores **anônimos** ou **autônimos**. Os temas, nascidos principalmente do ambiente rural, **abarcam** o religioso e o **profano**, incluindo-se narrativas históricas, lendas e fábulas tradicionais, assim como acontecimentos **insólitos** ou eventos cotidianos, trágicos ou humorísticos. Ao longo do tempo, figuras, acontecimentos e cenários urbanos passaram a servir de tema aos poetas do cordel. Assim sendo, tanto se encontram personagens reais da vida política nacional, como aqueles elevados à categoria de heróis, de santos ou de bandidos – cangaceiros (Antônio Silvino, Lampião, Corisco) e profetas (Antônio Conselheiro, padre Cícero, frei Damião); figuras inteiramente fictícias (a negra de um peito só, os malandros João Grilo e Pedro Malasartes) ou ainda fantásticas (o Pavão Misterioso). A prosa é tratada na forma de conto, predominando na poesia os versos em **redondilhas**, maior ou menor. Um exemplo extraordinário e anônimo: “No tempo em que os ventos suis/faziam estragos gerais,/fiz barrocas nos quintais,/semeei cravos azuis./Nasceram esses tafuis/amarelos como cidro./Prometi a Santo Isidro/levá-los quando lá for,/com muito jeito e amor,/em uma taça de vidro”. [...]

CUNHA, Newton. *Dicionário Sesc: a linguagem da cultura*. São Paulo: Perspectiva/Sesc, 2003, p. 392.



Glossário

Abarcar

Conter, envolver, incluir.

Anônimo

Aquele que é desconhecido.

Autônimo

Nome. Quem assina ou publica suas obras com o verdadeiro nome.

Insólito

Incomum, pouco habitual.

Profano

Não pertencente à religião.

Redondilha

Verso de 5 ou 7 sílabas poéticas (só se conta até a última sílaba tônica).



a) O texto respondeu a algumas das perguntas ou tratou de algumas das curiosidades que você escreveu no exercício anterior? Justifique sua resposta.

b) Retire do texto informações sobre as características da literatura de cordel.

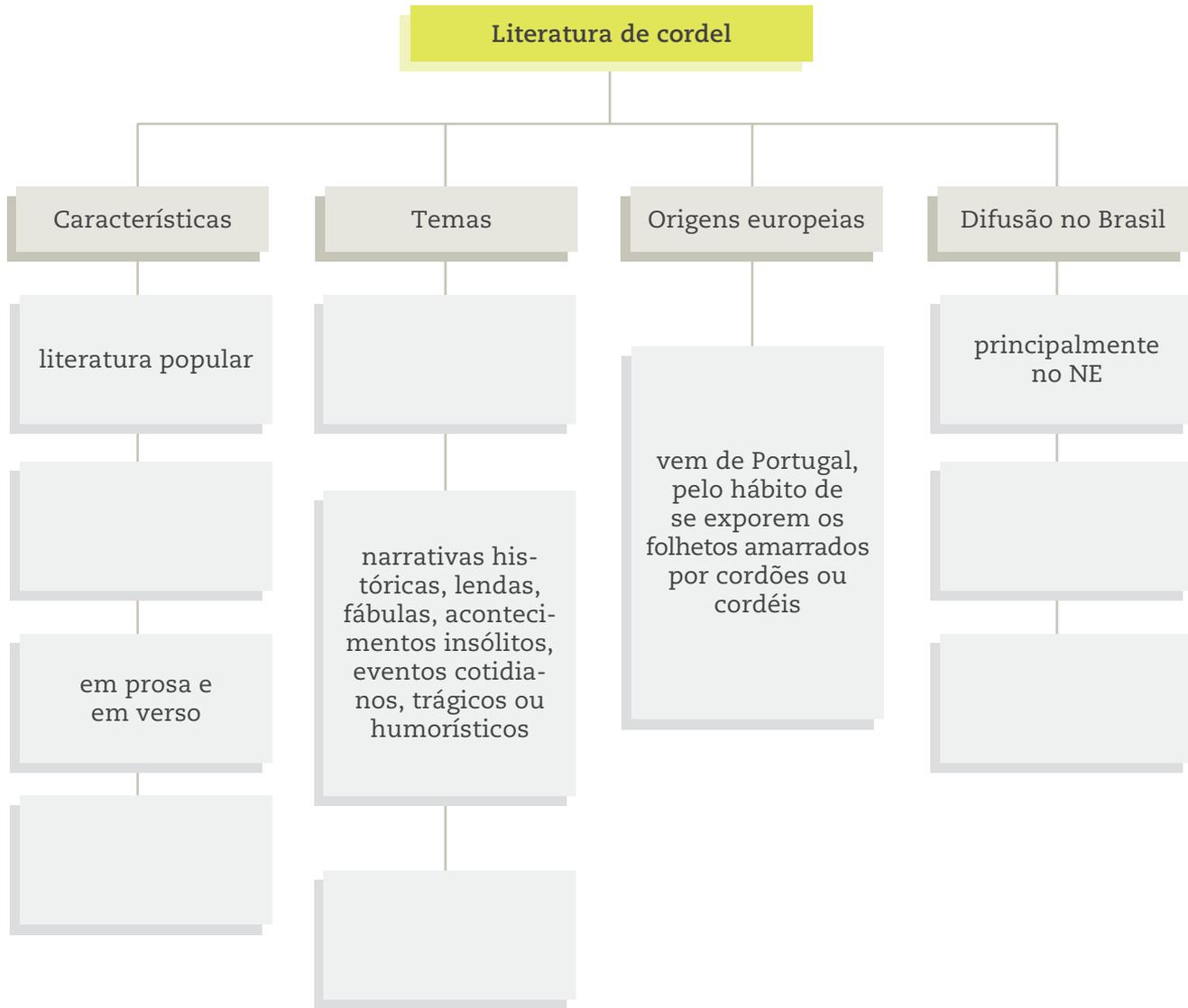
c) Retire do texto informações sobre as origens do cordel.

d) Retire do texto informações sobre a difusão da literatura do cordel pelo Brasil.

e) Retire do texto informações sobre os temas abordados na literatura de cordel.

f) Preencha o esquema a seguir com as informações que você escreveu nas letras *b*, *c*, *d*, *e*.





HORA DA CHECAGEM

Confira agora suas respostas à atividade proposta. Se for necessário, complete o que escreveu. Uma resposta pode estar correta mesmo que tenha sido escrita com palavras diferentes das que você vai ler a seguir.

Atividade 1 - Organizando as informações da pesquisa

1

a) Você deve ter lembrado de suas vivências com o cordel. É possível que já tenha lido um folheto ou que já tenha ouvido alguém recitar os textos de cordel.

b) A resposta é pessoal. Estas e muitas outras perguntas poderiam ter sido feitas: De onde vem o cordel? Quem são os principais cordelistas? Por que o cordel faz tanto sucesso no Brasil?

**2**

a) Você vai precisar conferir se o texto responde às perguntas que você fez. O texto fala das características da literatura de cordel, de suas origens, de como o cordel foi difundido no Brasil e os temas de que tratam os folhetos.

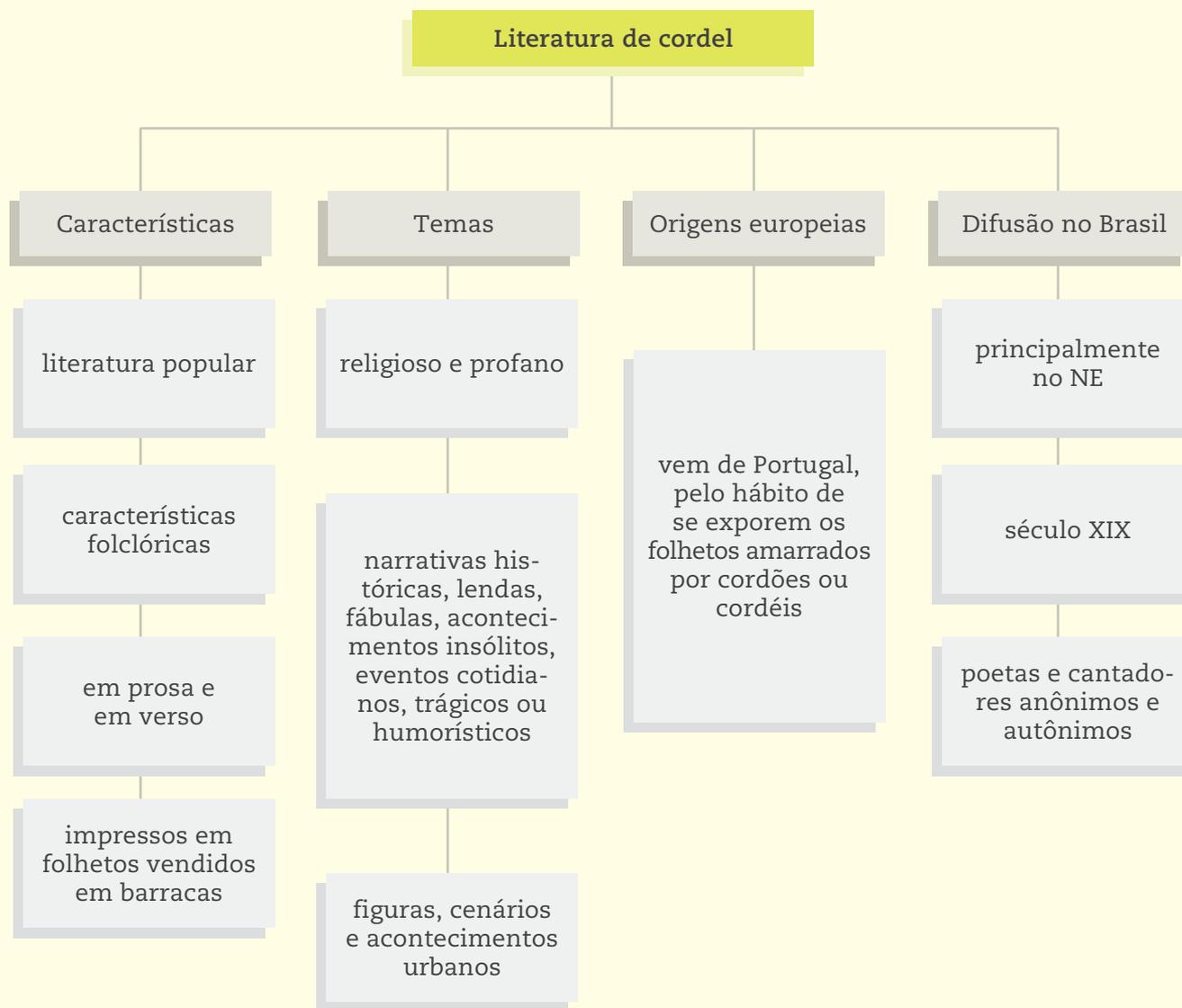
b) Veja se você escreveu as seguintes características: literatura popular, características folclóricas, em prosa ou em verso, impressa em folhetos vendidos em barracas.

c) Repare se você escreveu: o cordel vem de Portugal, pelo hábito de se exporem os folhetos amarrados por cordões ou cordéis.

d) Observe se você escreveu: a difusão do cordel no Brasil ocorreu principalmente no Nordeste, em finais do século XIX.

e) Os temas abordados na literatura de cordel são: o religioso e o profano, incluindo-se narrativas históricas, lendas e fábulas tradicionais, assim como acontecimentos insólitos ou eventos cotidianos, trágicos ou humorísticos; figuras, acontecimentos e cenários urbanos.

f) Confira como ficou o esquema completo:





Você vai observar como os dicionários são organizados e como proceder para entender as informações que aparecem nos verbetes.

O dicionário é uma fonte riquíssima de informação sobre a língua e o mundo, e consultá-lo deveria ser um hábito de todas as pessoas que querem saber mais sobre as coisas. Mas ler um verbete de dicionário não é uma tarefa simples. Para extrair todas as informações que um verbete de dicionário traz, são necessários algumas habilidades e conhecimento da língua escrita.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Responda às questões a seguir:

1 Você é daqueles que, para ler, escrever ou revisar um texto, consultam o dicionário toda hora? Ou, ao contrário, você raramente consulta um? Justifique sua resposta.

2 Você já ouviu alguém se referir ao dicionário como *pai dos burros*? Concorde com essa ideia? Mesmo sendo uma brincadeira, essa afirmação, para você, soa preconceituosa?

3 Você sente dificuldades em encontrar uma palavra no dicionário? Por quê?





Verbetes e entrada

Verbetes e **entrada** são duas palavras muito usadas quando se fala de dicionários.



Entrada

Entrada, cabeça de **verbo**te ou **unidade léxica** é a palavra, locução, frase ou elemento de composição que abre o **verbo**te, sendo objeto de identificação e de informação. Vem em **negrito** e em tipo **redondo**, se se tratar de língua portuguesa, e em **negrito** de tipo **itálico**, se se tratar de palavra ou locução de uma língua estrangeira; [...]

VILLAR, Mauro de Salles. Detalhamento. In: *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. XVIII.

Se você procurasse a palavra **verbo**te no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, encontraria quatro sentidos para ela:

[...]

1 nota ou comentário que foi registrado, anotado; apontamento, nota, anotação, registro

2 pequeno papel em que se escreve um apontamento

3 ficha de arquivo (p. ex., em biblioteca)

4 em lexicografia, o conjunto das acepções, exemplos e outras informações pertinentes contido numa entrada de dicionário, enciclopédia, glossário etc.

[...]

Dicionário Eletrônico Houaiss 3.0 em CD-ROM Nova Ortografia.

Dos quatro sentidos apresentados, qual deles é o mais adequado para esta Unidade? Se você pensou no sentido número quatro, acertou. Verboete é um gênero textual presente em dicionários e enciclopédias.

ATIVIDADE

1

Observando uma página do dicionário

As páginas a seguir foram reproduzidas do *Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Observe como as palavras (as entradas) e os verbetes (texto que acompanha cada uma delas) estão organizados na página. Depois, responda às questões.

ventoinha | verdadeiro

806

- a** **ventoinha** (ven.to.i.nha) *sf.* 1 Parte giratória de um cata-vento. 2 Parte móvel de um ventilador. 3 Pequeno ventilador us. para refrigerar um motor e/ou CPU de computador.
- b** **ventosa** (ven.to.so) *sf. Biol.* 1 Órgão que alguns animais usam para se fixar a uma superfície: *ventosas da sanguessuga*. 2 Estrutura colante feita para fixação de um objeto: *toalheiro com ventosas*. 3 Objeto cônico que, fixado a uma parte do corpo, serve para tratar inflamações ou acúmulos anormais de fluidos corporais.
- c** **ventosidade** (ven.to.si.da.de) *sf.* 1 Ver *gases*, em *gás*. 2 Expulsão desses gases.
- d** **ventoso** (ven.to.so) [ô] *a.* 1 Que tem vento(s) forte(s) (pico *ventoso*). 2 Exposto ao vento (bandeira *ventosa*). 3 Diz-se de espaço de tempo durante o qual venta (manhã *ventosa*). [Fem. e pl.: [ô].]
- e** **ventre** (ven.tre) *sm. Anat.* 1 Parte do corpo onde ficam os órgãos dos sistemas digestório e reprodutor; ABDOME. 2 Barriga (*ventre* volumoso). 3 O útero (*ventre* materno). 4 Intestino: *prisão de ventre*. • *ven.tral a2g.*
- f** **ventrículo** (ven.tri.cu.lo) *sm. Anat.* 1 Cada uma das duas cavidades (direita e esquerda) inferiores do coração. 2 Cada uma das cavidades existentes num órgão (ventrículos cerebrais). • *ven.tri.cu.lar a2g.*
- g** **ventríloquo** (ven.tri.lo.quo) *a.sm.* Que ou quem domina a técnica de falar quase sem mover os lábios, dando a impressão de que a voz produzida vem de outra fonte. • *ven.tri.lo.qui.a sf.*
- h** **ventruado** (ven.tru.do) *a.* Cujo ventre é volumoso; BARRIGUDO.
- i** **ventura** (ven.tu.ra) *sf.* 1 Destino, favorável ou não; SORTE. 2 Acontecimento(s) vantajoso(s), independente(s) da vontade do beneficiado; FORTUNA. 3 Sentimento de satisfação por sucesso(s) alcançado(s); FELICIDADE: "Casimiro de Abreu, um meigo cantor de amores sem *ventura*, morto há coisa de um século." (Antonio Callado, *Reflexos do baile*).
- j** **venturoso** (ven.tu.ro.so) [ô] *a.* Que tem boa sorte; DITOSO. [Ant.: *desventurado*.] [Fem. e pl.: [ô].]
- k** **Vênus** (Vê.nus) *sm.* 1 *Astron.* Segundo planeta do sistema solar a partir do Sol, com dois satélites; ESTRELA D'ALVA. 2 *Mit.* Deusa romana do amor e da beleza, na Antiguidade.
- l** **ver** *v.* 1 Captar imagem por meio dos olhos; ENXERGAR. [*td.*: *Consegue ver as letras menores? int.*: *Este enfermo não vê mais.*] 2 Assistir a. [*td.*: *Célia vê todas as novelas.*] 3 Perceber, observar, achar. [*td.*: *Lia não via graça em nada.*] 4 Concluir, deduzir. [*td.*: *Dá pra ver que foram enganados.*] 5 Pensar sobre; EXAMINAR. [*td.*: *Vamos ver o que podemos fazer.*] 6 Ter contato (com alguém ou entre si); ENCONTRAR-SE; [*td.*: *Você tem visto o João? pr.*: *Paulo e Raul nunca mais se viram.*] 7 Observar (a si mesmo); MIRAR-SE: *Ficava horas vendo-se no espelho.* 8 Surpreender-se (em uma situação): *De repente, vi-me contando piadas.* [► 32 *ver*. Part.: *visto*.] ■ **Nunca ter visto mais gordo** Nunca ter visto (alguém). [Us. no pretérito passado.]
- m** **veranear** (ve.ra.ne.ar) *v. int.* Viajar em férias de verão. [► 13 *veranear*.] • *ve.ra.nei.o sm.*; *ve.ra.nis.ta a2g.s2g.*
- n** **veranico** (ve.ra.ni.co) *sm.* 1 Verão não muito quente. 2 Período curto de calor numa estação fria (ger. o outono).
- o** **verão** (ve.rão) *sm.* A estação mais quente do ano, entre a primavera e o outono, que, em países do hemisfério sul (como o Brasil), se estende de 21 de dezembro a 20 de março; ESTIO. [Pl.: -rões. Dim.: *veranico* e *veranito*.]

- o** **veraz** (ve.raz) *a2g.* 1 Que é sincero, que tem veracidade: "Não sei se estou sendo *veraz* se disser que tive uma paixão por Maria Helena." (João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*). 2 Que corresponde à verdade (descrição *veraz*). [Sin. ger.: *verídico*. Ant. ger.: *mentiroso, falso*.] • *ve.ra.ci.da.de sf.*
- p** **verba** (ver.ba) *sf.* 1 Quantia (ger. prevista em orçamento) destinada a um propósito específico. 2 *P.ext.* Valor em dinheiro.
- q** **verbal** (ver.bal) *a2g.* 1 Falado, oral (comunicação *verbal*). 2 *Gram.* Ref. a verbo; do verbo (forma *verbal*). [Pl.: -bais.]
- r** **verbalismo** (ver.ba.lis.mo) *sm.* 1 Transmissão de conhecimentos pela fala, sem uso da escrita. 2 *Pej.* Fala rebuscada e/ou extensa, mas com pouco conteúdo; VERBORREIA. 3 Atitude de quem cultiva esse tipo de expressão. • *ver.ba.lis.ta a2g.s2g.*
- s** **verbalizar** (ver.ba.li.zar) *v. td.* Expressar em palavras; FALAR. [► 1 *verbalizar*.] • *ver.ba.li.za.ção sf.*; *ver.ba.li.za.do a.*
- t** **verbena** (ver.be.na) *sf. Bot.* 1 Gênero de plantas (ervas e arbustos) perfumadas, floríferas e/ou ornamentais, algumas das quais são us. na produção de uma espécie de licor. 2 Planta desse gênero.
- u** **verberão** (ver.be.rão) *sf. Bot.* Ver *jurujuba*. [Pl.: -rões.]
- v** **verberar** (ver.be.rar) *v.* 1 Censurar, repreender. [*td./tdi.* + *contra*: *Verberava (contra) a inflação.*] 2 Reverberar (2). [*int.*] [► 1 *verberar*.] • *ver.be.ra.ção sf.*; *ver.be.ra.do a.*; *ver.be.ra.dor a.sm.*; *ver.be.ran.te a2g.*
- w** **verbete** (ver.be.te) [ê] *sm.* 1 Cada uma das entradas (palavras listadas) de um dicionário, enciclopédia etc., que contém informações sobre um assunto (o significado de uma palavra, p.ex.). 2 Anotação sobre um tema; APONTAMENTO. 3 Papel (ger. pequeno) com esse tipo de texto.
- x** **verbo** (ver.bo) *sm.* 1 *Gram.* Classe de palavra que expressa ação, estado ou mudança de estado (p.ex.: *pagar, ser, tornar*). 2 Palavra, linguagem, discurso. ■ **Soltar o ~** Dizer o que pensa ou sabe, sem comediamento. ~ **de ligação** Verbo que introduz uma qualidade, identificação ou situação, caracterizando o sujeito (p.ex.: *Ela é muito calma*). ~ **suporte** Verbo que forma locução com diversos substantivos, dispensando o uso de outros verbos (p.ex.: *dar uma resposta e dar um soco* substituem *responder e socar*).
- y** **verbo-nominal** (ver.bo.no.mi.nal) *a2g. Gram.* Diz-se de predicado que tem um verbo e um nome como núcleos (como na frase *Ana saiu apressada*). [Pl.: *verbo-nominais*.]
- z** **verborragia** (ver.bor.ra.gi.a) *sf. Pej.* Uso de muitas palavras para expressar poucas ideias; VERBORREIA. • *ver.bor.rá.gi.co a.*
- z** **verborreia** (ver.bor.rei.a) *sf.* Ver *verborragia*.
- z** **verboso** (ver.bo.so) [ô] *a.* 1 Que contém muitas palavras (texto *verboso*); PALAVROSO. 2 Que tem facilidade de expressão (professor *verboso*); ELOQUENTE. 3 Que fala muito; LOQUAZ. [Fem. e pl.: [ô].] • *ver.bo.si.da.de sf.*
- z** **verdade** (ver.da.de) *sf.* 1 Correspondência à realidade; EXATIDÃO: *a verdade do depoimento da testemunha*. 2 Aquilo que é real, verdadeiro: *A verdade tem que ser dita*. [Ant.: *mentira*.] 3 Atitude franca, autêntica; SINCERIDADE. [Ant.: *falsidade*.] 4 Princípio científico, religioso etc. no qual se baseiam crenças e/ou atitudes.
- z** **verdadeiro** (ver.da.dei.ro) *a.* 1 Que é conforme à realidade; FIEL: *o verdadeiro retrato da situação*. 2 Em que há verdade (declaração *verdadeira*): [Ant.: *falso*.] 3 Que é honesto, sincero (amigo *verdadeiro*); FRANCO. [Ant.: *falso*.] 4 Correto, exato, real: *a verdadeira solu-*

ção para o enigma. [Ant.: *inexato.*] 5 Que é autêntico; legítimo: *um verdadeiro Portinari.* [Ant.: *falso.*]

verde (ver.de) [é] *sm.* 1 A cor das folhas das plantas, da relva etc. 2 A vegetação; *preservar o verde.* **a2g.** 3 Que é da cor verde (1) (bandeiras *verdes*). 4 Que ainda não amadureceu (diz-se de fruto); *verdoendo*; *verdoso*. [Ant.: *maduro.*] 5 *Fig.* Que tem pouca experiência; *assistente muito verde para o cargo.* 6 Que tem frescor, viço; *os verdes anos da infância.* • **Jogar -/Plantar - (para colher maduro)** Mencionar algo, propositalmente, com a intenção de colher da resposta ou comentários de interlocutor(es) alguma declaração ou maiores informações sobre o assunto. • **ver.de-cla.ro a.sm.**; **ver.de-es.cu.ro a.sm.**

verde-amarelo (ver.de.a.ma.re.lo) *sm.* 1 Cor intermediária entre o verde e o amarelo. [Pl.: *verdes-amarelos.*] **a.** 2 Que é dessa cor. 3 Que tem as cores verde e amarela (camisa *verde-amarela*); *auriverde*. 4 *Bras. Fig. Ref. ao Brasil (vitória verde-amarela).* [Pl.: *verde-amarelos.*]

verdecer (ver.de.cer) *v.* *inf.* Ficar verde; *verdecer*. [► 33 *verdecer*]

verde-garrafa (ver.de.gar.ra.fa) *sm.* 1 A cor escura do verde de cortas garrafas; *verde-escuro*. [Pl.: *verdes-garrafas* e *verdes-garrafa.*] **a2g2n.** 2 Que é dessa cor (vidros *verde-garrafa*).

verdejar (ver.de.jar) *v.* *inf.* Ficar verde; *verdejar*. [► 1 *verdejar*] • **ver.de.jan.te a2g.**

verde-mar (ver.de.mar) *sm.* 1 Tonalidade clara do verde; *verde-claro*. [Pl.: *verdes-mares* e *verdes-mar.*] **a2g2n.** 2 Que é dessa cor (olhos *verde-mar*).

verde-oliva (ver.de.o.li.va) *sm.* 1 A cor verde-escura da azeitona. **a2g2n.** 2 Que é dessa cor (bolsas *verde-oliva*). [Pl.: *verdes-olivas* e *verdes-oliva.*]

verdinha (ver.di.nha) *sf.* *Pop.* Cédula de dólar.

verdoengo (ver.do.en.go) *a.* 1 Cuja cor se aproxima do verde; *esverdeado*; *verdoso*. 2 Que já amadureceu um pouco, mas não completamente (diz-se de fruto); *verdoso*; *verde*.

verdor (ver.dor) [ô] *sm.* 1 Característica do que é verde. 2 A cor verde dos vegetais; *verdura*. 3 *Fig.* Falta de experiência, de maturidade. 4 *Fig.* Grande força e vigor (ger. próprios da juventude); *viço*.

verdoso (ver.do.so) [ô] *a.* 1 Que apresenta tom de verde ou quase verde; *esverdeado*; *verdoengo*. 2 Que é verde, ou adquire essa cor; *verdelante*. 3 *N.E.* Diz-se de fruto que ainda não está bem maduro; *verdoengo*; *verde*. [Fem. e pl.: [ô]]

verdugo (ver.du.go) *sm.* 1 Quem executa, tortura ou aplica castigos corporais em alguém; *alcoz*. 2 *Fig.* Pessoa cruel.

verdura (ver.du.ra) *sf.* 1 *Bot.* Planta comestível, ger. cultivada em hortas; *hortaliça*. 2 *Ver verdor* (2).

verdureiro (ver.du.rei.ro) *sm.* Quem vende verduras; *quitandeiro*.

vereador (ve.re.a.dor) [ô] *sm.* Político que foi eleito para integrar o Poder Legislativo municipal; *edil*.

vereança (ve.re.an.ça) *sf.* 1 Cargo ocupado por um vereador. 2 Período durante o qual alguém ocupa esse cargo.

verear (ve.re.ar) *v.* *inf.* Exercer cargo de vereador. [► 13 *verear*]

vereda (ve.re.da) [é] *sf.* 1 Caminho estreito; *senda*. 2 Caminho mais curto fora do trajeto usual; *atalho*. 3 *Fig.* A direção seguida por alguém em seu deslocamento ou em sua vida; *rumo*; *caminho*; *Seguiu a vereda da fama.* 4 *N.E.* Parte da caatinga com razoável abastecimento de água, vegetação mais rica etc.

veredito (ve.re.dic.to) *sm.* 1 Decisão ou conclusão categórica. 2 *Jur.* Decisão de júri ou de uma autoridade judiciária sobre uma questão em julgamento; *sentença*.

verga (ver.ga) [é] *sf.* 1 Peça de madeira fina e flexível, ger. us. em obras de carpintaria; *rupa*. 2 Vara flexível, esp. a us. para confecção de objetos artesanais. 3 Peça fina e flexível de metal. 4 *Náut.* Peça de madeira ou metal cruzado no mastro, ao qual se prende(m) a(s) vela(s).

vergalhão (ver.ga.lhão) *sm.* Barra de metal (esp. a us. como componentes do concreto armado). [Pl.: *-lhões.*]

vergalho (ver.ga.lho) *sm.* 1 Pênis de boi ou cavalo, extirpado e seco. 2 Chicote feito desse órgão seco. 3 Qualquer chicote; *chibata*. • **ver.ga.lha.da sf.**; **ver.ga.lhar v.**

vergão (ver.gão) *sm.* Marca deixada no corpo por golpe com vara, correia etc., ou outro tipo de pancada. [Pl.: *-gões.*]

vergar (ver.gar) *v.* 1 Fazer ficar ou ficar encurvado; *arquejar*; *dobrar*. [*td.*: *A ventania vergou a árvore.* *inf./pr.*: *Seu corpo vergou(-se) com a idade.*] [Ant.: *aprumar.*] 2 *Fig.* Tornar(-se) submisso ou condescendente. [*tdl.* + *a.*: *Vergou o amigo à sua vontade.* *inf./pr.*: *O país vergou(-se) aos interesses estrangeiros.*] [► 14 *vergar*] • **ver.ga.do a.**; **ver.ga.du.ra sf.**; **ver.ga.men.to sm.**

vergasta (ver.gas.ta) *sf.* Vara fina us. para açoitador. • **ver.gas.ta.da sf.**; **ver.gas.tar v.**

vergel (ver.gel) *sm.* Lugar onde se cultivam plantas frutíferas; *pomar*. [Pl.: *-géis.*]

vergonha (ver.go.nha) *sf.* 1 Sentimento de desconforto de alguém devido à exposição de coisas suas particulares, fraquezas, defeitos etc., ou por ter cometido gafe, ou ato risível ou desabonador etc.; *constrangimento*; *Que vergonha, tropecei no palco na hora de receber o prêmio.* 2 Sentimento ou situação de humilhação, desonra; *Seu envolvimento na negociação foi uma vergonha para a família.* 3 Sentimento ou atitude de discrição, recato, em relação a questões de moral, assuntos pessoais etc.; *vergo*; *Por vergonha, não leu em público aquele texto imoral.* [Ant. nesta acep.: *despudor.*] 4 Sentimento de honra e dignidade em relação aos próprios valores, comportamento etc.; *É um homem de vergonha, e não vai aceitar proposta indigna.* 5 Insegurança, dificuldade em se expor, tomar iniciativas etc.; *timidez*: "...eu não respondi nada, por vergonha..." (Júlia Lopes de Almeida, *A intrusa*). [Ant. nesta acep.: *desembaraço.*] 6 Comportamento considerado indigno, desonesto, obscuro etc.; *Esse abuso de autoridade é uma vergonha!* • **Ter - na cara** Ter brios.

vergonhoso (ver.go.nho.so) [ô] *a.* 1 Que causa vergonha (1); *vergonhoso*; *A atuação do time foi vergonhosa.* 2 Que é considerado indigno, obscuro etc.; *indecoroso*; *Foi um caso vergonhoso de corrupção.* [Fem. e pl.: [ô]]

vergõntea (ver.gõn.te.a) *sf.* 1 *Bot.* Broto pouco desenvolvido; *rebento*. 2 *Bot.* Ramo de planta. 3 *Fig.* Os filhos gerados por alguém; *psolo*.

verídico (ve.ri.di.co) *a.* Que corresponde à verdade; *verdadeiro*. • **ve.ri.di.ci.da.de sf.**

verificar (ve.ri.fi.car) *v.* *td.* 1 Provar ou investigar a verdade de; *constatar*; *Verificaram que a casa fora destruída.* 2 Realizar teste com; *conferir*; *examinar*; *verificar os freios.* 3 *verificar-se pr.* 3 Acontecer; *realizar-se*; *O julgamento verificou-se como previsto.* [► 11 *verificar*] • **ve.ri.fi.ca.ção sf.**; **ve.ri.fi.ca.do a.**; **ve.ri.fi.ca.dor a.sm.**; **ve.ri.fi.ca.vel a2g.**

verme (ver.me) *sm.* 1 *Zool.* Nome dado a animais invertebrados, de corpo longo e mole. 2 *Zool.* Esse tipo de animal, que vive como parasito nos intestinos de outros animais. 3 *Pop.* Larva de diversos tipos de insetos. 4 *Fig.* Pessoa vil, indigna.

vermelhão (ver.me.lhão) *sm.* 1 *Quím.* Sulfato de mercúrio, us. na pigmentação de tintas vermelhas. 2 Averbelhamento intenso no rosto ou em outra parte do corpo; *rubor*; *vermelhidão* (2). [Pl.: *-lhões.*]

1 Por que a entrada *veraz* é colocada antes de *verba*? Qual é a lógica que determina a sequência das palavras no dicionário?

2 Observe as duas palavras que são colocadas em destaque no alto da página. Analise as entradas de cada página. Agora escreva qual é a função das duas palavras colocadas no alto da página.

3 Você sabe dizer por que não são encontradas as palavras *verbalizamos* ou *verbalizou*, mas é encontrada a entrada *verbalizar*?

4 Quantas acepções, ou seja, quantos significados diferentes o dicionário fornece para a palavra *verba*?



Para ler um verbete de dicionário

Se você tem o hábito de usar um dicionário, deve ter tido facilidade para fazer a Atividade 1. Caso não o utilize com frequência, leia com atenção as informações que precisa saber para consultar um dicionário.

1. Você deve ter reparado que os verbetes estão organizados em ordem alfabética, considerando suas letras iniciais e as letras seguintes. Assim, a palavra *abacaxi* vem antes de *barba* e *ventre* aparece antes de *ventura*, pois, seguindo a ordem alfabética, o A (**a**bacaxi) vem antes do B (**b**arba) e o R (**r**entre) vem antes do U (**u**ventura).

Para encontrar um verbete, você precisa conhecer a ordem alfabética, além de saber como a palavra é escrita.

Para refrescar a memória: o alfabeto

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

2. As palavras no alto da página, em destaque, servem para guiar o leitor em sua busca. A palavra colocada à esquerda de quem olha a página é a primeira da página. A colocada à direita de quem olha a página será a última.



3. Outra informação importante que você precisa saber é que palavras no plural (*meninos*), no gênero feminino (*menina*), no aumentativo (*meninão*) ou diminutivo (*menininho*), além de verbos conjugados (*verificamos*, *verificou*) não aparecem no dicionário. O único modo de encontrar essas palavras é procurá-las em sua forma não flexionada. No caso dos verbos, a forma será sempre o infinitivo, terminados em **ar** (*verific**ar***), **er** (*diz**er***) ou **ir** (*part**ir***). No caso das outras, a forma será sempre no singular masculino. Com exceção, é claro, das palavras que só apresentam feminino, como em *praia*, *rosa*, *tigela*, *folha* etc.

4. Um verbete concentra diversas informações: nos dicionários, podem aparecer indicações sobre a pronúncia correta da palavra, a data em que ela “entrou” para a língua portuguesa, algumas informações gramaticais e etimológicas, exemplos de uso etc.

No *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, por exemplo, nas primeiras páginas da versão impressa, você encontra a seção *Chave do dicionário*, que traz explicações detalhadas de como entender todas as informações que aparecem no verbete.

Assim, também é necessário saber o significado das siglas ou abreviações para entender bem as informações do verbete. A versão impressa e completa do *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* – e de outros dicionários também – é acompanhada por uma lista das abreviações mais utilizadas e seus significados.

ATIVIDADE 2 Usando o dicionário

1 Antes de ler o início do conto *Verba testamentária*, de Machado de Assis, pense sobre as duas primeiras questões:

a) Considerando quem é o autor e a época em que ele viveu, que tipo de dificuldade você pode encontrar com as palavras do texto?

b) Você sabe o que é um testamento? Com que intenções eles são escritos?



2 Agora leia o início do conto e depois responda às demais perguntas.

Verba testamentária

Machado de Assis

“...Item, é minha última vontade que o caixão em que o meu corpo houver de ser enterrado, seja fabricado em casa de Joaquim Soares, à rua da Alfândega. Desejo que ele tenha conhecimento desta disposição, que também será pública. Joaquim Soares não me conhece; mas é digno da distinção, por ser dos nossos melhores artistas, e um dos homens mais honrados da nossa terra...”

Cumpriu-se à risca esta **verba testamentária**. Joaquim Soares fez o caixão em que foi metido o corpo do pobre Nicolau B. de C.; fabricou-o ele mesmo, *con amore*; e, no fim, por um movimento **cordial**, pediu licença para não receber nenhuma remuneração. Estava pago; o favor do defunto era em si mesmo um prêmio **insigne**. Só desejava uma coisa: a cópia autêntica da verba. Deram-lha; ele mandou-a encaixilhar e pendurar de um prego, na loja. Os outros fabricantes de caixões, passado o assombro, **clamaram** que o testamento era um despropósito. Felizmente, – e esta é uma das vantagens do estado social, – felizmente, todas as demais classes acharam que aquela mão, saindo do abismo para abençoar a obra de um operário modesto, praticara uma ação rara e **magnânima**. Era em 1855; a população estava mais conchegada; não se falou de outra coisa. O nome do Nicolau **reboou** por muitos dias na imprensa da Corte, donde passou à das províncias. Mas a vida universal é tão variada, os sucessos acumulam-se em tanta multidão, e com tal presteza, e, finalmente, a memória dos homens é tão frágil, que um dia chegou em que a ação de Nicolau mergulhou de todo no olvido. [...]

ASSIS, Machado de. Verba testamentária. In: _____. *Obra completa*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000242.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2014.



Glossário

Clamar

Reclamar

Cordial

Afetuosos

Insigne

Notável

Magnânimo

Generoso

Reboar

Repercutir bastante

Testamentário

Aquilo que é herdado por meio de um testamento.

Verba

Além de significar qualquer quantia em dinheiro, a palavra verba também pode ser usada com o sentido de anotação, comentário ou cada uma das cláusulas de um contrato ou testamento, conforme o emprego no conto de Machado de Assis.

c) Faça um glossário para o texto com as palavras que podem ter gerado dúvida em sua leitura. Você não precisa escrever todas as acepções oferecidas pelo dicionário; anote apenas aquela que se encaixa ao texto em estudo.



FICA A DICA!

Se houver interesse, leia a continuação do conto *Verba testamentária*, de Machado de Assis, publicado na biblioteca digital Domínio Público. Você se surpreenderá com a história de Nicolau B. de C. e descobrirá que sua “ação magnânima” tinha intenções bem pouco honrosas! Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000242.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

HORA DA CHECAGEM

É hora de você conferir as respostas que escreveu nas atividades propostas. Lembre-se de que há muitas maneiras de elaborar uma resposta. Se for necessário, complete o que escreveu. Uma resposta pode estar correta mesmo que tenha sido escrita com palavras diferentes das que você vai ler a seguir.

Atividade 1 - Observando uma página do dicionário

- 1** Verifique se você escreveu que a entrada *veraz* é colocada antes de *verba*, porque, seguindo a ordem alfabética, a letra A (*veraz*) vem antes da letra B (*verba*).
- 2** Você deve ter percebido que as palavras colocadas no alto (*ventoinha/verdadeiro*; *verde/vermelhão*) correspondem à primeira e à última entrada da página. O destaque para essas palavras tem a função de orientar o leitor, agilizando a localização dos verbetes de cada página.
- 3** Sua resposta deve considerar que no dicionário não há verbos conjugados (*verbalizamos*, *verbalizou*), mas sim na forma infinitiva (*verbalizar*).
- 4** O *Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa*, de Caldas Aulete, oferece apenas duas acepções para a palavra *verba*.

Atividade 2 - Usando o dicionário

1

a) Você pode ter respondido que a maior dificuldade seria saber o sentido de algumas palavras. O texto é antigo e algumas palavras não são usadas atualmente.

b) Você pode ter escrito que *testamento* é um documento em que uma pessoa, com observância da lei, dispõe de seus bens para depois de sua morte.

2

a) Você poderia ter recontado os acontecimentos do início do conto da seguinte maneira: Nicolau B. de C. deixa um testamento em que pede, como última vontade, que seu caixão seja fabricado por Joaquim Soares. Esse pedido foi atendido. Joaquim Soares fez o caixão, mas não cobrou pelo serviço, só queria a cópia autêntica da verba, em que o pedido de Nicolau estava escrito. O documento foi pendurado na loja. Os outros fabricantes de caixão acharam um absurdo o testamento, mas as outras pessoas consideraram o pedido uma boa ação de Nicolau. Tudo isso foi muito comentado. Mas como tudo na vida, um dia a ação de Nicolau caiu no esquecimento.

b) Você deve ter percebido que, no glossário, as palavras aparecem em ordem alfabética e não flexionadas, do mesmo modo que em um dicionário. Por exemplo, *testamentária* aparece *testamentário*; *clamar*, *clamar*; *magnânima*, *magnânimo*; *reboou*, *reboar*.

No entanto, glossários e dicionários também apresentam palavras no feminino, como *verba* – que aparece no glossário. Isso acontece quando ela tem significado diferente do termo no masculino (*verbo*).

c) Você deve ter feito uma lista de palavras. Busque-as em um dicionário, considerando o que aprendeu ser necessário para fazer esse tipo de pesquisa.



Registro de dúvidas e comentários



Lined writing area with horizontal lines.





Antes da existência da internet, as enciclopédias impressas faziam o mesmo papel dos sites de busca dos tempos atuais. Elas eram a mais completa fonte para que o leitor fizesse pesquisas sobre os mais variados assuntos, sendo o melhor ponto de partida para chegar a outras fontes.

Ainda hoje, elas cumprem esse papel, pois qualquer que seja a enciclopédia moderna, isto é, elaborada ou preparada a partir do século XVIII, terá por função apresentar um conjunto de ideias, conhecimentos, crenças vigentes, aspirações e tendências consolidadas historicamente pela humanidade. Atualmente, existem também enciclopédias virtuais, e sobre elas você vai ter mais informações a seguir.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Leve em conta sua experiência de vida e as ideias apresentadas acima para responder às questões a seguir:

1 Você tem alguma enciclopédia em casa? Qual?

2 Você prefere consultar dicionários e enciclopédias impressos ou virtuais? Por quê?

3 Considerando o que você sabe sobre verbetes de dicionários e enciclopédias, coloque **D** para as características que se referem a verbetes de *dicionário* e **E** para as que se referem a verbetes de *enciclopédia*:

- Contém informações gerais, que dão visão ampla de vários assuntos.
- É conciso, pois seu objetivo é definir a palavra, e não explicá-la como um tema amplo.
- As informações são apresentadas em blocos, frequentemente organizados por subtítulos.
- A linguagem é formal e enxuta.
- Apresenta a classe gramatical da palavra e exemplos da aplicação dela em frases.



Apresenta imagens (fotos e ilustrações), **infográficos**, mapas, tabelas e gráficos, que dialogam com o texto verbal explicativo.

Para ler um verbete de enciclopédia

A sequência dos verbetes em uma enciclopédia segue, em geral, a ordem alfabética, assim como nos dicionários. Essa organização possibilita que ideias e conceitos científicos sejam facilmente localizados por todos os que consultam essa obra de referência. Assim, não é necessário saber a relação temática entre os termos para encontrá-los; basta considerar a ordem alfabética.

Mas, para tornar evidente a teia de conhecimentos, adotou-se o procedimento de indicar ao leitor outros verbetes que ele também pode consultar para realizar sua pesquisa. Essa sugestão pode aparecer no fim do texto (“veja também os seguintes verbetes:...”) ou ao longo dele, com palavras destacadas, que podem aparecer em letras maiúsculas, negrito ou itálico. Nas enciclopédias digitais, os *links* em geral aparecem na cor azul e, para acessá-los, basta clicar em cima da palavra destacada.

É interessante você saber que uma enciclopédia, geralmente, não tem um único autor. Quem a elabora é uma equipe de autores especialistas, sob coordenação ou direção de outro grupo de pessoas.

Enciclopédias, bem como dicionários temáticos – os que reúnem verbetes de assuntos específicos, como filosofia, medicina, cultura –, são muito úteis como fonte orientadora inicial para pesquisas e ponto de partida para a aprendizagem de um assunto. Respondem a perguntas de informação imediata: quem, que, qual, como, quando. Mas é importante observar que nem todas as obras de referência têm a mesma qualidade.

Sempre que consultar uma obra de referência impressa, é importante observar os seguintes pontos:

- **Editora**, que deve ser conhecida e respeitada por publicar obras acadêmicas de boa qualidade.
- **Colaboradores**, que devem ser pessoas conhecidas na área e profissionais capacitados.
- **Nível de especialização**, que indica o teor da informação e o público a quem a obra está destinada.
- **Páginas preliminares**, que devem incluir uma explicação clara do propósito e alcance da obra, como está organizada e formas de acesso ao conteúdo. Devem incluir também listagem dos colaboradores com a respectiva qualificação e instituições em que trabalham, e ainda explicações de abreviaturas e siglas empregadas no corpo da obra.

Nas grandes enciclopédias, é possível encontrar um sumário que mostra, esquematicamente, os tópicos constantes no texto e como estão organizados, ajudando a dar maior credibilidade às informações.



Infográfico

É caracterizado, em geral, pela união de textos curtos com ilustrações (desenhos, fotos, diagramas) e tem por objetivo explicar para o leitor determinado conteúdo. A combinação de diferentes recursos gráficos e texto ajuda o leitor a compreender melhor e mais rapidamente o assunto.

ATIVIDADE 1 Observando uma página de enciclopédia

Observe atentamente a página reproduzida a seguir e depois responda às questões.

Geografia

Clima

Elementos do clima Temperatura Umidade atmosférica Nebulosidade Precipitação
Fatores do clima Pressão atmosférica e ventos Latitude Altitude Situação geográfica
Classificação climática Clima equatorial Clima tropical Clima desértico quente Clima temperado mediterrâneo Clima marítimo Clima temperado continental Clima polar Clima de montanha
Climograma
Mudança climática Principais causas da mudança climática O efeito estufa e a redução da camada de ozônio Os gases responsáveis pelo fenômeno O carbono antrópico Atividade humana e efeito estufa
Consequências da mudança climática Alterações nos seres vivos e nos ecossistemas Alterações tróficas em terra e mar O perigo da radiação ultravioleta Ameaças para a agricultura e a economia Catastrofes naturais
Os acordos internacionais Protocolos de Montreal e Kyoto

Elementos do clima

O clima é o conjunto de condições atmosféricas que caracterizam um determinado lugar ou região. Para que se possa determinar o clima, é necessário conhecer os valores médios, ou padrões, dos diferentes elementos que o compõem (precipitação, temperatura, umidade, nebulosidade, ventos etc.)

precipitação orográfica

precipitação ciclônica

Processo de formação dos diferentes tipos de precipitação.

1434

Temperatura

A radiação solar que atinge a Terra determina a temperatura da superfície terrestre e constitui o elemento climático mais importante para os seres vivos. A temperatura é medida em graus da escala Celsius, ou centígrada (°C), na qual 0 °C corresponde ao ponto de congelamento da água e 100 °C ao de ebulição. Nos EUA e em outros países anglo-saxônicos, continua-se a usar a escala Fahrenheit (°F), que estabelece o ponto de congelamento da água em 32 °F e o de ebulição em 212 °F.

As temperaturas sofrem grandes variações espaciais e temporais. Em relação à variação da temperatura ao longo do tempo, distinguem-se dois ciclos naturais: o diário e o estacional.

Durante o ciclo diário, a temperatura varia em cada ponto da superfície em função do número de horas de insolação, registrando, na maioria dos lugares, grandes contrastes entre o dia e a noite. A diferença entre as temperaturas máxima e mínima diárias é denominada *oscilação térmica diária*.

Segundo o ciclo estacional, as diferenças de insolação existentes ao longo do ano produzem uma variação sazonal da temperatura. Como a duração do dia e da noite no equador é idêntica durante todo o ano, a temperatura permanece quase invariável nesta zona do planeta, mas, quanto maior for a distância entre um ponto da Terra e o Equador, maiores serão as oscilações térmicas nesse ponto. A oscilação térmica anual, que é a diferença entre a temperatura média do mês mais quente e a temperatura média do mês mais frio, é inferior a 2 °C no equador e supera os 50 °C nas regiões polares.

Umidade atmosférica

A quantidade de vapor de água que a atmosfera pode conter varia em função da temperatura, de modo que uma massa de ar muito quente (40 °C) pode conter até dez vezes mais vapor de água que uma massa de ar frio (0 °C). Para cada temperatura, a quantidade máxima de umidade que o ar pode conter tem um valor fixo, denominado *ponto de saturação*. A proporção de vapor de água que uma massa de ar contém em relação ao ponto de saturação recebe o nome de *umidade relativa*.

Em relação à umidade, é importante também levar em conta o valor da umidade específica, que se define como o conteúdo total de vapor de água em uma massa de ar, visto que as mudanças de temperatura podem produzir variações de umidade relativa muito significativas. Se o ponto de saturação for superado, o vapor de água condensa-se, formando neblina ou nevoeiro.

A umidade também influi na temperatura moderando os valores extremos. Não obstante, para o ser humano, a umidade torna incômodas as temperaturas extremas, já que impede a evaporação da transpiração nos dias quentes de verão e favorece, por outro lado, a perda de calor corporal durante os dias mais frios do inverno.

Nebulosidade

A condensação do vapor de água forma nuvens, que posteriormente dão lugar à ocorrência da precipitação. Além disso, a nebulosidade origina outros fenômenos atmosféricos, como o orvalho e a neblina, e reduz a quantidade de radiação solar que atinge a superfície terrestre, diminuindo a temperatura.

As nuvens são classificadas em função da altitude em que se encontram e segundo a sua forma, distinguindo-se neste segundo caso entre nuvens estratiformes e cumuloformes. As primeiras caracterizam-se por atingir um grande desenvolvimento horizontal, enquanto as segundas se estendem na vertical uma vez que se formam pela brusca ascensão de massas de ar.

Segundo a altitude em que se encontram, as nuvens classificam-se em vários grupos:

- **Nuvens altas:** formam-se acima dos 6 km de altitude e são denominadas cirros, cirros-cúmulos e cirros-estratos.
- **Nuvens médias:** são formadas por gotas de água e por cristais de gelo e situam-se entre 3 e 6 km de altitude. Neste grupo, incluem-se os altos-estratos e os altos-cúmulos.
- **Nuvens baixas:** os estratos, nimbo-estratos, cúmulos e estratos-cúmulos formam-se perto da superfície terrestre e não ascendem a mais de 2 ou 3 km de altitude. Os estratos, situados à baixa altitude, formam uma densa camada de nuvens que, quando produzem precipitação, são chamadas nimbo-estratos. Os cúmulos compõem uma massa de forma arredondada e podem alcançar um grande desenvolvimento vertical. Finalmente, os estratos-cúmulos são constituídos de várias camadas de nuvens que permitem distinguir o céu.
- **Nuvens de desenvolvimento vertical:** quando existem condições favoráveis de instabilidade atmosférica, alguns cúmulos podem crescer até atingir



1 Quais as principais diferenças que você percebe entre esta página da *Enciclopédia Barsa* e os verbetes do dicionário?

2 Logo abaixo da entrada *Clima* há um sumário, ou seja, uma lista com os títulos dos tópicos que serão desenvolvidos no verbete. O sumário pode ajudar o leitor/pesquisador de que maneira?

3 Observe a palavra escrita acima da palavra *Clima*. Em sua opinião, qual é a função dela? Você acha que ela pode ser importante em uma enciclopédia?





4 Para obter informações básicas sobre determinada cidade ou país, você acha que o dicionário ou a enciclopédia seria o mais indicado? Por quê?

Obras de referência virtuais

Em relação à pesquisa em enciclopédias virtuais, realizadas na internet, é preciso ficar muito atento quanto às informações que chegam até nós pela tela do computador. Atualmente, os sites de busca constituem uma poderosa ferramenta para a pesquisa dos mais variados assuntos. Digitando uma palavra-chave e clicando em *pesquisar*, um grande número de sites aparece para consulta.

Em geral, um dos primeiros dessa lista é o Wikipédia <<http://pt.wikipedia.org>>, enciclopédia livre da qual todos podem participar. É isso mesmo: qualquer pessoa pode acessar um verbete da Wikipédia para ler ou modificar as informações ali contidas.

Uma das inovações dessas enciclopédias em relação às aquelas impressas é que os verbetes podem ser produzidos coletivamente, por internautas dispostos a participar na elaboração do texto; para isso, basta estar conectado à internet e ter uma senha de acesso desse site.

Por esse motivo, a Wikipédia está sempre em processo de ampliação, recebendo novos verbetes e atualizações, porque muitos verbetes são textos incompletos e podem ser melhorados.



VOCÊ SABIA?

O termo *wiki* é uma invenção dos tempos da internet.

De origem havaiana, o termo, que significa *rápido*, foi utilizado desde o começo dos anos 1990 (cf. *Wikipédia*) para se referir a todas as coleções de páginas interligadas ou aos *softwares* que permitem rapidamente o acesso e a produção colaborativa na internet.



Além disso, o fato de o verbete poder ser escrito de forma colaborativa (e não necessariamente por um especialista) torna essa fonte de consulta não totalmente confiável, apesar de se esperar que as pessoas que escolhem participar do processo de elaboração de um verbete tenham o compromisso de oferecer a informação mais precisa possível. Se, por acaso, um usuário publicar textos preconceituosos ou com informações falsas, eles são retirados do site e esse usuário pode ser proibido de fazer novas colaborações.

Ainda assim, quando se acessa algum verbete da Wikipédia, pode aparecer a seguinte mensagem, destacada no exemplo a seguir:



WIKIPÉDIA. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal>. Acesso em: 25 fev. 2014.

Em outras palavras, a enciclopédia livre Wikipédia é uma ótima ferramenta para conseguir com rapidez informações iniciais sobre algum tema ou questão, mas outras fontes devem ser consultadas para se obter mais informações e as confrontar.

ATIVIDADE 2 Comparando verbetes

Leia os dois verbetes apresentados a seguir e, depois, responda às questões propostas.

Verbete 1

WIKIPÉDIA
A enciclopédia livre

[Página principal](#)
[Conteúdo destacado](#)
[Eventos atuais](#)
[Esplanada](#)
[Página aleatória](#)
[Portais](#)
[Informar um erro](#)

Colaboração
[Boas-vindas](#)
[Ajuda](#)
[Página de testes](#)
[Portal comunitário](#)
[Mudanças recentes](#)
[Manutenção](#)
[Criar página](#)
[Páginas novas](#)
[Contato](#)
[Donativos](#)

Imprimir/exportar
[Criar um livro](#)
[Descarregar como PDF](#)
[Versão para impressão](#)

Ferramentas
[Páginas afluentes](#)
[Alterações relacionadas](#)
[Carregar ficheiro](#)
[Páginas especiais](#)
[Ligação permanente](#)
[Informações da página](#)
[Item no Wikidata](#)
[Citar esta página](#)

Noutros idiomas
[Brezhoneg](#)
[Deutsch](#)
[Emiliàn e rumagnòl](#)
[English](#)
[Esperanto](#)
[Español](#)
[Français](#)
[Italiano](#)
[Nederlands](#)

[✎ Editar ligações](#)

Artigo [Discussão](#) Ler [Ver código-fonte](#) [Ver histórico](#) Pesquisa

Literatura de cordel

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Literatura de cordel também conhecida no Brasil como **folheto**, é um **gênero literário** popular escrito frequentemente na forma rimada, originado em relatos orais e depois impresso em **folhetos**. Remonta ao século XVI, quando o **Renascimento** popularizou a **impressão** de relatos orais, e mantém-se uma forma literária popular no **Brasil**. O nome tem origem na forma como tradicionalmente os folhetos eram expostos para venda, pendurados em cordas, **cordéis ou barbantes** em **Portugal**. No **Nordeste do Brasil** o nome foi herdado, mas a tradição do barbante não se perpetuou: o folheto brasileiro pode ou não estar exposto em barbantes. Alguns poemas são ilustrados com **xilogravuras**, também usadas nas capas. As estrofes mais comuns são as de dez, oito ou seis versos. Os autores, ou cordelistas, recitam esses versos de forma melodiosa e cadenciada, acompanhados de viola, como também fazem leituras ou declamações muito empolgadas e animadas para conquistar os possíveis compradores. Para reunir os expoentes deste gênero literário típico do Brasil, foi fundada em 1988 a **Academia Brasileira de Literatura de Cordel**, com sede no **Rio de Janeiro**.

Índice [\[esconder\]](#)

- 1 História
- 2 Narrativa
- 3 Poética
 - 3.1 Quadra
 - 3.2 Sextilha
 - 3.3 Septilha
 - 3.4 Oitava
 - 3.5 Quadrão
 - 3.6 Décima
 - 3.7 Martelo
 - 3.8 Galope à beira-mar
 - 3.9 Redondilha
 - 3.10 Carretilha
- 4 Métrica e Rima
- 5 Bibliografia
- 6 Referências
- 7 Ligações externas

Os folhetos à venda, pendurados em cordéis



Verbetes 2

Cordel
(cor.del)
sm.

1. Corda fina; BARBANTE; GUITA; CORDÃO
2. Meada de fio esticada entre pregos e us. pelos pedreiros para marcar alinhamento.
3. Bras. F. red. de *literatura de cordel*.
4. Livreto ou folheto, ou a história nele impressa, produzidos com as técnicas gráficas e narrativas da *literatura de cordel*.

[Pl.: -déis.]
[F.: Do fr. *cordel*.]
Cordel detonante

- 1 Expl. Estopim feito de material altamente inflamável, protegido por capas de materiais diversos (alguns, impermeáveis).

De cordel

- 1 Liter. Que é da literatura popular, e impresso em folhetos baratos; que é próprio do gênero literário conhecido como *literatura de cordel*.

© iDicionário Aulete. <www.aulete.com.br>.

1 Retire do verbete 1 três informações que você considera importantes sobre a literatura de cordel.

2 O verbete 2 apresenta quantos significados diferentes para a palavra *cordel*?





3 Qual dos dois verbetes analisados nesta atividade é melhor para uma consulta mais rápida sobre *literatura de cordel*? Justifique sua resposta.

4 Por que no verbete 1 há palavras destacadas em azul?

5 Um verbete de dicionário concentra diversas informações, além de apresentar os sentidos das palavras. Aparecem indicações sobre a pronúncia correta da palavra, algumas informações gramaticais, etimológicas, exemplos de uso etc. Assim, é importante saber o significado das siglas ou abreviações para poder entender todas as informações do verbete. Reveja o verbete 2 e circule nele as **abreviaturas** das seguintes palavras e expressões:



Abreviatura

Forma reduzida ou abreviada de uma palavra, expressão ou frase, usada em geral na escrita. Frequentemente o ponto é usado para indicar que se trata de uma forma incompleta. Assim tem-se: p. ex. (por exemplo); adj. (adjetivo); V. Ex.^a (Vossa excelência); A/C (Aos Cuidados de) e Ref. (Referência) etc.

- Substantivo masculino
- Forma reduzida
- Plural
- Forma: do francês
- Explosivo
- Literatura





DESAFIO

Antigamente

Acontecia o indivíduo apanhar constipação; ficando perrengue, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à botica para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a phtísica, feia era o gálico. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos, lombrigas (...)

Carlos Drummond de Andrade. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, p. 1184.

O texto acima está escrito em linguagem de uma época passada. Observe uma outra versão, em linguagem atual.

Antigamente

Acontecia o indivíduo apanhar um resfriado; ficando mal, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à farmácia para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a tuberculose, feia era a sífilis. Antigamente, os sobrados tinham assombrações; os meninos, vermes (...)

Comparando-se esses dois textos, verifica-se que, na segunda versão, houve mudanças relativas a

- vocabulário.
- construções sintáticas.
- pontuação.
- fonética.
- regência verbal.

Enem 2007. Prova Amarela. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2007/2007_amarela.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2014.



PENSE SOBRE...

De modo geral, os verbetes de enciclopédias impressas ou digitais apresentam a diversidade de conhecimento humano acumulado ao longo de séculos em diferentes áreas e campos de estudo. Como você já deve ter observado, no mundo de hoje, as informações não param de surgir, e em um ritmo cada vez mais rápido.

Considerando essa situação, qual a importância das obras de referência no mundo atual? A expansão das enciclopédias virtuais pode contribuir para que muitas pessoas tenham acesso a informações? Você já pensou em colaborar para uma enciclopédia virtual, como a Wikipédia? Que tipo de informações gostaria de registrar?

HORA DA CHECAGEM

Confira agora suas respostas para as atividades e o desafio propostos. Lembre-se do que já foi dito: há muitas maneiras de elaborar uma resposta. Se for necessário, complete o que escreveu.

Atividade 1 - Observando uma página de enciclopédia

- 1** Muitas diferenças podem ser apontadas. São características da página da enciclopédia: as ilustrações, a palavra *geografia* que indica o campo do conhecimento a que se refere o verbete, os subtítulos que aparecem no corpo do verbete. No dicionário, os verbetes não aparecem divididos em tópicos; o texto do verbete fornece informações sobre a palavra: como é pronunciada, os diferentes sentidos ou acepções, exemplos de uso.
- 2** O sumário ajuda o leitor a localizar a seção ou o tópico de interesse da pesquisa. O leitor não precisa ler o verbete inteiro e pode, de acordo com os objetivos de pesquisa, ir diretamente ao tópico que procura.
- 3** A palavra *geografia* indica a área de conhecimento em que se estuda o *Clima*. Esse tipo de indicação é importante, pois auxilia o leitor/pesquisador em sua busca. Algumas enciclopédias são organizadas por temas e, dentro de cada tema, aparecem as entradas.
- 4** Você deve ter respondido que o mais indicado para obter informações básicas sobre determinada cidade ou país é consultar uma enciclopédia. Nela você encontra dados históricos, aspectos sociais e populacionais, fotografias etc.

Atividade 2 - Comparando verbetes

- 1** Há várias possibilidades de resposta. Como exemplo, as três informações poderiam ser: alguns poemas são ilustrados com xilogravuras; as estrofes mais comuns são as de dez, oito ou seis versos; para reunir os expoentes desse gênero literário típico do Brasil, foi fundada em 1988 a Academia Brasileira de Literatura de Cordel.
- 2** Basta observar os números que aparecem no verbete. Cada número corresponde a um significado. Assim, são quatro significados.
- 3** Provavelmente sua resposta foi o verbete 1, da enciclopédia virtual, que dá uma visão mais abrangente da literatura de cordel.
- 4** Você deve ter respondido que as palavras destacadas em azul indicam as possibilidades de links. Em uma enciclopédia virtual, para acessar outros verbetes relacionados ao tema pesquisado, basta clicar em cima da palavra destacada.
- 5** As abreviaturas são:
 - Substantivo masculino: **sm.**
 - Forma reduzida: **F. red.**
 - Plural: **Pl.**
 - Forma: do francês: **F.:** Do fr.
 - Explosivo: **Expl.**
 - Literatura: **Liter.**

Desafio

Alternativa correta: **a.** As modificações verificadas na outra versão do texto são a substituição de algumas palavras (constipação/resfriado; perrengue/mal; botica/farmácia; phtísica/tuberculose; gálico/sífilis; lombrigas/vermes).

TEMAS

1. Onde está a poesia?
2. Os segredos dos poetas

Introdução

Nesta Unidade, você vai mergulhar no universo da poesia. Aprenderá a ler e a interpretar textos poéticos criados cuidadosamente para provocar reflexão, encantamento e emoção – dimensões que constituem o ser humano. Vai estudar também quais são os recursos textuais que os poetas utilizam para expressar em poemas o que o palavrear usado no dia a dia não consegue alcançar.

Onde está a poesia? TEMA 1

Neste Tema, você vai observar que a poesia é algo que não se encontra apenas em textos escritos. Ela pode ser encontrada em pinturas, na dança, na música. Pode estar em todos os lugares, dependendo do modo como as coisas do mundo são observadas.

Quando a poesia se manifesta em um texto escrito em versos, tem-se o poema, resultado do trabalho do poeta. Você vai ler poemas, interpretá-los, senti-los, a fim de conhecer um pouco mais sobre o ofício dos poetas.



O QUE VOCÊ JÁ SABE?

Na página seguinte você verá uma obra de arte: uma fotografia feita por Geraldo de Barros. Observe a imagem e depois responda às questões.

- 1 Anote o que você vê na imagem.



2 O sapato ganha novo sentido pela leitura que o artista faz dele ao colocá-lo em cima do desenho de uma figura humana feita sobre a superfície de cimento. Que novo significado você pode dar a esse sapato?

3 Você acha que o novo significado que o sapato ganhou nessa fotografia pode ser considerado poético? Por quê?



© Geraldo de Barros

Geraldo de Barros. *A menina do sapato*, 1949. Técnica mista, 37 cm x 28 cm.

4 Nas artes visuais, o artista cria a poesia por meio da relação entre os traços, as linhas, as cores, as formas, os objetos. E nos textos escritos? Como você imagina que o poeta cria a poesia?

5 Muitos acham que os poemas tratam apenas de amor. Faça uma lista de temas que, em sua opinião, podem ser tratados nos poemas.





O que é poesia?

Hoje há inúmeras definições para a palavra *poesia*. Em todas elas há algo de incompleto, de vago, de misterioso, de subjetivo, próprio das coisas inexplicáveis.

Na leitura da fotografia de Geraldo de Barros, você deve ter notado que o sapato, colocado no centro do desenho do rosto humano, deixa de ser um simples calçado. A criação do artista permite que os leitores possam dar diferentes significados à obra: alguns podem pensar que o sapato representa um impedimento à menina, um elemento de opressão, pois está colocado no lugar da boca; outros podem interpretar que o sapato representa a própria boca da menina, que contaria sobre os caminhos percorridos, suas viagens, seus passos pela vida, seu passado ou seu futuro... As possibilidades são muitas, mas é inegável que todos os leitores darão a esse sapato um significado diferente do usual. Esse significado é poético, pois surge das relações entre objetos, linhas e cores propostas, intencionalmente, por um artista.

No caso dos textos escritos, a matéria-prima à disposição do poeta são essencialmente as palavras. Ele cria a poesia valendo-se de formas, sentidos e sonoridades das palavras. De posse delas, pode tratar de amor, de política, de filosofia, da vida cotidiana, entre tantos outros assuntos. O poeta Manuel Bandeira fala sobre a poesia em textos escritos no livro *Seleção em prosa e verso* (2007). Depois de assumir a dificuldade de definir o que é poesia, o grande poeta recifense reconhece que nunca conseguiu explicar a emoção que o assaltava ao ouvir ou ler certos versos, certas combinações de palavras.

Já o escritor inglês T. S. Eliot afirmava: ler poesia é a melhor maneira de aprender o que ela é. E é exatamente isso o que você vai fazer.

Ricardo Azevedo



O nome completo desse paulistano é Ricardo José Duff Azevedo. Nasceu em 1949, é escritor, ilustrador e pesquisador. Já publicou vários livros, entre os quais destacam-se *Meu livro de folclore* (1997), *Dezenove poemas desengonçados* (1998), *A casa do meu avô* (1998), *Armazém do folclore* (2000), *No meio da noite escura tem um pé de maravilha* (2002), *Ninguém sabe o que é um poema* (2005), *Feito bala perdida e outros poemas* (2008), *O chute que a bola levou* (2011) e *O motoqueiro que virou bicho* (2012). Tem livros publicados em muitos países. É bacharel em Comunicação Visual pela Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado e doutor em Letras pela Universidade de São Paulo. Pesquisador na área de cultura popular. Professor convidado em cursos de especialização em Arte-Educação e Literatura. Tem dado palestras e escrito artigos, publicados em livros e revistas, abordando problemas do uso da literatura de ficção na escola.

**ATIVIDADE 1** Aula de leitura

1 Antes de ler o texto *Aula de leitura*, observe a “aparência” dele, ou seja, como ele aparece na página deste Caderno, e responda às questões.

a) O que você reparou na disposição gráfica do texto, isto é, na distribuição das frases na página?

b) Quem é o autor do texto? O que você sabe sobre ele? Com base na leitura da biografia dele, o que você espera encontrar no texto que vai ler?

c) Ao refletir sobre o título, você pode antecipar ideias do texto. Em sua opinião, como poderia ser essa *aula de leitura*?

2 Agora, leia o poema e, em seguida, responda às questões propostas.

Aula de leitura

Ricardo Azevedo

A leitura é muito mais
do que decifrar palavras.
Quem quiser parar pra ver
pode até se surpreender:

vai ler nas folhas do chão,
se é outono ou se é verão;





nas ondas soltas do mar,
se é hora de navegar;

e no jeito da pessoa,
se trabalha ou se é à-toa;

na cara do lutador,
quando está sentindo dor;

vai ler na casa de alguém
o gosto que o dono tem;

e no pelo do cachorro,
se é melhor gritar socorro;

e na cinza da fumaça,
o tamanho da desgraça;

e no tom que sopra o vento,
se corre o barco ou vai lento;

e também na cor da fruta,
e no cheiro da comida,

e no ronco do motor,
e nos dentes do cavalo,

e na pele da pessoa,
e no brilho do sorriso,

vai ler nas nuvens do céu,
vai ler na palma da mão,

vai ler até nas estrelas
e no som do coração.

Uma arte que dá medo
é a de ler um olhar,
pois os olhos têm segredos
difíceis de decifrar.





VOCÊ SABIA?

Há diferença entre autor e narrador: aquele que escreve não é o mesmo que conta – o narrador é uma criação do autor e pode se distinguir dele por sexo, gostos, valores e natureza. Da mesma maneira, na poesia, o autor difere do “eu” que fala na poesia, ou seja, do eu lírico. Há inúmeras canções escritas por um compositor (o autor) em que o eu lírico (o “eu” que fala no texto) é feminino.

a) A aula de leitura que o poema apresenta é semelhante à que você pensou ao responder a questão 1.c? O que há de diferente?

b) Ao reler o poema, você poderá perceber que houve um trabalho cuidadoso de seleção e combinação de palavras. Copie alguns trechos que, em sua opinião, mostram que o poeta se preocupou com a escolha e a organização das palavras. Justifique sua resposta.

c) O final do poema revela que “ler um olhar” é uma arte difícil e “que dá medo”. Para o eu lírico, em que o olhar se distingue das outras coisas que foram lidas no poema?





d) Leia a afirmação a seguir:

[...] Um povo pode existir sem escrever (e existem muitos, de fato), mas nenhum pode existir sem ler [...].

BAZZONI, Claudio. Ler e viver o texto literário. In: MURRIE, Zuleika de Felice (Coord.). *Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Educação Artística e Educação Física*. Livro do Estudante. Ensino Fundamental. 2. ed. Brasília: MEC/Inep, 2006. Disponível em: <<http://encceja.inep.gov.br/materiais-para-estudo>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

Essa afirmação pode ser confirmada pela aula de leitura apresentada no poema? Justifique sua resposta.

e) O que, para você, significa fazer uma leitura do mundo?

Estrofes, versos, rimas a serviço da poesia

O autor de um texto literário organiza sua criação de maneira artística. Em *Aula de leitura*, a organização em versos e estrofes revela uma preocupação do autor com a construção de um texto poético. Mas o que é um verso? E uma estrofe?

Verso é o nome que se dá a cada linha de um poema e que tem o tamanho que o poeta desejar. Um agrupamento de versos chama-se **estrofe**.

Em um poema, o arranjo das palavras e a sonoridade delas, entre outros elementos, produzem um **ritmo**. Quando há palavras no final ou no meio de diferentes versos que terminam com som semelhante ou idêntico, diz-se que esses versos têm **rima**. Observe a terminação das palavras de algumas estrofes do poema *Aula de leitura*.



[...]
vai ler nas folhas do **chão**,
se é outono ou se é **verão**;
[...]

nas ondas soltas do **mar**,
se é hora de **navegar**;

e no jeito da **pessoa**,
se trabalha ou é à-**toa**;
[...]

(a) (a) (b) (b) (c) (c)

Veja que “chão” rima com “verão”...
... e “mar” com “navegar”...
... e “pessoa”...

AZEVEDO, Ricardo. Aula de leitura. In: _____. *Dezenove poemas desengonçados*. São Paulo: Ática, 2003, p. 41-42.

A rima é um dos recursos formais que dá mais ritmo e musicalidade ao poema. Repare que foram colocadas as letras *a*, *b*, *c* ao lado dos versos de cada estrofe. Por convenção, para indicar como são as rimas de um poema, usam-se letras minúsculas. Os versos que rimam entre si recebem a mesma letra. “Chão” rima com “verão” – daí (*a*); “mar” rima com “navegar” – letra (*b*); e assim por diante, para indicar todas as rimas.

Mas atenção: nem todos os poemas têm rimas. Os versos que não rimam são chamados **brancos** ou **soltos**.

Outra preocupação dos poetas, que tem a ver com a musicalidade tão importante nos poemas, é a medida dos versos. Você sabia que é possível medir versos?

A **métrica** é a medida do verso. Não se medem versos como se mede um pedaço de pano ou papel; medem-se versos contando as sílabas poéticas. As **sílabas poéticas** são contadas de maneira diferente das **sílabas gramaticais**. Uma diferença significativa é poder juntar sílabas que ficariam separadas na contagem gramatical. Isso, em geral, acontece quando uma sílaba termina em vogal e a seguinte se inicia também com vogal. Nesse caso, o som das sílabas se funde, isto é, se junta como se fosse uma sílaba só. Isso, na contagem poética, vale como uma sílaba apenas. Outra diferença importante: a contagem das sílabas poéticas termina na sílaba tônica (na sílaba mais forte) da última palavra do verso.



Sílaba gramatical

Quando se diz uma palavra, pronunciam-se os sons de cada parte dela. Essa parte sonora das palavras é chamada sílaba. Em língua portuguesa, há sílabas formadas apenas por vogais, como o “a” de a-ba-ca-te. Outras sílabas têm, além de vogais, uma ou mais consoantes. Veja os exemplos:

tra – ba – lha

i – gre – ja

trans – por – te

Observe como ficaria a métrica das duas primeiras estrofes do poema de Ricardo Azevedo:

Repare que todos os versos do poema têm sete sílabas poéticas. Leia as palavras e conte as sílabas, parando na última sílaba tônica.

A	lei	tu	ra é	mui	to	mais	
1	2	3	4	5	6	7	
do	que	de	ci	frar	pa	la	- vras.
1	2	3	4	5	6	7	
Quem	qui	ser	pa	rar	pra	ver	
1	2	3	4	5	6	7	
po	de a	té	se	sur	preen	der:	
1	2	3	4	5	6	7	
vai	ler	nas	fo	lhas	do	chão,	
1	2	3	4	5	6	7	
se é	ou	to	no ou	se é	ve	rão;	
1	2	3	4	5	6	7	[...]

A contagem das sílabas poéticas, neste verso, termina em **mais**, a última sílaba tônica.

A última sílaba depois da tônica fica fora da contagem.

Algumas vogais se fundem formando uma única sílaba poética.

AZEVEDO, Ricardo. Aula de leitura. In: _____. *Dezenove poemas desengonçados*. São Paulo: Ática, 2003, p. 41-42.

Escrever poemas com versos que tenham o mesmo número de sílabas poéticas não é nada fácil. Mas o efeito que isso provoca vale o esforço. O texto ganha ritmo e musicalidade, adquire mais expressividade e envolve quem o lê.

Mas, da mesma maneira que nem todos os poemas têm rimas, nem todos têm métrica regular. Os versos que não têm métrica regular são chamados **versos livres**. Grandes poetas dos últimos dois séculos, como Fernando Pessoa, Mario Quintana e Carlos Drummond de Andrade, entre muitos outros, expressam-se em versos livres.

ATIVIDADE 2 Cantando versos

1 Antes de ler o poema, responda às questões a seguir. E lembre-se: o que você já sabe o ajudará na leitura do texto.

a) Você já estudou sobre a vinda dos europeus para a América, na época das Grandes Navegações, lá por volta de 1500? Quais povos desembarcaram aqui no continente e se consideraram os descobridores da América e do Brasil?

b) Em sua opinião, como se sentiam esses homens que se lançavam ao mar em aventuras arriscadas que duravam meses e que tinham destino pouco conhecido?

c) Você já ouviu falar em Fernando Pessoa? Leia abaixo a biografia do poeta e imagine do que poderia tratar o poema *Mar português*, escrito por ele.

Fernando Pessoa



O poeta nasceu em Lisboa, Portugal, em 1888. É considerado um dos maiores poetas da língua portuguesa de todos os tempos. Mas o interessante é que Pessoa era *um* e *vários* poetas ao mesmo tempo: ele tinha vários **heterônimos**, ou seja, ao escrever, assumia outras personalidades como se fossem pessoas reais. Os heterônimos de Pessoa são autores fictícios tratados como se tivessem uma existência de fato: nascem, morrem, produzem obras etc.

Fernando Pessoa criou mais de 70 personagens-escritores, mas os heterônimos que se tornaram célebres foram Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis. Cada um deles tem uma biografia.

Alberto Caeiro nasceu em Lisboa, Portugal, em 16 de abril de 1889, e morreu em 1915, na mesma cidade, de tuberculose. Órfão de pai e mãe, viveu com uma tia no campo. Só teve instrução primária.

Álvaro de Campos nasceu em Tavira (extremo sul de Portugal), em 15 de outubro de 1890. Era engenheiro naval formado na Escócia e encantava-se com máquinas e velocidade.

Já Ricardo Reis nasceu na cidade do Porto, Portugal, em 19 de setembro de 1887. Estudou em colégio de jesuítas, formando-se em medicina; era monarquista e, por não concordar com o regime republicano, autoexilou-se no Brasil. Era mitólogo e gostava de estudar latim, grego e outros temas da cultura clássica.



2 Leia o poema a seguir e responda às questões propostas.

X. Mar português

Fernando Pessoa

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

PESSOA, Fernando. Mar português. In: _____. *Mensagem*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe000004.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

a) Do que trata o poema?

b) O poema tem a ver com aquilo que você imaginou antes da leitura? Retome sua resposta ao item c da questão 1 e anote o que é semelhante e o que é diferente do que você pensou.

c) Marque, ao final de cada verso, as palavras que rimam. Organize as rimas seguindo a explicação dada anteriormente, dividindo em rima *a*, rima *b*, rima *c* e assim por diante. Você observa alguma regularidade?



d) Quantas sílabas poéticas há em cada verso? Faça a contagem no próprio poema.

e) As rimas dão sonoridade ao poema. É um desafio para o poeta usar palavras diferentes que repetem o mesmo som, sem se afastar do assunto. Você vê alguma relação de sentido entre as palavras rimadas? Qual?

f) Observe os sinais de pontuação que aparecem no final dos versos pares. O que muda na leitura o fato de o poeta usar na primeira estrofe o sinal de exclamação [!] e, na segunda, o ponto-final [.]?

3 Agora que você já conhece alguns dos heterônimos de Fernando Pessoa, leia o poema a seguir, extraído do livro *O guardador de rebanhos* (1911-1912), de Alberto Caeiro. Depois, responda às questões propostas.

XIV - Não me importo com as rimas

Alberto Caeiro

Não me importo com as rimas. Raras vezes
Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra.
Penso e escrevo como as flores têm cor
Mas com menos perfeição no meu modo de exprimir-me
Porque me falta a simplicidade divina
De ser todo só o meu exterior

Olho e comovo-me,
Comovo-me como a água corre quando o chão é inclinado,
E a minha poesia é natural como o levantar-se vento...

PESSOA, Fernando (Alberto Caeiro). Não me importo com as rimas. In: _____. *O guardador de rebanhos*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=15723>. Acesso em: 25 fev. 2014.



a) Do que trata o poema?

b) No poema, os versos não têm rima, nem a métrica é regular. Como Caeiro justifica, no poema, essa escolha?

c) O livro *Guardador de rebanhos* é formado por diversos poemas. Neles, há várias comparações entre as sensações humanas e os elementos da natureza. Comparações assim acontecem nesse poema que você acabou de ler? Justifique sua resposta.

HORA DA CHECAGEM

Confira agora o que você escreveu nas atividades. Lembre-se de que há muitas maneiras de elaborar uma resposta correta. Se for necessário, complete o que escreveu. Uma resposta pode estar correta mesmo que tenha sido escrita com palavras diferentes das que você vai ler a seguir.

Atividade 1 – Aula de leitura

1 As respostas para as questões desse exercício são bastante pessoais, mas, ao responder, será preciso levar em conta informações dadas ao longo do Tema 1.

a) Nessa questão, você não deve ter ignorado que a disposição do texto na página é típica dos poemas. Os versos são frases curtas, que não ocupam a linha toda. Estão organizados, em sua maioria, de dois em dois, um abaixo do outro, de modo diferente dos outros textos deste Caderno.

b) e c) Novamente, você deve ter escrito com base na sua experiência pessoal e enriqueceu-a com a leitura da biografia do autor, que oferece informações sobre as obras e o trabalho dele como professor e pesquisador. Dados como esses podem ter adiantado ideias sobre o poema *Aula de leitura*, como pensar que o autor vai fazer do poema uma aula sobre leitura ou sobre literatura, que poderá se dirigir a estudantes, que tratará de elementos da cultura popular, já que o autor também é um pesquisador do folclore e da cultura brasileira. Você deve ter lembrado suas aulas de leitura, dentro ou fora da escola, para responder a essas questões.



2

- a) Depois de ler o poema, você precisou comparar suas hipóteses sobre o texto e aquilo que pensou depois de lê-lo. O que a leitura trouxe de novo às suas ideias iniciais? Você imaginava que a aula de leitura fosse tratar da leitura de folhas, ondas e frutas?
- b) Essa questão pode ter sido respondida com diferentes partes do poema. Muitas delas trazem sonoridades semelhantes, como: “e no pelo do cachorro, se é melhor gritar socorro; e na cinza da fumaça, o tamanho da desgraça; e no tom que sopra o vento, se corre o barco ou vai lento”. Nesses trechos, por exemplo, as palavras do final dos versos não foram escolhidas ao acaso, pois rimam e trazem musicalidade ao texto.
- c) Na resposta, você deve ter ressaltado que o *olhar*, nesse poema, parece algo muito mais difícil de ser lido, já que por *olhar* pode-se entender uma pessoa e seus sentimentos, seu mundo interior, algo muito mais inacessível do que os elementos apresentados nos versos anteriores.
- d) Você deve ter confirmado que tanto o poema quanto a afirmação fornecida pela questão tratam da leitura de modo amplo, para além das letras. Mesmo que não haja palavras, as pessoas fazem leituras daquilo que as cerca, podem compreender acontecimentos sociais e da natureza pela observação, pela experiência de vida.
- e) Ao responder à questão, você deve ter levado em consideração as leituras que faz de elementos da natureza, imagens, sons e odores que estão à sua volta.

Atividade 2 - Cantando versos

1

- a) e b) Essas questões exigiram que você recuperasse informações sobre a chegada dos europeus à América. Esse momento histórico se refere à época em que portugueses, espanhóis, franceses, ingleses e holandeses se lançaram ao mar em busca de novas terras, ainda desconhecidas, e de riquezas naturais que pudessem explorar. Os portugueses tiveram papel de destaque nessa empreitada e conquistaram boa parte do território americano, em especial, as terras brasileiras. Muitos relatos dessa época registraram que as viagens que faziam eram incertas, cheias de perigos e dificuldades. As caravelas eram movidas pelo vento, os caminhos eram pouco conhecidos, o tempo de viagem era muito longo, as condições de saúde e alimentação, precárias. Os aventureiros que se lançavam ao mar partiam sem a certeza de que voltariam vivos.
- c) A leitura da biografia de Fernando Pessoa pôde chamar à lembrança algum poema deste escritor. Permitiu que você imaginasse que o poema *Mar português* fosse falar sobre Portugal, sua paisagem, cultura e história. Nesse momento, porém, são suas hipóteses que têm valor. Aquilo que você anotou é bastante pessoal e deve ser considerado.

2

- a) Pela leitura, você deve ter percebido que o poema refere-se ao mar de Portugal, ao momento histórico das Grandes Navegações. O texto trata da dor e dos sacrifícios dos portugueses quando se lançavam ao mar em busca de novas terras.
- b) Compare sua resposta com a hipótese que levantou sobre o que o surpreendeu no poema. Naquele momento, você imaginava que ele falaria ao mar?
- c) Você deve ter seguido a explicação feita no poema *Aula de leitura* e marcado as rimas, observando a regularidade que aparece nos pares de versos, organizando-as da seguinte maneira:

Ó mar salgado, quanto do teu sal	a – 10 sílabas
São lágrimas de Portugal!	a – 8 sílabas
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,	b – 10 sílabas
Quantos filhos em vão rezaram!	b – 8 sílabas
Quantas noivas ficaram por casar	c – 10 sílabas
Para que fosses nosso, ó mar!	c – 8 sílabas
Valeu a pena? Tudo vale a pena	d – 10 sílabas
Se a alma não é pequena.	d – 8 sílabas
Quem quer passar além do Bojador	e – 10 sílabas
Tem que passar além da dor.	e – 8 sílabas
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,	f – 10 sílabas
Mas nele é que espelhou o céu.	f – 8 sílabas

d) Se você contou as sílabas poéticas de cada verso, percebeu que o poeta intercalou versos com 10 e versos com 8 sílabas poéticas, seguindo o padrão ao longo de todo o poema.

e) Se você prestou atenção às rimas, viu que o poeta faz um jogo muito interessante entre as palavras que usa. Por exemplo, a associação feita pelas primeiras rimas entre “sal” e “Portugal” reforçam a ideia de que no nome do país ecoam as tristezas de sua história, pelo sal das lágrimas, pelo sal do mar. A palavra “pena”, na segunda estrofe, pode ser lida dentro da palavra “pequena”, no verso seguinte. O “Bojador”, também na segunda estrofe, era conhecido como Cabo do Medo, nos séculos XV e XVI, pois muitas embarcações não conseguiam ultrapassá-lo. No poema, “Bojador” rima com “dor”, sentimento que também se coloca como algo a ser superado. Você pode ter estabelecido outras relações. Também pode ter percebido como as rimas são criadas de modo intencional, relacionando não apenas os sons das palavras, mas também seus sentidos.

f) O uso da pontuação sugere diferenças na leitura, o que é reforçado pela divisão das estrofes. O ponto de exclamação, nos versos da primeira estrofe, indica uma leitura cheia de emoção, como vida com dores vividas pelo povo português. O ponto de interrogação e o ponto-final, na segunda estrofe, dão um tom mais racional aos versos, como se ali os pensamentos se tornassem mais fortes do que os sentimentos.

3

a) Você tem diversos modos de dizer qual o assunto do poema. Pode ter escrito que o poema trata da própria poesia. Ou das relações entre o poema e a natureza. O assunto do texto também é o modo de escrever do eu lírico e como ele vê o mundo natural à sua volta.

b) Para responder, você deve ter retomado o texto sobre Fernando Pessoa e seus heterônimos. O fato de esse poema não ter regularidade nem nas rimas nem na métrica tem relação com o perfil do heterônimo de Pessoa, Alberto Caeiro. Ele era um homem do campo, apreciador da natureza e da forma como seus elementos são diferentes, mesmo sendo da mesma espécie: “Raras vezes/ Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra” ou “[...] minha poesia é natural como o levantar-se vento...”. O modo de Alberto Caeiro compreender o mundo é a justificativa para não seguir a métrica ou usar rimas. Isso pode explicar seu modo de escrever, que também é o assunto central do poema.



Além dos elementos estudados no Tema 1, existem outros inúmeros recursos que os poetas utilizam para criar a poesia em seus textos. Você estudou alguns, que se relacionam diretamente com a musicalidade dos poemas. Agora, vai saber mais sobre os procedimentos que transformam palavras de uso comum em linguagem figurada. Como você já leu neste material, esses procedimentos criam uma lógica diferente, que dá novos sentidos a palavras comuns, permitindo que elas ganhem maior força de expressão, mais originalidade. Quando são usadas como linguagem figurada, as palavras dão conta de expressar a força dos sentimentos, da profundidade dos mistérios da vida, da particularidade do olhar de um poeta sobre as coisas do mundo.

**O QUE VOCÊ JÁ SABE?**

1 Observe as frases a seguir e marque com X aquelas nas quais há palavras com sentido diferente do usual.

a) “Minha vida, nossas vidas/formam um só diamante.”

ANDRADE, Carlos Drummond de. Canção amiga. In: _____. *Antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 164.
© Graña Drummond. <<http://www.carlosdrummond.com.br>>.

b) Todas as vidas são importantes na Terra.

c) “De nuvem no espaço, não há um farrapo,”

ASSARÉ, Patativa do. *Cante lá que eu canto cá*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 55.

d) O calor está tão forte que não há nenhuma nuvem no céu.

e) O amor é um sentimento muito lindo.

f) “O amor é um fogo que arde sem se ver,”

CAMÕES, Luis Vaz de. *Sonetos*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1872>. Acesso em: 25 fev. 2014.

g) Eu sou um daqueles que para viajar levo um paraquedas.

h) Quando viajo, sou muito cuidadoso com a arrumação de minha bagagem.

2 Escolha uma das frases que você assinalou no exercício anterior e comente o significado que a palavra ganhou com o uso pouco comum.



3 Na alternativa *f* do exercício 1, o verso de Camões se vale da palavra “fogo” para dizer o que é o amor. Que características você acha que há em comum entre este sentimento (amor) e o fogo?

Nos séculos XV, XVI e XVII eram comuns livros de figuras que simbolizavam ideias, sentimentos, como o amor, a esperança, a harmonia. Essas figuras eram chamadas de *emblemas*. A imagem que você vê a seguir era, na época em que foi publicada, o emblema da poesia.

O emblema é uma forma alegórica, que consta de corpo (imagem) e alma (discurso). Seu uso é público e geralmente tem finalidade político-moral.

Observe cada elemento desse emblema e reflita como eles se relacionam à poesia.

Emblema da poesia



RIPA, Cesare. *Iconologia*. Madri: Akal, 1996, p. 219.

**ASSISTA!****Língua Portuguesa – Volume 3***O que os poetas fazem com as palavras*

O vídeo mostra que cada autor chega aos poemas por caminhos diversos. O consagrado poeta e tradutor Paulo Henriques Britto e a jovem poeta paulista Annita Costa Malufe desvendam o fazer poético com base em suas próprias experiências. Como surge um poema? Qual é a importância do ritmo, do som das palavras? Um poema precisa de quanto tempo para ficar pronto? A narrativa do vídeo é pontuada por animações tipográficas de poemas de Paulo Henriques e Annita.

**Denotação e conotação**

No exercício 1 da seção *O que você já sabe?*, as frases *a*, *c*, *f* trazem expressões que não significam apenas o que está no dicionário; a elas é acrescentado outro sentido, pouco usual, chamado **sentido conotativo**: *vidas/diamantes*, *farrapo de nuvem*, *amor que arde como um fogo invisível*...

Quando as palavras podem ser interpretadas em seu sentido usual, dicionarizado, diz-se que elas estão em **sentido denotativo**. É o que ocorre nas frases *b*, *d*, *e*; ali, *vida*, *nuvem* e *amor* têm o significado comum, literal.

O sentido figurado ou conotativo não surge apenas com base no contexto em que a palavra aparece. Depende também do leitor, que usa sua experiência e seu conhecimento de mundo para interpretar o texto.

Observe como isso ocorre no texto a seguir:

Minha namorada

Vinícius de Moraes e Carlos Lyra

[...]
Os seus olhos têm de ser só dos meus olhos
Os seus braços o meu ninho
No silêncio de depois
E você tem que ser a estrela derradeira
Minha amiga e companheira
No infinito de nós dois

Universal Music Publishing Group/MCK Produções Artísticas



O que você achou do texto? Já sentiu isso por alguém?

Nesse belo poema sobre o amor, o eu lírico faz uma declaração à namorada. Para tratar de sentimentos tão bonitos, ele escolheu palavras e relacionou-as de modo a expandir o sentido que elas comumente possuem.

A palavra “ninho”, por exemplo, no sentido denotativo, teria a ver apenas com o mundo animal, com passarinhos. No poema, porém, o leitor precisa ampliar esse sentido, somar à ideia de ninho todo o aconchego proporcionado pelo corpo da amada depois do amor.

O mesmo ocorre com “estrela derradeira”. No poema, a estrela é a amada, que ganha os atributos da última estrela vista, daquela que é amiga e companheira até o último momento.

Esse processo que aproxima dois elementos de universos diferentes (ninho e corpo da amada; estrela e amada), de modo a criar um novo sentido para uma palavra ou expressão, é chamado **metáfora**.

Para perceber as metáforas em um texto, o leitor precisa captar as relações estabelecidas entre as palavras, perceber a característica comum entre elas e produzir os novos sentidos. Isso exige que o leitor use sua experiência de vida, sensibilidade e criatividade.



Metáfora e comparação metafórica

Qual é a diferença entre dizer “E os seus braços o meu ninho” e “os seus braços me aconchegam como um ninho”?

Repare que o uso do conector *como* indica explicitamente que aí está feita uma comparação. Quando há uma comparação declarada, a **metáfora** se transforma em uma **comparação metafórica**.

Nesses casos, usa-se um conector (*como*) e é possível declarar o elemento comum entre os dois universos aproximados (aconchego).

Tanto a metáfora como a comparação metafórica apresentam uma nova maneira de ver o mundo, uma maneira poética de dar significado às coisas. Ambas provocam uma identificação entre uma coisa e outra.



ATIVIDADE 1 Comparações e metáforas

Observe que em todas as comparações metafóricas há sempre palavras ou expressões que estabelecem a relação entre os termos comparados. Alguns dos **conectivos comparativos** são: *como, feito, que nem, assim como, tal, tal qual*.

Já nas metáforas as relações entre os elementos se darão de forma direta.

1 Os textos a seguir são fragmentos de poemas selecionados por Italo Moriconi para serem publicados na antologia *Os cem melhores poemas brasileiros do século* (2000).

Identifique nos fragmentos se os versos sublinhados apresentam metáforas ou comparações metafóricas. Anote depois de cada um deles qual das figuras de linguagem você reconheceu.

Poema 1

Sobre um mar de rosas que arde

Pedro Kilkerry

Sobre um mar de rosas que arde
Em ondas **fulvas**, distante,
Erram meus olhos, diamante,
Como as naus dentro da tarde.
[...]

KILKERRY, Pedro. Sobre um mar de rosas que arde. In: MORICONI, Italo (Org.). *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. São Paulo: Objetiva, 2000, p. 43.



Fulvo

Nome de uma cor amarelada, alaranjada, ocre.

Sobre um mar de rosas que arde

Erram meus olhos, diamante,/Como as naus dentro da tarde.

Poema 2

Versos íntimos

Augusto dos Anjos

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
 Enterro de tua última **quimera**.
 Somente a Ingratidão – esta pantera –
 Foi tua companheira inseparável!
 [...]

ANJOS, Augusto dos. Versos íntimos. In: _____. *Eu e outras poesias*.
 Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1772>. Acesso em: 25 fev. 2014.

**Quimera**

Fantasia, sonho, utopia.

Somente a Ingratidão – esta pantera –

Poema 3

Tercetos

Olavo Bilac

Noite ainda, quando ela me pedia
 Entre dois beijos que me fosse embora,
 Eu, com os olhos em lágrimas dizia:

 “Espera ao menos que desponte a aurora!
 Tua **alcova** é cheirosa como um ninho...
 E olha que escuridão há lá por fora!
 [...]

BILAC, Olavo. Tercetos. In: _____. *Alma inquieta*.
 Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1996>. Acesso em: 25 fev. 2014.

**Alcova**

Quarto de dormir, aposento.

Tua alcova é cheirosa como um ninho...

Poema 4

Psicologia da composição

João Cabral de Melo Neto

[...]
Saio de meu poema
como quem lava as mãos.

Algumas conchas tornaram-se,
que o sol da atenção
cristalizou; alguma palavra
que desabrochei, como a um pássaro.
[...]

MELO NETO, João Cabral de. *Psicologia da composição*. In: MORICONI, Ítalo (Org.). *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. São Paulo: Objetiva, 2000, p. 165.

Saio de meu poema/como quem lava as mãos.

2 Agora você vai criar comparações metafóricas usando as palavras que estão no quadro a seguir.

camaleão, leão, rosa, lírio, vermelho, branco, engolir, ruminar, casa, luz, sentimento, rio, estrada, brilhante, subterrâneo, impetuoso, tempo, livro, saudade

Para estabelecer a comparação, não se esqueça de usar os conectores. Veja o exemplo:

- *Meu pensamento é **como** um rio subterrâneo.*

Depois, transforme as comparações em metáfora. Veja o exemplo:

Meu pensamento é um rio subterrâneo.

ATIVIDADE 2 Leitura de poema

1 Antes de ler o poema do poeta gaúcho Mario Quintana, veja a “aparência” do texto e responda às questões.

a) Escreva o que você observou sobre a forma do poema de Mario Quintana.

b) Quais são os temas mais comuns nos sermões de padres, pastores ou outros líderes religiosos?

2 Leia o poema e, depois, responda às questões.

Se eu fosse um padre

Mario Quintana

Se eu fosse um padre, eu, nos meus sermões,
não falaria em Deus nem no Pecado
– muito menos no Anjo Rebelado
e os encantos das suas seduções,

não citaria santos e profetas:
nada das suas celestiais promessas
ou das suas terríveis maldições...
Se eu fosse um padre eu citaria os poetas,

Rezaria seus versos, os mais belos,
desses que desde a infância me embalaram
e quem me dera que alguns fossem meus!

Porque a poesia purifica a alma
...e um belo poema – ainda que de Deus se aparte –
um belo poema sempre leva a Deus!

QUINTANA, Mario. Se eu fosse um padre. In: _____. *Nova antologia poética*. Rio de Janeiro: Alfabeta, nova edição no prelo.



a) Em sua opinião, como é a proposta do eu lírico em relação às rezas que ele faria?

b) O eu lírico apresenta, no primeiro verso, uma condição (“se eu fosse um padre”) e diz que, diferentemente dos padres, “não falaria em Deus nem nos Pecados”. Mas só na última estrofe explicita por que não faria o que os padres costumam fazer. Qual é esse motivo?

c) Repare na ordem das rimas. Há regularidade nelas? O poema de Mario Quintana obedece a algum esquema de rimas?

d) Considerando sua resposta ao exercício anterior, você acha que essa característica combina com um padre que reza versos? Justifique sua resposta.

e) Em seu caderno, crie um poema cujo título seja: *Se eu fosse um poeta*. Procure organizar os versos quanto a estrofes, rimas e métrica. Caso prefira, você pode escrever versos brancos e livres, mas procure observar o ritmo e a musicalidade. Escolha palavras e relacione-as por meio de metáforas e comparações metafóricas.



**ASSISTA!***A poesia de Ferreira Gullar*

Nesse vídeo, Ferreira Gullar, o mais importante poeta brasileiro da atualidade, em atividade há 60 anos, diz que nunca sabe sobre o que vai escrever: o acaso tem papel fundamental em seu trabalho. O vídeo trata da busca poética de Ferreira Gullar ao longo dos anos, destacando sua aproximação com as artes plásticas. E apresenta animações tipográficas de poemas do autor.

**PENSE SOBRE...**

O poeta maranhense Ferreira Gullar escreveu em um artigo:

[...] Não é só através da arte que o homem se inventa e inventa o mundo em que vive: a ciência, a filosofia, a religião também participam dessa invenção, sendo que cada uma delas o faz de maneira diferente [...]. Se a filosofia inventasse a vida do mesmo modo que a ciência ou a religião o faz, não haveria por que a filosofia existir. [...]

GULLAR, Ferreira. Um novo realismo. *Folha de S.Paulo*, 27 nov. 2011. Ilustrada, p. E8. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/11333-um-novo-realismo.shtml>> (Acesso restrito). Acesso em: 16 abr. 2014.

E quanto à poesia: De que maneira ela pode ajudá-lo a inventar ou a reinventar o mundo?

HORA DA CHECAGEM

Agora você vai verificar suas respostas para as atividades propostas. Leia com atenção o que escreveu para fazer ajustes, correções e complementações, se necessário.

Atividade 1 - Comparações e metáforas

1 Para identificar as metáforas e comparações metafóricas nos poemas, você deve ter ficado atento à presença ou não dos conectivos comparativos. Confira suas respostas:

Poema 1

Sobre um mar de rosas que arde – metáfora

Erram meus olhos, diamante,/Como as naus dentro da tarde. – comparação metafórica

Poema 2

Somente a Ingratidão – esta pantera – metáfora



Poema 3

Tua alcova é cheirosa como um ninho... – comparação metafórica

Poema 4

Saio de meu poema/como quem lava as mãos. – comparação metafórica

2 Nesse exercício, foi sua criatividade que teve de entrar em ação! Utilizando as palavras relacionadas no quadro, você pôde estabelecer inúmeras comparações. E, para formar as frases e expressar uma imagem, foi preciso acrescentar outras palavras, em especial os conectivos comparativos. Veja algumas possibilidades:

*As horas se demoram a passar **como se** um leão ruminasse o tempo.*

*Meu sentimento brilha **feito** lírio branco.*

*No retorno à casa de meus pais vi-me **tal qual** camaleão.*

*Esse livro é **que nem** um rio brilhante que me leva ao mar de mim.*

Na transformação das comparações em metáforas, as frases precisam ser modificadas com a retirada dos elementos da comparação:

As horas demoradas são o tempo ruminado por um leão.

Meu sentimento é lírio branco.

No retorno à casa de meus pais vi-me camaleão.

Esse livro é rio brilhante que me leva ao mar de mim.

Atividade 2 - Leitura de poema

1

a) A observação do poema já deve levá-lo a perceber a disposição dos versos na página. Você reparou que eles se organizam em 4 estrofes? Nas duas primeiras estrofes, há 4 versos; nas duas últimas, 3 versos. Você observou outros aspectos além desses? Nessa resposta é importante considerar as particularidades do olhar de cada leitor, portanto, você pode ter ido além do que foi escrito aqui.

b) Nessa resposta, vale sua experiência pessoal e o que você sabe sobre sermões. Em geral, esses discursos falam de como as pessoas devem agir diante das dificuldades, transmitem lições de vida, preceitos religiosos, ensinamentos sobre a alma, sobre como se deve lidar com o outro, o que se deve esperar da vida e da morte.

2

a) Depois de ler o poema, você pode ter respondido que o eu lírico tem uma proposta incomum para as rezas que fazia. De acordo com o texto, em vez de orações, ele rezaria poemas: “Rezaria seus versos, os mais belos,/desses que desde a infância me embalaram/e quem me dera que alguns fossem meus!”

b) O motivo apresentado pelo eu lírico se relaciona ao fato de que, para ele, “a poesia purifica a alma” e “um belo poema sempre leva a Deus”. O poema exalta a poesia e considera que as palavras dos poetas, mais que a dos santos e profetas, serviriam ao propósito de um padre.

c) Você pode ter concluído que, nesse poema de Mario Quintana, as rimas respeitam um padrão apenas na primeira estrofe (*abba*). Nas outras, conforme a ideia dos sermões inusitados, as rimas vão variando, sem seguir uma organização fixa.



d) Essa relação entre o “como se diz” e “o que se diz” é central na resposta dessa questão, já que o eu lírico faz uma proposta de romper com a tradição na hora de rezar seus sermões, rompendo também com o padrão das rimas.

e) Nessa questão, você foi o poeta. Assumiu o lugar daquele que inventa uma maneira de ver o mundo e expressá-lo em palavras. Se você fosse um poeta, do que iria falar? Como esse assunto lhe chegaria aos olhos, à mente, ao coração? A recomendação foi que você escrevesse livremente, lançando as palavras no papel, olhando sua forma e sentido, percebendo sua sonoridade. Depois de ter conferido suas respostas, volte ao texto que escreveu e aprimore suas escolhas iniciais, substituindo-as por outras mais expressivas, consulte o dicionário, procure sinônimos que se encaixem melhor em um verso ou outro. Leia seu texto em voz alta, experimente diferentes usos da pontuação, brinque com o ritmo... Esse deve ser um exercício prazeroso, que alcance sua sensibilidade e o coloque em contato com a magia da poesia.



Registro de dúvidas e comentários

Lined area for writing notes and comments.

